



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**ROSANGELA BEZERRA ALVES**

**PRIMEIRAS OCUPAÇÕES RESIDENCIAIS DA RUA DE SÃO JORGE NO BAIRRO  
DO RECIFE: UM ESTUDO DAS ESTRUTURAS  
ARQUEOLÓGICAS/ARQUITETÔNICAS DA QUADRA 55 NA ÁREA DO PILAR,  
RECIFE-PE**

**Recife  
2016**

ROSANGELA BEZERRA ALVES

Primeiras Ocupações Residenciais da Rua de São Jorge no Bairro do Recife: Um estudo das Estruturas Arqueológicas/Arquitetônicas da Quadra 55 na área do Pilar, Recife-PE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da UFPE, Departamento de Arqueologia, como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Arqueologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Catarina Peregrino Torres Ramos

Recife

2016

Catálogo na fonte  
Bibliotecário Rodrigo Fernando Galvão de Siqueira, CRB4-1689

A474p Alves, Rosângela Bezerra.  
Primeiras ocupações residenciais da Rua de São Jorge no Bairro do Recife : um estudo das estruturas arqueológicas da Quadra 55 na área do Pilar, Recife-PE / Rosângela Bezerra Alves. – 2016.  
103 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Catarina Peregrino Torres Ramos.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife, 2016.  
Inclui referências.

1. Arqueologia. 2. Representações arquitetônicas. 3. Urbanização. 4. Arquitetura e história. 5. Recife (PE) I. Ramos, Ana Catarina Peregrino Torres (Orientadora). II. Título.

930.1 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-052)

ROSANGELA BEZERRA ALVES

Primeiras Ocupações Residenciais da Rua de São Jorge no Bairro do Recife: Um estudo das Estruturas Arqueológicas/Arquitetônicas da Quadra 55 na área do Pilar, Recife-PE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arqueologia

Aprovada em: 13/09/2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Catarina Peregrino Torres Ramos (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Fernando Antonio Guerra de Souza (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Sérgio Francisco Serafim Monteiro da Silva (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. José Luiz Mota Menezes (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Pernambuco

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas as pessoas que de uma forma ou de outra me ajudaram para que este trabalho fosse concluído.

Em especial, agradeço a professora Ana Catarina, que sempre foi para mim muito mais do que uma orientadora, uma grande amiga, que sempre me incentivou e nunca me deixou sair do foco.

Agradeço ao Professor Mozart Neves por todo o incentivo que me destinou sem o qual jamais poderia ter continuado nesta trajetória.

A minha amiga Manuela Matos por ter me inserido no mundo da arqueologia, através do qual conheci pessoas e lugares maravilhosos.

A Minha amiga Ilca Pacheco, pela sólida amizade construída, e por todos os ensinamentos no Pilar e em outros campos que se transformaram em valiosas orientações.

Ao meu grande amigo André Campelo a quem tenho muito apreço, por todas as horas de trabalhos juntos e por toda paciência para comigo nos momentos que solicitei sua ajuda.

Agradeço a minhas amigas Carolina Sá, Aliane e Sabrina, pelo apoio e momentos de descontração que foram necessários para aliviar a tensão.

A minha amiga Stela Barthel por sua solicitude e incentivo, além de todo material de pesquisa que me disponibilizou.

A todos os professores da pós- graduação por todos os ensinamentos que sempre deram aos estudantes.

A todos os funcionários do CFCH que se tornaram amigos, em especial a Nelson, pelos abraços acolhedores, por sua simpatia e disponibilidade sempre que precisei; e a Luciane Borba, por sua paciência para com os estudantes da pós-graduação.

## RESUMO

Entre os anos de 2010 e 2014 uma série de intervenções arqueológicas foi realizada no Bairro do Recife, na área da Comunidade do Pilar, no âmbito do Projeto de Requalificação Urbanística da referida comunidade. Dentre os vestígios arqueológicos encontrados em uma das quadras pesquisadas (Q55), que margeia a Rua de São Jorge, ressaltamos edificações remanescentes de antigas construções ali erguidas. Um conjunto de 14 fundações históricas de grande potencial informativo que materializaram as ações de povos do passado. Esses achados levantaram ao questionamento a cerca dessas edificações, se corresponderiam às primeiras residências erguidas na referida Rua de São Jorge. Desse modo, este trabalho teve por objetivo a realização de análises dos elementos que permitiram situar essas edificações cronologicamente. Para alcançar este objetivo, foi empregada uma metodologia que envolve estudos históricos, cartográficos, iconográficos e análise das estruturas arquitetônicas encontradas. O uso do espaço, a ocupação do “chão” nos levou a entender os momentos determinantes que se refletiram naquele espaço construído.

Palavras-chave: Uso do espaço. Técnicas construtivas. Estruturas arquitetônicas históricas. Bairro do Pilar.

## **ABSTRACT**

Between 2010 and 2014 a series of archaeological excavations were carried out in Recife, in the area of Pilar Community, under the Project of Urban Renewal of that community. Among the archaeological remains found in one of the surveyed block (Q55), which runs along the São Jorge street, we emphasize remaining structures of old buildings erected there. A set of 14 historical foundations of great informative potential that materialized the actions of the people of the past. These findings raised the question about these buildings, if they would correspond to the first homes built in the São Jorge street. Thus, this study aimed at the analysis of the factors by which to chronologically situate these buildings. To accomplish this, we used a methodology that involved historical, cartographic and iconographic studies, and analysis of the architectural structures found. The use of space, the occupation of the "floor" has led us to understand the decisive moments that reflected in that space built.

Keywords: Space usage. Constructive techniques. Historical architectonic structures. Pilar Borough.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fluxograma da metodologia do trabalho .....	25
Figura 2 – Istmo de Olinda- Pintura atribuída a Frans Post, 1640 .....	27
Figura 3 – Detalhe do mapa de 1616- Perspectiva do Ressife e Villa de Olinda .....	28
Figura 4 – Forte de São Jorge. Detalhe da gravura de Joan Bleau, 1643 .....	29
Figura 5 – Ataque da frota holandesa ao Recife. Gravura de Joan Bleau, 1643 .....	30
Figura 6 – Detalhamento do plano do sistema de defesa da Villa do Recife .....	32
Figura 7 – Igreja de Nossa Senhora do Pilar .....	33
Figura 8 – Demolição da Igreja do Corpo Santo em 1913 .....	36
Figura 9 – Aterro para os armazéns e docas no porto do Recife em 1910 .....	36
Figura 10- Rua do Pilar, meados do século XX .....	38
Figura 11 – Rua do Pilar, início da ocupação da favela do rato .....	40
Figura 12 – Plano de Revitalização do Bairro do Recife, 1993 .....	41
Figura 13 – Área do Polo Pilar .....	42
Figura 14 – Área do Projeto de Requalificação Urbanística do Pilar .....	43
Figura 15 – Quadra 55 .....	45
Figura 16 – Artefatos encontrados durante a escavação da quadra 55 .....	46
Figura 17 – Panorama das estruturas das casas as quadra 55 .....	46
Figura 18 – Malha da escavação arqueológica .....	47
Figura 19 – Esqueleto humano abaixo das estruturas da quadra 55 .....	48
Figura 20 – Malha com a localização de alguns dos esqueletos encontrados na quadra 55 .....	49
Figura 21 - Planta baixa do sobrado colonial .....	53
Figura 22 – Tipos de edificações coloniais .....	54
Figura 23 – Estrutura em taipa ou taipal .....	56
Figura 24 - Casa de taipa –Serra Talhada Pernambuco .....	57
Figura 25 – Processo de produção do adobe .....	59
Figura 26 – Casa sendo edificada em Pau a pique .....	60
Figura 27 – Estrutura de pau a pique .....	61
Figura 28 – Detalhe da parede de cantaria .....	63
Figura 29 – Muro em alvenaria de pedra seca .....	64
Figura 30- Alvenaria mista em pedra e tijolo .....	65
Figura 31- 1609, Perspectiva de Pernambuco .....	66

Figura 32 – Detalhe do mapa de 1626- Albernaz I .....	67
Figura 33 – Detalhe do mapa de Nicolaes Visscher de 1640 .....	68
Figura 34 - Olinda vista do mar de 1632 .....	68
Figura 35 – Recife, 1644- Caerte Vande Haven Van .....	69
Figura 36- Evolução urbana no istmo em 1631 .....	70
Figura 37- Configuração do istmo em 1648 .....	71
Figura 38 – configuração do istmo em 1733 .....	71
Figura 39- Recife 1739 Planta do Projeto de Fortificação da Villa do Recife de Pernambuco .....	72
Figura 40- Recife 1759 Planta e Plano da Villa da Santo Antonio do Recife de Pernambuco .....	73
Figura 41- Recife 1763, Planta Genográfica da Villa de S, Antonio do Recife de Pernambuco .....	73
Figura 42- Recife 1763, Detalhe da Planta Genográfica da Villa de S. Antonio do Recife de Pernambuco .....	74
Figura 43- Detalhe da legenda da Planta Genográfica da Villa de S. Antonio do Recife de Pernambuco .....	74
Figura 44 - Configuração ocupacional e urbana do istmo .....	75
Figura 45 - Recife, 1771 Detalhe do Plano da Villa de S. Antonio do Recife de Pernambuco .....	75
Figura 46 - 1808 Plano do Porto e Praça de Pernambuco .....	76
Figura 47- Detalhe do Plano do Porto e Praça de Pernambuco .....	76
Figura 48- Prancha de 1808 .....	77
Figura 49- Desenvolvimento e urbanização do entorno da quadra 55 .....	77
Figura 50- Configuração da paisagem após aterros .....	78
Figura 51- Surgimento de novas quadras e ruas .....	79
Figura 52 Nova configuração do istmo- .....	79
Figura 53- Planta da quadra 55 de 1909 de Douglas Fox .....	80
Figura 54- Planta baixa da COMPESA das casas da quadra 55 .....	81
Figura 55- 1º tentativa de sobreposição- .....	82
Figura 56- 2ª tentativa de sobreposição .....	84
Figura 57- Estratigrafia da casa 5 .....	86
Figura 58- Limite oeste do istmo na casa 1 .....	87
Figura 59- Estratigrafia dos aterros na casa 3 .....	88

Figura 60- Alvenaria de pedra e cal nas casas 6 e 7.....	89
Figura 61- Estruturas da casa 1 .....	90
Figura 62- Cômodo do fundo da casa 1 .....	91
Figura 63 Detalhe da soleira da casa 1 .....	91
Figura 64- Vista da divisão de cômodos da casa 2 .....	92
Figura 65- Detalhe da soleira da casa 2 .....	92
Figura 66- Soleira divisória de cômodos da casa 2 .....	93
Figura 67- Remanescente da fundação da parede frontal da casa 3 .....	93
Figura 68- Fundação da parede divisória entre as casas 2 e 3 .....	94
Figura 69- Fundação da parede posterior da casa 3.....	95
Figura 70-Fundação da parede divisória entre as casas 3 e 4 .....	95

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E REFERENCIAIS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>18</b>
<b>3 EVOLUÇÃO URBANA DO BAIRRO DO RECIFE .....</b>	<b>26</b>
<b>3.1 O Início da ocupação .....</b>	<b>26</b>
<b>3.2 O Período holandês .....</b>	<b>30</b>
<b>3.3 Urbanização do istmo após o período holandês .....</b>	<b>32</b>
<b>3.4 O Bairro do Recife nos séculos XIX e XX .....</b>	<b>35</b>
<b>3.5 O Projeto de Requalificação Urbanística do Pilar .....</b>	<b>37</b>
<b>3.5.1 ACOMPANHAMENTO E PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO PILAR .....</b>	<b>44</b>
<b>4 TÉCNICAS CONSTRUTIVAS EM ALVENARIA NOS SÉCULOS XVII, XVIII E XIX .....</b>	<b>50</b>
<b>4.1 A Arquitetura de terra .....</b>	<b>55</b>
<b>4.1.1 A TAIPA .....</b>	<b>56</b>
<b>4.1.2 O ADOBE .....</b>	<b>58</b>
<b>4.1.3 O PAU-A-PIQUE (TAIPA DE MÃO OU DE SOPAPO OU DE SEBE) .....</b>	<b>59</b>
<b>4.2 Alvenaria de pedras e tijolos .....</b>	<b>61</b>
<b>4.2.1 CANTARIA .....</b>	<b>62</b>
<b>4.2.2 CANTARIA OU PEDRA APARELHADA .....</b>	<b>63</b>
<b>4.2.3 ALVENARIA DE PEDRA SECA .....</b>	<b>64</b>
<b>4.2.4 ALVENARIA MISTA .....</b>	<b>64</b>
<b>5 ANÁLISE DA ICONOGRAFIA E CARTOGRAFIA .....</b>	<b>66</b>
<b>6 ANÁLISE DA ESTRATIGRAFIA E DAS ESTRUTURAS .....</b>	<b>86</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>97</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é decorrente dos achados arqueológicos evidenciados a partir do acompanhamento<sup>1</sup> e pesquisa arqueológica realizado pela UFPE, Fundação Seridó e FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano, entre os anos de 2010 e 2014 nas obras de Requalificação Urbanística e inclusão social na área do Pilar, no bairro do Recife.

O projeto de requalificação previa a reestruturação do espaço ocupado pela comunidade do Pilar, provendo-os de moradia e equipamentos como postos de saúde, escolas, praças e mercado público. Foi implantado numa área de 32.880 m<sup>2</sup> e abrange seis quadras existentes numa área do Bairro do Recife incluída em área de proteção patrimonial definida como ZEP 9<sup>2</sup>, zona que abarca várias edificações, algumas em ruínas, de grande importância histórico-cultural para a cidade do Recife como a igreja do Pilar construída no século XVII após a demolição de uma das primeiras edificações erguidas ali, o Forte de São Jorge, construído de 1590 a 1603<sup>3</sup>.

O bairro do Recife faz parte do antigo Istmo de Olinda, porto dessa cidade, onde já no século XVI, fixaram-se grupos de pescadores e trabalhadores do porto, como primeiras ocupações que viriam a dar lugar ao Povoado dos Arrecifes, núcleo inicial da futura cidade do Recife.

Hoje o território do bairro do Recife possui todo seu perímetro tombado com inúmeros imóveis e espaços que contam a história do bairro ao longo dos cinco séculos de sua existência e que apresentam condições diferenciadas de conservação. Como área de preservação requer a necessidade do acompanhamento arqueológico em todas as obras ali realizadas que exijam grandes movimentações de terra.

---

<sup>1</sup> O acompanhamento arqueológico de obras é uma medida de minimização de impactos sobre o patrimônio, que se aplica a áreas de potencial arqueológico, onde obras são permitidas.

<sup>2</sup> Definida pela Lei municipal do uso e ocupação do solo de 1996, onde consta em seu Art. 14. Consideram-se Zonas Especiais de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural - ZEPH -, as áreas formadas por sítios, ruínas e conjuntos antigos de relevante expressão arquitetônica, histórica, cultural e paisagística, cuja manutenção seja necessária à preservação do patrimônio histórico-cultural do Município.

<sup>3</sup> Antes desse forte foi erguido o primitivo Forte de São Jorge, um pequeno forte ou simples bateria, conhecido como, “o velho Forte de São Jorge”: um forte de madeira construído a partir de 1578, do qual não há vestígios materiais. Segundo Cavalcanti, essa fortificação se situava onde hoje estão as ruínas do Forte Madame Brum, também conhecido como Forte do Buraco (Cavalcanti, 2009: p. 62-64).

Ao longo do acompanhamento arqueológico foram encontrados vestígios do cotidiano dos antigos moradores daquela parte da cidade. Dentre os vestígios arqueológicos encontrados no Pilar ressaltamos as estruturas das antigas construções existentes na quadra atualmente denominada de Q. 55, objeto desta pesquisa, que é margeada em seu lado leste pela Rua de São Jorge, local do primeiro arruado construído após haver sido erguida a Igreja do Pilar.

De grande potencial informativo essas estruturas, aliada aos documentos históricos como fonte de dados ampliará o conhecimento histórico, materializando as ações de povos do passado que deixaram ali parte de sua cultura, do local, da cidade e do período como um todo. Assim, a aplicação de um método de análise pertinente permitirá levantar dados que ampliem o cabedal de informações sobre as construções daquele espaço urbano.

O uso do espaço, a ocupação do “chão” nos leva a entender os momentos determinantes que se refletem no espaço ali construído. A forma de construir atravessa gerações. No entanto certas peculiaridades nos remetem a períodos específicos que nos asseguram um limite cronológico dentro de uma história já bastante conhecida da cidade do Recife (CAVALCANTI, 1977; COSTA, 1984; PONTUAL, 2001; ARRAIS, 2004).

Os diversos momentos históricos e a prática usual da “reforma” aplicada nos imóveis gera uma estratigrafia onde técnicas construtivas mais recentes são continuamente incorporadas

Em particular, os sítios históricos, como os que foram encontrados no bairro do Recife, carregam em suas dimensões físicas, notável acúmulo de fragmentos resultantes das dominações portuguesas e holandesas, e de ocupações ocorridas posteriormente, sendo necessária especial atenção, uma vez que no interior das estruturas antigas evidenciadas podem ser encontradas diferentes práticas arquitetônicas, reflexo dessa dinâmica histórico-cultural pela qual a cidade tem passado.

Historicamente, a área central do Recife, considerada como área de preservação, passou por um grande desenvolvimento ao longo dos séculos com muitas transformações engrenadas por interesses em busca de melhorias econômicas, a partir da valorização portuária e da construção de prédios públicos na área.

O antigo bairro portuário do Recife surge como um assentamento espontâneo, determinado pela forma estreita do istmo, a partir de um conglomerado de pescadores no século XVI. No decorrer desse século o istmo torna-se munido de fortificações, como parte de um sistema instalado em Pernambuco para defesa contra corsários e piratas.

Foram erguidos os Fortes de São Jorge (o novo), em alvenaria (construído entre 1590/1603) e na entrada da barra, sobre os arrecifes, o de São Francisco da Barra conhecido como Forte do Mar, Forte da Lage ou Forte do Picão (construído entre 1608/1612).

No início do século XVII, ocorre a ocupação holandesa no Recife, num momento de grande prosperidade intelectual e econômica na Europa, em especial na Holanda, quando criaram a WIC (Companhia das Índias Ocidentais), com interesses eminentemente econômico, promovendo a invasão e colonização de áreas com esse potencial.

Em 23 de janeiro de 1637 Maurício de Nassau aporta no Recife e como primeiro plano político-administrativo articulou um sistema de defesa que restringia as entradas da cidade, cercando-a por muralhas e portas, assegurando assim, o controle e a circulação interna.

O forte de São Jorge volta a ser referência após 1654, com a saída dos holandeses, durante a Restauração Pernambucana, quando foi doado em ruínas, pelo então governador Aires de Souza Castro, em sesmarias<sup>4</sup>, ao Capitão-mor João do Rego Barros, que deveria assumir a incumbência de construir sobre os alicerces do antigo forte, uma capela em favor de Nossa Senhora do Pilar.

A construção da capela teve início em 1680 e prolongou-se até 1683 (COSTA, 1983; CAVALCANTI, 1977; MENEZES, 1988).

Ainda em 25 de fevereiro de 1682, foram concedidas ao mesmo capitão-mor, João do Rego Barros, mais vinte e cinco braças de terra, unidas as que já lhe pertenciam, para construir algumas casas na margem direita, para os romeiros, e outras mais para o patrimônio da capela, na Rua de São Jorge (CAVALCANTI, 1977).

No início do século XVIII o Recife continuou seu desenvolvimento graças aos movimentados negócios do porto, realizados por comerciantes portugueses e

---

<sup>4</sup> As sesmarias eram uma subdivisão da capitania hereditária, da qual somente 20% era do capitão-donatário, obrigado a distribuir os 80% restantes sem possuir nenhum direito sobre as mesmas.

brasileiros, passando a categoria de Vila em 1709. Depois a categoria de cidade em 1823. Quatro anos depois, em 1827, tornou-se capital da província.

Do fim do século XVIII até o final do século XIX, o bairro do Recife era o responsável pelo faturamento e movimentação de quase toda a economia da cidade. Em meados do final do século XIX, surge o ideal de uma cidade moderna, funcional, aliado ao desejo de retomar um lugar de destaque no Nordeste, o que resultou em propostas de melhoramentos na estrutura do porto, seguindo as tendências sanitárias mundiais.

A reforma do bairro e as conseqüentes demolições de fato iniciaram em 1909, quando houve a derrubada de vários prédios de valor histórico inestimável, como a Ermida de Santelmo, os Arcos da Conceição, de Santo Antonio e do Bom Jesus e vários sobrados.

Porém, após os tempos de glórias, em princípios do século XX, o bairro do Recife sofreu por quarenta anos um processo de degradação urbana, resultado de fatores como a metropolização ocorrida em várias capitais brasileiras, levando a e uma intensa valorização imobiliária de outros pontos da cidade, acarretando a decadência cultural do seu centro histórico

O bairro, pujante entre os séculos XVII e XIX, fruto de uma cidade economicamente dependente do açúcar produzido nas margens de seus rios, perdeu a imagem associada ao comércio e ao setor de serviços, tornando-se um ponto favorável à prostituição, casas noturnas de baixo nível e tráfico de drogas.

Com o início das políticas de preservação das áreas históricas das cidades brasileiras, passou-se a pensar na proteção legal desses espaços. Leis e decretos foram criados visando a proteção do nosso patrimônio cultural construído.

Na cidade do Recife, o bairro do Recife foi zoneado em termos de proteção, sendo criadas as Zonas Especiais de Preservação do Patrimônio Histórico – ZEPH. No bairro do Recife, definido como ZEP 09, instituída pelo decreto lei nº 11.962/80, foram criados quatro Pólos: o Pólo Alfândega, o Pólo Bom Jesus, o Pólo Novo Recife e o Pólo Pilar. Visando a implementação de uma política cultural na área.

O Pólo Pilar que faz parte dessa área protegida, se destaca pela sua diversidade arquitetônica, com presença de diversos padrões urbanísticos. O local é

classificado, como um centro histórico<sup>5</sup> de interesse arquitetônico, urbanístico e ou cultural<sup>6</sup> (MERTINS, 2006).

A área estudada neste trabalho está incorporada àquele espaço doado em sesmarias a João do Rego Barros, destinado a construção de casas para romeiros e de apoio à igreja, e que se constituiu no primeiro arruamento do “fora de portas”<sup>7</sup>.

Pesquisas arqueológicas realizadas nesse espaço urbano onde foram erguidas algumas das primeiras residências no fora de portas do Recife, evidenciaram estruturas arqueológicas/arquitetônicas que levaram à seguinte indagação: esses vestígios evidenciados podem corresponder às estruturas daquelas primeiras casas construídas na antiga Rua do Pilar, quando a igreja de Nossa Senhora do Pilar foi erguida?

Este questionamento fundamentou as pesquisas que foram desenvolvidas neste trabalho. Às informações históricas sobre o surgimento da Rua de São Jorge puderam ser agregados os dados oriundos das escavações arqueológicas realizadas no local, e outras informações resultantes das análises dos achados evidenciados, como os fragmentos de louças, vidros, grés, metais, etc. além de esqueletos humanos ali sepultados.

Pelo contexto encontrado e de acordo com as informações históricas, parte-se da hipótese que essas estruturas arquitetônicas encontradas correspondem àquelas primeiras casas construídas como apoio à capela erguida no ano de 1680.

Para chegar à resposta a este questionamento colocado foi necessário utilizar um método que permitiu entender a ocupação daquela área, o uso daquele espaço, que passou por muitas transformações ao longo dos séculos de seu desenvolvimento urbano. Foi preciso processar dados das estruturas encontradas para entender a forma como foram construídas, nos diversos momentos de ocupação. Diversas variáveis foram envolvidas nessa questão como os materiais empregados, os aglomerados utilizados, a forma como foram estruturados, os

---

<sup>5</sup> Segundo Mertins, (2006), o centro histórico nem sempre coincide com o centro da cidade atual. Devido a crescente urbanização e uma força de aspectos econômicos, os antigos centros históricos perderam a vitalidade e são aos poucos deteriorados.

<sup>6</sup> Segundo Mertins (*op. it.*), bairros com interesses urbanísticos e culturais são aqueles formados na última década do século XIX até os anos 30 do século XX que apresentem uma arquitetura particular e recursos técnicos, sociais e culturais.

<sup>7</sup> Durante a dominação holandesa, o Recife foi protegido por muralhas e portas, que impediam a invasão de piratas. Toda a área que dentro da muralha era conhecida como dentro de portas; e o que ia além como fora de portas.

espaços definidos, proximidades entre as casas, dentre outras, buscando a história construtiva dos vestígios encontrados.

No desenvolvimento desta pesquisa foi aplicada uma abordagem oriunda da arqueologia da arquitetura, definida por Luis Caballero Zoreda, como sendo a aplicação do método arqueológico ao estudo de um objeto concreto, o edifício histórico. Este pesquisador entende o edifício histórico como um objeto construído ao longo do tempo que, portanto é pluriestratificado e pluritipologizado; que possui um duplo valor, como documento e como símbolo ou signo; que é fonte de informação para a História. (CABALLERO ZOREDA, 2010:104)

Não existem dúvidas sobre a importância de se pesquisar essas primeiras estruturas arquitetônicas, mas não basta apenas tratar o edifício, é necessário estudar as dinâmicas e necessidades sociais de cada época, seus contextos econômico, social e cultural.

O presente projeto procura obter informações do modo como a história é contada, no viés da experiência da habitação e da ocupação do espaço, da forma de morar, a funcionalidade e tipologia das estruturas em causa, visando elucidar questões pertinentes a urbanização da cidade e a sociabilidade no fora de portas no Recife.

Assim, fica claro que este estudo não direciona-se apenas ao sistema construtivo daquelas antigas edificações. A ocupação do espaço precisou ser analisada para se conhecer os caminhos percorridos nos diversos momentos históricos vividos.

A forma de uso dos espaços disponíveis é peculiar a cada momento. Entender a história local, identificando suas sutilezas nos permitiu compreender a ocupação do “chão”, realizada pela sociedade que ali viveu no momento em que existiam a edificações das quais hoje só temos resquícios.

Por séculos a área do istmo vem sendo descrita por viajantes e foi definida pelo inglês Henry Koster, já na primeira década do século XIX como:

(...) uma longa faixa de areia que se estira, desde o pé da colina, onde, para o sul, está situada Olinda. A extremidade meridional desse banco se alarga e forma o local desta parte da cidade, particularmente chamada Recife..., A maior parte do banco de areia, entre Olinda e a vila, está descoberto e sobre ele o mar rebenta com fúria (KOSTER, 1816 ).

Descrições como essa de Koster (1816) mostram a existência no istmo de espaços áridos e abertos, um banco de areia onde o mar arrebatava com fúria.

O conhecimento da ocupação foi buscado ainda na iconografia e na cartografia do istmo, retratado ao longo dos séculos, onde se pode avaliar o desenvolvimento urbano que aquela área sofreu, e a maneira como foram erguidos os espaços construídos naquela parte do bairro do Recife, como objetivos principais deste trabalho.

Em seu desenvolvimento a pesquisa apresenta-se inicialmente tratando da questão teórica e metodológica onde se utiliza a visão da Arqueologia da arquitetura, numa abordagem pós processualista, buscando o relacionamento das estruturas das fundações das edificações históricas encontradas, que são especialmente importantes para o contexto histórico em que estão inseridas, com o espaço urbano e sua transformação, vinculados ao homem, construtor desse espaço.

Em seguida aborda o surgimento do bairro do Recife e sua história de desenvolvimento e expansão, mostrando um uso gradativo e historicamente racional do solo, ao longo dos séculos até os achados arqueológicos evidenciados nas escavações realizadas entre os anos de 2010 e 2014.

Posteriormente tratou-se sobre as técnicas construtivas utilizadas em construções no Recife dos séculos XVI a XIX, onde são identificadas as variáveis utilizadas para uma definição cronológica e de posturas construtivas ao longo desses séculos.

E, por fim, no último capítulo os dados são sistematizados e tratados, situando cronologicamente as estruturas encontradas, levantando discussões sobre a potencialidade das informações arqueológicas na definição de cronologias construtivas e a importância da abordagem multidisciplinar nessas definições.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E REFERENCIAIS METODOLÓGICOS

O desenvolvimento de uma pesquisa de Arqueologia da Arquitetura torna-se mais pertinente quando relacionamos as estruturas arqueológicas da área pesquisada à História e à urbanização ao longo dos séculos. Para isso, recorreremos a conceitos e autores que analisaram o espaço urbano, considerando sua vinculação com o processo histórico social.

Tradicionalmente definiríamos a arqueologia como uma ciência que busca a reconstituição das tradições culturais extintas e tenta descobrir sua evolução ou decadência, expansão no tempo e no espaço e adaptações ao meio ambiente (RIBEIRO, 1977 p. 14).

Os enfoques teóricos adotados devem firmar-se em ferramentas técnicas que nos permitam relacionar os achados à sua contemporaneidade. Dessa forma, esta pesquisa segue os caminhos do pós processualismo, que é uma importante ferramenta por fornecer esquemas interpretativos aplicáveis a qualquer contexto histórico e social (FUNARI, 2003), visando resgatar o significado cultural, que determinada sociedade produziu e utilizou. Essa linha teórica se denomina como arqueologia de contexto.

Os apontamentos pós-processuais, contextuais ou críticos, permitem que os arqueólogos leiam significados em textos escritos e não escritos (ZARANQUIN, 2002), relatam que se a arquitetura for considerada como uma forma de comunicação não verbal, esta, poderá mesmo assim, ser lida e interpretada.

A arqueologia da arquitetura ou arqueologia do edificado é uma nova disciplina através da qual se busca o conhecimento do edifício analisando a construção de um ponto de vista arqueológico (SANTOS, 2015). O termo arqueologia da arquitetura foi cunhado por *Stedman* e compreende todas as investigações focadas no estudo da arquitetura (desde que a partir de uma abordagem arqueológica). Segundo Zaranquin (2000), procede-se a leitura do edifício como um documento arqueológico.

Em linhas gerais, o objetivo da arqueologia do espaço construído é pesquisar e analisar os remanescentes físicos dos hábitos e costumes de sociedades do passado que ficaram registrados em suas edificações e cidades. Yi-Fu Tuan muito contribuiu em termos teóricos para esta área do conhecimento quando aliou a análise espacial com questões de cultura e comportamento humano em seu trabalho

*Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência, de 1930*, (com tradução em português pela Difel em 1983). Segundo o autor, o espaço construído pode aperfeiçoar a sensação e a perspectiva humana (Tuan, 1983 p. 114).

O espaço arquitetônico – até uma simples choça rodeada por uma clareira – pode definir estas sensações e transformá-las em algo concreto (Tuan, 1983 p.114).

Desse modo, a arquitetura e seus conhecimentos sobre espacialidade, funcionalidade, técnicas construtivas e estruturais, bem como as relações do homem com seu ambiente auxilia a arqueologia no cumprimento de seus objetivos, em particular nesta pesquisa sobre as casas da Rua de São Jorge.

O historiador e crítico de arquitetura, Sigfried Giedeon, descreveu em seu livro *Espaço Tempo e Arquitetura* (2004) diversas obras e espaços urbanos relacionando-os com os aspectos sociais dos antigos moradores, dando informações importantes sobre o homem e sua relação com o entorno.

O maior expoente da Arqueologia da Arquitetura é o arquiteto polonês Amos Rapaport, um dos fundadores desse campo de estudo que alia ambiente e comportamento. É o autor de mais de 200 publicações científicas. Rapaport considera que o ambiente construído e o uso do espaço dependem do contexto cultural de uma determinada sociedade em uma determinada época, considera-os como sistemas de paisagens ambientais e culturais que são o resultado de desenhos específicos culturais e específicos temporais.

Para Rapaport (1969), uma casa é um fato humano, e mesmo com as mais severas restrições físicas e tecnológicas, o homem tem construído de modos tão diversos que estes só podem ser atribuídos à escolha, a qual envolve valores culturais.

Ao incorporar fontes como a cultura ao pós processualismo, cria-se a possibilidade do resgate do indivíduo comum com as relações sociais a partir do cotidiano, possibilitando assim preservar a memória do espaço construído.

O surgimento, da arqueologia da arquitetura, sua aplicação e as sistematizações teóricas se intensificaram a partir de 1980, com as pesquisas dos arqueólogos italianos ligados aos estudos das edificações medievais. Entretanto, Fernando Guerra, em sua tese de doutorado, alega que no século XVIII, arqueólogos europeus já pesquisavam monumentos ditos históricos com uma metodologia criada para tal fim (GUERRA, 2007 p.92).

A arqueologia da arquitetura vem se firmando como importante instrumento analítico que muitas vezes ultrapassa o simples reconhecimento de técnicas construtivas, para viabilizar a leitura e interpretação, das funções e significados dos materiais e formas identificadas nos edifícios antigos (TIRELLO, 2006, p. 1).

Nesta visão, a pesquisa do edifício através dessa abordagem interessa aos que trabalham com a conservação e intervenções de restauro nos edifícios. Hoje, importa mais do que nunca, conhecer o objeto para possibilitar sua conservação.

Ian Hodder afirma que não se pode estudar o material por si só, deve-se levar em conta o contexto no qual ele está inserido e procurar analisá-lo sob a perspectiva de quem o produziu e nunca interpretar o material sob os valores de outros tempos (HODDER, 1994). A partir do momento em que um registro arqueológico passa a ser concebido como um texto torna-se necessário compreender as regras para sua interpretação (HODDER, 1991).

No caso deste trabalho o entendimento da maneira como o edifício foi produzido, o reconhecimento das cronologias arquitetônicas, das alterações sofridas em sua morfologia, na sua relação com o ambiente, foram informações de grande valia para seu desenvolvimento.

As informações levantadas ao tratar-se o edifício como artefato trouxe o reconhecimento de elementos subtraídos e/ou anexados que elas sofreram ao longo de sua vida, elementos esses, só identificados através da pesquisa arqueológica, abordando as edificações enquanto artefatos como materialização das formas de pensar o espaço, para atender necessidades individuais e coletivas, que refletem hábitos, costumes e interesses dos grupos sociais num determinado período da história. (CARRERA ; SURYA, 2012).

Inicialmente com uma postura partilhada com a arqueologia histórica e arqueologia urbana, considerou-se a cidade como elemento que possa ser analisado e abordado, sustentando a leitura da materialidade, nos permitindo assim, entender as ações do passado, a partir do que a sociedade consumiu e modificou com o passar dos anos. A cooperação interdisciplinar foi proposta por diferentes estudiosos da arqueologia como uma crítica fundamental das divisões do conhecimento (KERN, 1985).

O estudo do espaço acontece quando o arqueólogo começa a prestar mais atenção não apenas nos artefatos, mas ao meio onde este está inserido. Os espaços são em princípio definidos a partir das funções (áreas residenciais,

comerciais, mistas, públicas, cívicas, administrativas, religiosas, aterros, depósitos de lixo, áreas livres, etc.) (LIMA, 1985 p 93).

É no âmbito das cidades que a complexidade do mundo material se pronuncia com maior força. Porém, os espaços e os objetos podem não ter os mesmos significados em um único momento, superando assim a lógica da dinâmica da história. A forma como o passado é lido vai sempre depender da interpretação do arqueólogo, de seus preconceitos e interesses pessoais, bem como de seu meio cultural e sócio econômico (DYSON, 1993).

Assim sendo, ambas as especialidades, a arqueologia e a arquitetura, convergem para a necessidade de compreender em toda sua plenitude, o processo construtivo e evolutivo do edificado, tal como determinam as cartas patrimoniais de Atenas<sup>8</sup> (ALBUQUERQUE, 2000).

Com este trabalho busca-se suprir a ausência de pesquisas a cerca das estruturas de antigas residências coloniais localizadas na antiga Rua do Pilar, atual Rua de São Jorge, próximas a Igreja de Nossa Senhora do Pilar, na área do *fora de portas* do Recife, com uma proposta interpretativa, que contemple as relações entre estas estruturas ao surgimento do primeiro arruado da área em estudo.

Estas estruturas em forma de restos arquitetônicos carecem de estudos sistemáticos e aprofundados, não somente das evidências materiais construtivas, mas também de um estudo quanto aos usos e funções.

Um conhecimento mais aprofundado irá ainda permitir inferir considerações acerca dos habitantes do local, meio envolvente, condições sociais, econômicas e ambientais, que possam ter influenciado a sua construção, destruição ou transformação.

As estruturas devem ser consideradas como super artefatos porque estão inseridas em cada tempo e espaço. São produtos e produtoras de relações sociais porque resultam do lado inventivo humano e refletem o modo de vida dos indivíduos que ali se estabeleceram (OLIVEIRA, 2009).

Através do estudo das estruturas arqueológicas históricas, das técnicas e materiais empregados na construção destas, em conjunto com outros elementos,

---

<sup>8</sup> A Carta Patrimonial de Atenas foi elaborada em outubro de 1931. Foi o primeiro ato normativo internacional exclusivamente dedicado ao patrimônio, e incidindo sobre a problemática do restauro de monumentos. Suas principais recomendações são: o respeito pela obra histórica ou artística do passado, sem prescrever o estilo de nenhuma época e manter a ocupação dos monumentos para assegurar a continuidade de sua vida funcional e usual.

associados ao contexto temporal e espacial, muitos resultados podem ser obtidos, tais como: função da edificação; se ocorreram ou não reformas, o período em que foi construída (SYMANSKI, 2007 p. 64).

Através da arqueologia da arquitetura pode-se questionar a tecnologia e as técnicas construtivas empregadas nos edifícios, o tipo de material construtivo, estilos de ornamentação, comportamentos estruturais e patologias, analisando os vestígios que constituem o edificado. Contribuindo assim, com o conhecimento arquitetônico da edificação enterrada (estruturas das fundações).

Tânia Andrade Lima (1985) incentiva o desenvolvimento de pesquisas voltadas, sobretudo para o cotidiano rotineiro das habitações populares, dos estabelecimentos comerciais, dos engenhos, das fábricas, das lápides tumulares, dos depósitos de lixo, dos bairros, das vilas e pequenas cidades, buscando a interpretação da História do Brasil (LIMA, 1985).

“A habitação é um dos aspectos da atividade humana sobre os quais mais se tem escrito, porque a casa é ao mesmo tempo, o mais aparente e o mais pessoal de todos os traços étnicos” Leroi-Gourhan (1984). (...) “A casa pode não ser apenas um abrigo, mas também um lugar para os ritos e o centro de atividade econômica! (...) (TUAN, 1983).

O estudo da cultura material na perspectiva da arqueologia histórica lança novos olhares a sociedade moderna e, por este viés, pode-se reconstituir e compreender a relação dos grupos com o ambiente social e urbano que o cerca ao longo do tempo (SANTOS 2012). A arqueologia, portanto, possui o objetivo primordial de entender e explicar uma sociedade, através de elementos materiais, produto de suas atividades e das relações destes elementos entre si e com seu meio ambiente (ALBUQUERQUE, 1992, p. 136). É através do estudo do comportamento humano que a arqueologia relaciona-se com outras ciências sociais (TRIGGER, 2004).

Em cada época, os sistemas arquitetônicos são produzidos e utilizados de um modo diverso, relacionando-se de uma forma caracterizando-se com a estrutura urbana na qual se instala (REIS FILHO, 1970). Abordar as cidades do presente, abdicando de potencial do seu patrimônio construído, é subestimar a identidade das comunidades. Um monumento do passado que chegou aos dias atuais intacto, ou em ruínas, constituí-se em um elemento de memória coletiva da sociedade. Traz

consigo desde o período de sua construção elementos que complementam a memória coletiva.

O objeto de estudo deste trabalho é conhecer a sociedade através do partido arquitetônico remanescente, de estruturas edificadas no antigo istmo de Olinda.

Estudar estas estruturas como artefatos, forneceu uma boa base de dados sobre a disponibilidade do material construtivo, as técnicas construtivas empregadas, a cronologia de assentamentos no istmo, comprovando uma interação do homem com o seu entorno e com a paisagem. Pois, segundo Rapaport,(1969) o ambiente e a cultura possuem uma relação direta e a arquitetura é uma parte de uma expressão deste contato, assim como, nesta interação o homem constrói o entorno, a paisagem.

De acordo com Schiffer (1987) e Binford (1979), nos sítios arqueológicos urbanos que geralmente estão localizados em áreas de nível doméstico, existem a ligação “comportamental” dos artefatos fornecendo subsídios para pesquisas (SHIFFER, 1987; BINFORD, 1979). Compreender as construções como elementos ativos que interagem de forma dinâmica com o homem é para nós um instrumento útil no debate de processos históricos vinculados a formação do mundo moderno (ZARANQUIN, 2002 p. 15 apud PEREIRA FILHO, 2007 p. 41).

O edifício é visto como contexto arqueológico e analisado do ponto de vista da arqueologia, permitindo adicionar a interpretação histórica e arquitetônica quando relacionados com projetos de história da arquitetura e dos sistemas arquitetônicos.

A metodologia arqueológica se utiliza da história de um edifício histórico, para descrever e interpretar de forma científica e rigorosa sua evolução cronológica e funcional, além de suas alterações sócio-culturais (remodelações e transformações) passíveis de análises arqueológicas.

Por exemplo, as fundações das casas de nossa área de estudo têm sua implantação condicionada pelo lote urbano colonial tradicional, estreito e longo. De maneira geral as casas coloniais apresentavam uma monotonia em relação ao programa arquitetônico adotado e à aparência das edificações: ausência de recuos laterais e frontais, com pequenas aberturas apenas nas fachadas externas, zona escura no centro da casa e telhado de duas águas, com cumeeira paralela à via pública, conduzindo as águas pluviais para a rua e para o quintal por meio de beirais, como esquematizado por REIS (1997). O autor cita as padronizações fixadas pelas Cartas Régias ou posturas municipais típicas do século XVIII que

visavam garantir às vilas e cidades brasileiras uma aparência portuguesa. No entanto, essas características já podem ser notadas em residências anteriores ao século XVIII.

Nessa pesquisa sobre o espaço construído a busca por informações impôs uma investigação onde variáveis significativas foram observadas e analisadas. Foi necessário particularizar as características físicas das estruturas observando elementos como: materiais utilizados na edificação, presença de patamares, espessura das estruturas, argamassas utilizadas, divisões do espaço interno, etc., onde se buscou identificar os tipos de alvenaria empregados sabendo que representam um conjunto de cadeias operatórias relacionando matéria prima, tecnologia e mão-de-obra.

As transformações dos espaços de habitação produzem descaracterizações nos imóveis, em sua maioria objetivando melhorias nas condições de moradia, com a introdução de banheiros, cozinhas, áreas de serviço, etc. (BENEVOLO, 2002).

A alteração dos ambientes ao longo do tempo pode servir ao estudo das transformações sociais e culturais. Por exemplo, as primeiras habitações não possuíam banheiros internos, apenas nos quintais, o mais usual era o urinol.

A forma de ocupação do espaço foi também outro elemento observado. Vestígios de quintais, becos entre as edificações, alinhamentos, linhas de calçadas no ambiente externo.

São catorze estruturas evidenciadas, cada uma delas correspondendo a uma residência. O total das estruturas foi utilizado para análise em termos de distribuição espacial e volumetria, e as denominadas casa 1, 2 e 3 analisadas em maiores detalhes por terem sido escavadas em quase toda a sua extensão, revelando um volume maior de informações.

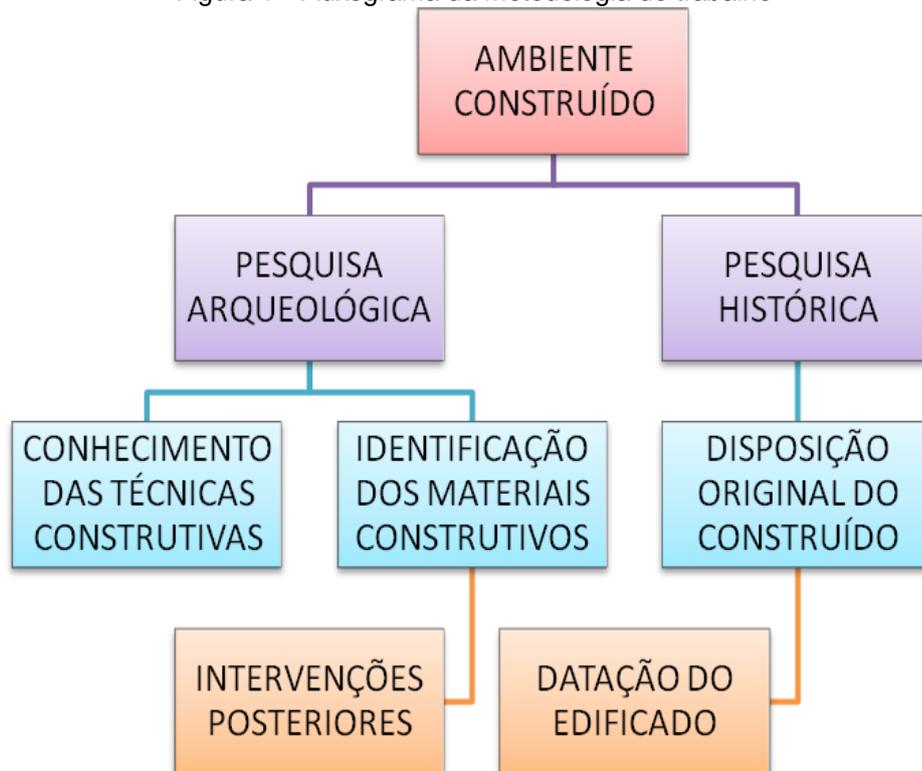
O estudo da estratigrafia permitiu a observação dos aspectos construtivos, associados aos indicativos das mudanças da mentalidade da sociedade estudada, mostrando a periodização dos vestígios dentro do sítio arqueológico. Definindo as unidades estratigráficas existentes em sua relação seqüencial, inserindo uma seqüência cronológica vital para o alcance dos objetivos deste trabalho. A área restrita do istmo foi ampliada diante das possibilidades que os aterros trazem. A localização das edificações no istmo informa sobre a história de sua ocupação, a história de seu crescimento espacial.

Com a pretensão de conhecer a sociedade através dessas estruturas, a maneira de usar os espaços, os caminhos percorridos e os momentos específicos de ocupação deste local, *fora de portas* foram analisadas através da cartografia existente, além de dados iconográficos obtidos das pinturas, gravuras e fotografias analisadas.

A pesquisa arqueológica das construções antigas, íntegras ou em ruínas, requer um conhecimento adequado das técnicas construtivas e dos materiais que foram empregados nas suas edificações, aliado ao levantamento histórico das mesmas, fornecendo informações para avaliar e datar estas edificações. Como mostra o fluxograma (Figura 1).

De uma maneira geral, esse conhecimento, poderá oferecer informações oriundas da disposição original das estruturas e das intervenções posteriores impostas em decorrência do uso e ocupação.

Figura 1 - Fluxograma da metodologia do trabalho



Fonte: A autora, 2016.

### **3 A EVOLUÇÃO URBANA DO BAIRRO DO RECIFE**

A visão histórica como reconstrutora de um passado, esta sempre presente, uma vez que os acontecimentos relatados, por mais remotos que sejam, refletem-se nas práticas contemporâneas.

Os estudos realizados nas fundações de antigas casas coloniais encontradas na Rua de São Jorge, que foi o primeiro arruamento do “fora de portas” – antigo istmo de Olinda, revelam a forma diferenciada de ocupação e evolução urbana ao longo dos séculos para aquela área.

Da terra não ocupada ou abandonada, cedida através do sistema de sesmarias onde, como num jogo de trocas, o estado cedeu o espaço com a obrigatoriedade do concessionário de realizar benfeitorias, emergiu aquele núcleo inicial de fora de portas, composto pela igreja e 130 casas.

Em momentos seguintes a construção de pontes, a abertura de ruas, a construção de residências e estabelecimentos comerciais, contribuiu para fixar a população naquele espaço urbano que hoje integra um importante patrimônio cultural edificado.

As ruínas das cidades históricas como o Recife, sofrem depreciações pela ação do tempo ou por banalizações humanas individuais ou institucionais, realizando restaurações ou demolições. A maioria dos artefatos encontra-se enterrado, porém no caso de edificações, podem estar em parte sobre a superfície.

A quadra 55 da Rua de São Jorge, objeto desta pesquisa, está localizada na parte original do istmo, ampliado em épocas posteriores através de aterros, próximo de onde havia o forte de São Jorge, construído em finais do século XVI, e onde hoje se localiza a igreja de nossa senhora do Pilar, que, segundo a historiografia, foi erguida sobre os alicerces deste referido forte.

#### **3.1 O início da ocupação do istmo**

O istmo de Olinda, um porto natural, protegido por arrecifes, foi ocupado inicialmente por grupos de pescadores levando à formação do povoado dos arrecifes. Surgido desse assentamento de pescadores, em início do século XVI, a urbanização do local foi determinada pela forma estreita do istmo e pela proteção natural dos arrecifes.

Esta extensa faixa de areia até em épocas anteriores à construção da igreja do Pilar era um local de fortificações e alojamentos que servia de caminho entre Recife e Olinda, (Figura 2). Neste caminho se tinha acesso às atividades militares, no forte de São Jorge e posteriormente no forte do Brum.

Figura 2 - Istmo de Olinda - Pintura atribuída a Frans Post, 1640



Fonte: atlas arqueológico do Recife – módulo I MENEZES, 2002.

Com a maré cheia, parte do istmo desaparecia sob as águas, transformando o Recife numa ilha. Suas margens eram usadas como cais temporário para pequenas embarcações (MELLO, 1987).

João Teixeira Albernaz I representou o istmo, em 1616, (Figura 3) mostrando o povoado dos arrecifes na parte sul além do forte de São Jorge e o porto.

Figura 3 – Detalhe do mapa de 1616 – "PRESPECTIVA. DO RESSIFE, E VILLA, DE OLINDA". Autor: João Texeira Albernaz I.



Fonte: Original manuscrito que integra o códice "Razão do Estado do Brasil no governo do norte somente assim como o teve Diogo de Meneses até o ano de 1612", a 1616, de Diogo de Campos Moreno, da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

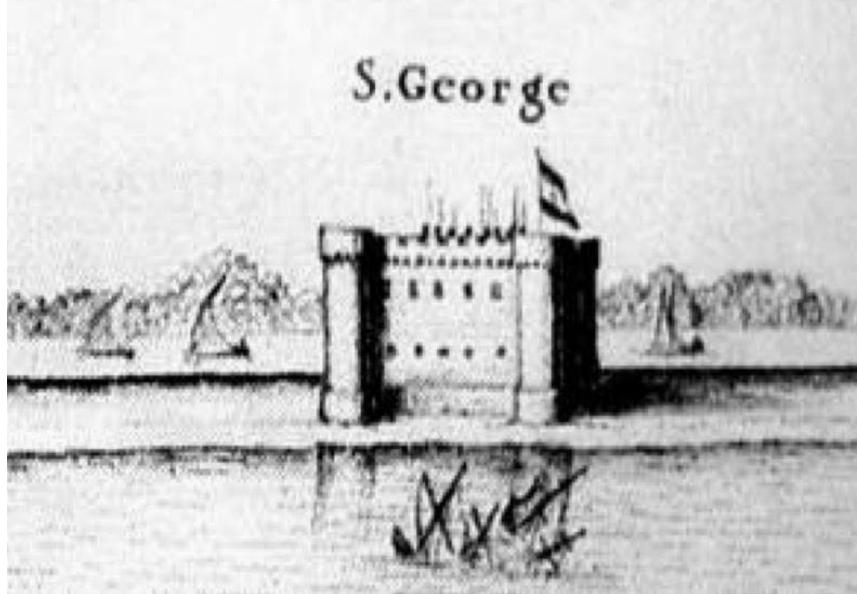
Já em 1578, o Provedor-mor da fazenda real do Brasil, Cristovão de Barros, havia enviado uma carta ao rei de Portugal, alertando da necessidade de assegurar e defender a entrada da barra e do porto do istmo de Olinda, com a construção de uma fortaleza (Cavalcanti, 2009),

Ainda antes que alguma providência por parte da metrópole fosse tomada, foi erguido por conta do donatário Jorge de Albuquerque, um forte de madeira, nomeado de Forte de São Jorge, "o velho", no mesmo local onde posteriormente foi erguido o forte de Santo Antonio dos Coqueiros ou do Buraco, do qual ainda existem vestígios de algumas paredes externas até hoje. Neste período também foi erguida uma paliçada que rodeava todo o povoado.

Por muito tempo o istmo esteve munido apenas de fortificações. O forte de São Jorge, o novo, edificado em taipa pelos portugueses, tinha o formato quadrangular e foi descrito como uma construção do tipo de palácio feudal, de quatro frentes com torres circulares nos ângulos, dois andares e cinco troneiras<sup>9</sup> por face em cada lado (GUERRA, 1959). O forte de São Jorge foi representado inúmeras vezes, na cartografia holandesa e portuguesa.

<sup>9</sup> A troneira, do espanhol "trонера", em arquitetura militar é uma abertura circular, cruzetada ou não, numa muralha para receber artilharia leve.

Figura 4– Forte de São Jorge. Detalhe da Gravura de Joan Bleau, Amsterdã, 1643



Fonte: Araujo, 2007.

Durante a dominação holandesa, este forte foi deixado de lado por estar desgastado e ser considerado obsoleto, arquitetonicamente ultrapassado, por ter características medievais e não absorver bem o impacto destrutivo de um novo contingente de ordem balística, que já utilizavam em suas investidas: os canhões. Passou a servir então como enfermaria (Hospital de Campanha), embora tenha permanecido com algumas peças de artilharia (BARRETO, 1958).

Fazia-se necessário então, uma nova tipologia arquitetônica, com a utilização de materiais construtivos mais resistentes para as fortificações, como as rochas disponíveis no entorno.

O Forte de São João Batista do Brum foi construído sobre as ruínas de uma antiga trincheira militar, que fora edificada em pedra e cal, nos idos de 1629 e deixado inconclusa por falta de recursos da Câmara de Olinda. Esta serviria para proteção do porto. Esta bateria é pouco citada pela maioria dos autores atuais, talvez por ser considerada insignificante dentro do grande sistema de defesa da Companhia das Índias Ocidentais.

O antigo povoado que havia surgido no sul do istmo, no início do século XVI, decorreria da necessidade de infra-estrutura e da permanência de pessoas para trabalhar no envio e recebimento de mercadorias no porto. O istmo, local de estabelecimento de estruturas de defesa do porto e da cidade de Olinda, era, então, utilizado como caminho entre as duas cidades e seus fortes.

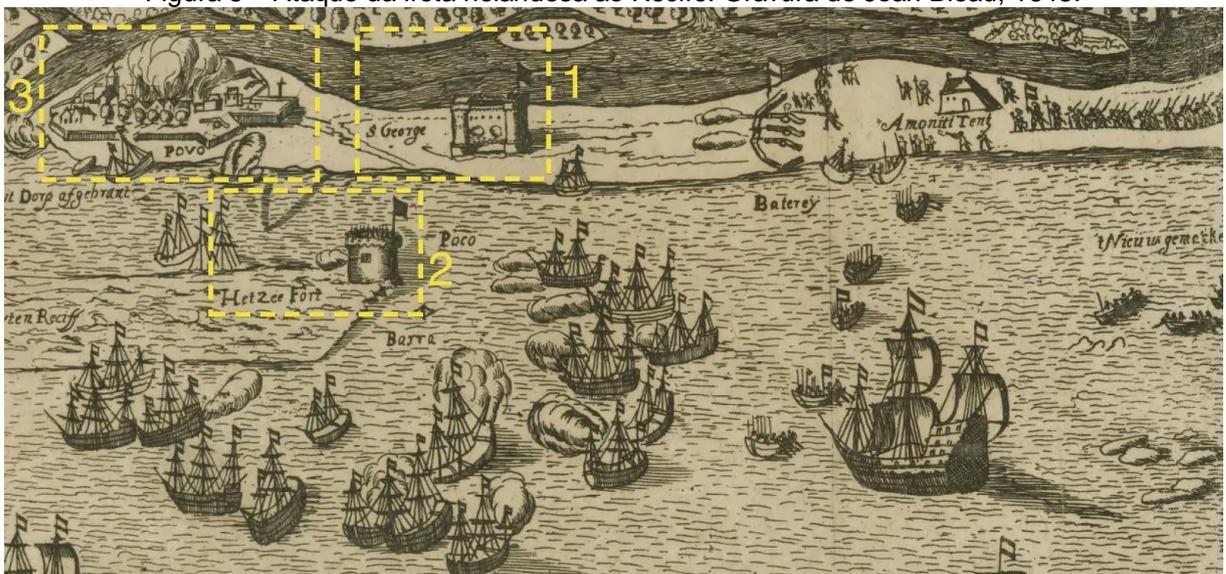
### 3.2 O Período Holandês

A ocupação holandesa no Recife ocorreu num momento de grande prosperidade intelectual e econômica na Europa, principalmente na Holanda, com a criação da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, em 1621, quando passaram a levar os ideais renascentistas e mercantis às suas colônias. Esta invasão não se constituiu um fato isolado da história mundial. A WIC conquistou Pernambuco e outras cinco capitâneas do Nordeste açucareiro com o fim comercial de diminuir a capacidade econômica da monarquia ibérica e incrementar o seu domínio das rotas comerciais do Atlântico (PEREZ & SOUSA, 2006 apud VASCONCELOS, 2011).

A chegada de Maurício de Nassau em 23 de janeiro de 1637 foi decisiva para consolidar o domínio holandês. Este deu início ao primeiro plano político-administrativo, pondo em prática uma organização com várias ações interligadas, voltadas para a reorganização urbana, com indicações de ruas, canais, trincheiras e edifícios já existentes.

A figura 5 retrata o istmo de Olinda quando da chegada dos holandeses em 1630. Nela ressaltamos os fortes de São Jorge (1), identificado por *S. George*; de São Francisco da Barra (2), identificado como *Het Zee Fort* e o povoado dos arrecifes (3), identificado como *povo*.

Figura 5 – Ataque da frota holandesa ao Recife. Gravura de Joan Bleau, 1643.



Fonte: Manuscrito do Algemeen Rijksarchief, Haia.

Nesse período a população do Recife se expandiu, inclusive com um grande contingente de judeus que ergueram, na antiga Rua do bode, depois chamada de Rua dos judeus, atual Rua do Bom Jesus, a primeira sinagoga das Américas, Kahal Zur Israel<sup>10</sup> (LEITE, 2014). Quando da invasão holandesa, a população de Olinda migrara para o povoado dos arrecifes, bem como grande número de funcionários, burgueses, comerciantes e soldados após a cidade ser incendiada em 1631.

Maurício de Nassau articulou também um sistema integrado de fortificações em todo Recife confiando a execução das obras urbanísticas ao arquiteto Pieter Prost (LEITE, 1930). O Recife deixou de ser apenas um porto, para tornar-se o centro político, financeiro e administrativo do governo holandês no Brasil. As transformações urbanísticas que o conde *Johan Maurits van Nassau-Siegen* realizou na cidade levou-a a ser considerada a primeira cidade digna deste nome na América portuguesa (SMITH, 1969, p.69).

O Recife e a ilha de Antonio Vaz passaram a ser chamada *Mauristaad* ou “Cidade Maurícia”. Maurício de Nassau aterrou terrenos baixos e pantanosos, criando ruas e canais para o escoamento das águas. Deu celeridade a novas construções na ilha de Antonio Vaz, local de sua morada desde sua chegada.

No istmo, seguiu um plano de urbanização que atestava a relevância atribuída à defesa, com a construção de uma ponte em 1641, com portas nas extremidades e uma muralha de pedra demarcando as entradas da cidade, substituindo a velha paliçada portuguesa, assegurando, assim, o controle e a circulação interna.

É provável, entretanto que o artifício das portas tenha não apenas servido como mecanismo de segurança como também para conter o fluxo indiscriminado para o continente.

Uma destas portas, denominada de *Landpoort* ou Portal da Terra, foi guarnecida pelo Arco do Bom Jesus e servia de entrada à enseada de areia que levava por terra à Olinda. Esta porta tinha a função militar de controle da cidade sitiada e se localizava no final da Rua do Bom Jesus, antiga Rua dos Judeus, existindo até 1850, ano em que foi demolida (MELLO, 2001).

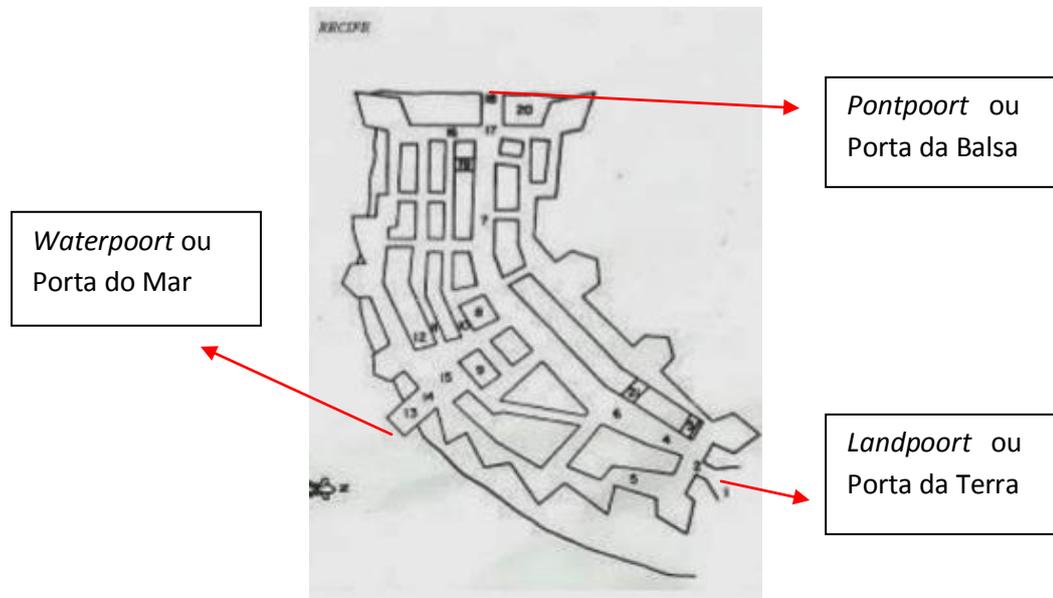
Além desta porta, como mostra a figura 6, a muralha era guarnecida por mais dois acessos: a Porta do Mar ou *Waterpoort* – acesso para aqueles que aportavam

---

<sup>10</sup> Sinagoga Kahal Zur Israel Congregação rochedo de Israel – Segundo a Doutora Tânia Kaufman, os judeus de maioria sefardita (originários da península Ibérica), eram portugueses que viviam em Amsterdã e para cá vieram no século XVII, atraídos pelo açúcar. Fonte – Diário de Pernambuco, Recife, domingo, 13 de fevereiro de 2000 – nº 044.

no Recife, vindos do mar e a Porta da Balsa ou *Pontpoort* - que interligava o Recife a Ilha de Antonio Vaz e ao continente, através do rio. Tornando desta forma a cidade Maurícia, uma típica cidade fortificada medieval.

Figura 6 – Detalhamento do plano do sistema de defesa da Vila do Recife



Fonte: MELLO, 2001.

Para o *fora de portas*, localizado além da muralha, Maurício de Nassau determinou que ali se depositassem os lixos, os detritos e imundícies.

Impossibilitados de crescerem na península, os recifenses ganharam o norte e foram alargar o istmo, os “velhos ermos” do *fora de portas*. Aterraram dos lados do mar e do rio e uma nova configuração urbana foi se fixando na antiga paisagem da cidade.

### 3.3 Urbanização do istmo após o período holandês

Após a saída dos holandeses em 1654, o forte de São Jorge foi doado pelo então governador Aires de Souza Castro em sesmarias<sup>11</sup> ao Capitão-mor João do Rego Barros provedor da fazenda real da capitania de Pernambuco. Foram doadas 25 braças (46 m) de comprimento, tendo por largura tudo que vai do areal (cerca de 80 m), livres de tributos, mas com a obrigação da construção de uma capela em favor de nossa Senhora do Pilar.

<sup>11</sup> As sesmarias eram uma subdivisão da capitania hereditária, da qual somente 20% era do capitão-donatário, obrigado a distribuir os 80% restantes sem possuir nenhum direito sobre as mesmas.

A capela foi construída no local onde havia as ruínas do forte que fora abandonado e do qual foi utilizado uma boa parte de seu material construtivo, como tijolos e pedras, inclusive a “Pedra Lioz”<sup>12</sup> ainda hoje encontrados nas escadarias e fachadas da igreja.

Figura 7 – Igreja de Nossa Senhora do Pilar



Fonte: Prefeitura do Recife S/D.

Edificada sobre os alicerces do forte de São Jorge nos fins do século XVII, a igreja do Pilar tem sua localização documentada em diversas fontes bibliográficas, iconográficas e arqueológicas. A construção da capela teve início em 1680 e prolongou-se até 1683 (COSTA, 1984; CAVALCANTI, 1977; MENEZES, 1988).

Em face de uma carta de sesmaria do governador D. João de Sousa, lavrada em 25 de fevereiro de 1682, foram concedidas ao mesmo capitão-mor, João do Rego Barros – construtor da igreja de Nossa Senhora do Pilar- mais vinte e cinco braças de terra unidas as que já lhe pertenciam, para construir algumas casas na margem direita do istmo, em frente a igreja, para os romeiros, e outras mais para o patrimônio da capela.

<sup>12</sup> Tipo raro de calcário, de coloração que vai do cinza-claro ao esbranquiçado. Ocorre em Portugal e é muito utilizado como rocha ornamental. Atualmente é considerada rara.

Nesta época, a igreja católica exercia o papel de formadora da unidade político administrativa, era o centro norteador de ocupação dos espaços da cidade principalmente nos dois primeiros séculos da colonização, quando ainda não havia, por parte do estado, a consolidação dos aparelhos de administração. (SANTOS, 2009 p. 36).

João do Rego Barros edificou também à direita da igreja do Pilar uma casa nobre em que habitou por longo tempo. Este prédio arruinou-se e já não existe (MELLO, 2001). Até o momento não foram encontradas suas fundações, porque ainda não foram realizadas escavações na área.

Este conjunto de 130 casas próximas à igreja do Pilar, retratado em mapas portugueses do período, foi a primeira ocupação civil do fora de portas. Neste local, antes caminho entre Recife e Olinda, e os fortes existentes no istmo, começam a surgir as primeiras ruas, quando da construção das primeiras residências (Cavalcanti, 1977 p.85). Dessas primeiras 130 casas construídas surgiu a Rua do Pilar.

Com a saída dos holandeses, na tentativa de retomar o monopólio da colônia, iniciou-se um período de destruição das edificações deixadas pelos batavos, salvo raros exemplos; da mesma forma, iniciou-se uma série de construções e reconstruções de edificações religiosas de grande porte, ao estilo da época, o barroco, como a Igreja da Madre de Deus, a Igreja de São Pedro dos Clérigos, etc. Todavia a de Nossa Senhora do Pilar foi construída ainda aos moldes quinhentistas, que eram mais modestos.

No início do século XVIII o Recife continuou seu desenvolvimento graças aos movimentados negócios do porto, realizados por comerciantes portugueses e brasileiros, praticamente toda a cidade vivia em função do ancoradouro, que era um elemento essencial à existência de uma economia colonial produtora e exportadora de bens primários e importadores de bens manufaturados.

Passou a categoria de Vila em 1709, com a denominação de Vila de Santo Antônio do Recife. A cidade cresceu partindo do centro para o interior, acompanhando as vias de circulação que se desenvolviam como hidrovias e ferrovias (Maxambomba). Em 1823 foi elevada a categoria de cidade, tornando-se então capital da província quatro anos depois, no ano de 1827.

### 3.4 O Bairro do Recife nos séculos XIX e XX

O Recife sempre manteve uma estreita ligação com o porto, em função do comércio em grande escala do açúcar e do algodão. Nessa época, entre os séculos XIX e XX, a alta da economia influenciava de forma direta no crescimento e desenvolvimento da estrutura da cidade. Este crescimento demandava melhoramentos e adaptações na estrutura portuária.

Em fins do século XIX, iniciou-se a elaboração de projetos e planos de reformas, visando facilitar o aumento da navegação e um melhor acesso aos armazéns onde eram estocadas as mercadorias.

A reforma do bairro do Recife e as conseqüentes demolições iniciaram de fato em 1909, mas o ideal de modernidade e melhoramentos com instalação de equipamentos surgiu ainda em 1815, quando as portas foram derrubadas e reconstituídas pelos portugueses, em alvenaria nos estilos barroco e neoclássico, passando a ter funções religiosas.

Foi um verdadeiro arrasamento de monumentos de inestimável valor histórico. Foram extintas também ruas, becos tortuosos, sobrados de quatro e cinco andares, praças e prédios inteiros. Bondes tiveram os percursos desviados, alterando a vida e o caminho de todos.

Mario Sette, em sua obra Arruar, história pitoresca do Recife antigo de 1978, relata a respeito das demolições dos arcos históricos.

Demolição inútil, espetacular, lamentabilíssima, porque quanto aos Arcos, foi perdida uma característica arquitetônica de nossa cidade e monumentos de sentido histórico e religiosos, coisa perfeitamente evitável, sem nenhuma quebra de beleza no tráfego do Recife atual (Sette, 1978).

Figura 8 – Demolição da Igreja do corpo Santo, em 1913. Desenho de Benito Dias



Fonte: Arquivo da FUNDAJ

No chamado “arrasa quarteirão”, o bairro do Recife transformou-se num enorme canteiro de obras, as habitações menos abastadas foram as primeiras a serem derrubadas, pois, estas eram consideradas focos de doenças e constante ameaça a saúde pública (LUBAMBO, 1991). Foram desapropriados e demolidos 480 imóveis, além dos edifícios considerados ruinosos e não passíveis de desapropriação. Foram realizados aterros para a construção de novas instalações para o porto (Figura 9).

Figura 9 – Aterro para os armazéns e docas no porto do Recife em 1910



Fonte: Arquivo FUNDAJ.

Hoje, o traçado urbano não lembra as ruas estreitas onde se apertavam os “sobrados-cortiços” e “sobrados-bordéis”, dos quais fala Gilberto Freyre, em sua obra, “Sobrados e Mocambos” (FREYRE,1977). No lugar dos sobrados magros, foram erguidos prédios monumentais no estilo eclético, aos moldes da arquitetura liberal francesa, a chamada *Belle-époque*, transformando o Recife numa espécie de “vitrine de Paris”, já que o porto da capital pernambucana, graças a sua privilegiada localização, era parada obrigatória para todos os navios cargueiros e transatlânticos de passageiros que se dirigiam ao hemisfério sul do planeta.

É neste processo de substituição de traçados e de edificações no centro histórico da cidade, além da criação de áreas de expansão, que o saneamento será implantado como um “abre alas” para novas tipologias arquitetônicas, permitindo que a arquitetura produzida encontre expressividade em todos os espaços da cidade. Nesse sentido, o projeto desenvolvido por Saturnino de Brito foi extremamente positivo, pois ao mesmo tempo em que, incentivou as novas formas de expressão arquitetônica também ajudou a registrar a presença da arquitetura anterior, à medida que, dentro das estratégias de implantação dos serviços de água e esgoto obrigou o registro em planta de toda a arquitetura pré- existente na cidade do Recife (CARVALHO; MENEZES, 2010).

As imposições do progresso mudaram também a parte do bairro denominada *fora de portas*, que vai da atual Praça Artur Oscar Freire (Praça do Arsenal da Marinha) até a fortaleza do Brum. Com os sucessivos aterros, iniciados em direção ao sul, em seguida ao Norte, o istmo foi alargado, fixando uma nova configuração urbana à paisagem, possibilitando a construção de prédios e a urbanização da área.

### **3.5 O projeto de Requalificação Urbanística do Pilar**

Na paisagem recifense, no acúmulo histórico do processo de desenvolvimento urbano, as desigualdades sócio-econômicas foram reafirmadas e reproduzidas por políticas públicas de intervenção nos espaços da cidade e pelas legislações criadas para tal. Essas ações, em grande parte elitistas e excludentes no acesso à habitação, compõem assim um mosaico de contrastes nas condições de moradia, desde os tempos coloniais.

As grandes intervenções contribuem para alterações significativas nas formas de produção e apropriação social do espaço urbano.

Os primeiros registros dos mocambos, moradia típica dos excluídos do espaço urbano, na cidade do Recife remontam à segunda década do século XIX. A partir de 1920, esses tipos primitivos de casas populares passaram a ser vistos como “um mal (...) uma realidade indesejável (...)” (PONTUAL, 2001 p.427).

Posteriormente, na década de 40, os prédios que haviam sido reformados e não foram vendidos, começaram a ser alugados para comerciantes, caixeiros viajantes e prostitutas, onde permaneceram instalados até a década de 1980, quando o bairro começou a passar por um novo processo de intervenção.

A figura abaixo é uma foto da Rua do Pilar, hoje chamada Rua de São Jorge objeto desta pesquisa, na década de 1960.

Figura10 – Rua do Pilar, meados do século XX – antes da demolição



Fonte: ALCEDO (S/D).

Na área do entorno da igreja de Nossa Senhora do Pilar, demolições totais ou parciais do casario foram realizadas para ampliação e melhorias do porto do Recife.

A comunidade do Pilar teve seu início na década de 1970 quando o Porto do Recife, ainda pertencendo à PORTOBRÁS, desapropriou e demoliu seis quadras situadas entre a fábrica do Pilar e o Moinho Recife. As demolições foram feitas para

a execução de obras contidas em um projeto de expansão do Porto, o qual terminou não acontecendo. (Nery, 2012). Surgiu assim a chamada Favela do Rato.

Após a demolição de inúmeros casarões, as mudanças previstas não ocorreram e foram construídos muros no entorno das quadras, impedindo uma possível invasão. No entanto, as famílias desabrigadas, “que tinham o bairro do Recife como referência de trabalho ou sentimento”, iniciaram a ocupação das calçadas próximas construindo seus barracos. O nome Favela do Rato foi atribuído devido à grande quantidade de ratos que havia na área, que se proliferavam por se alimentarem dos grãos de trigo despejados pelo Moinho Recife.

No ano de 1987 havia 89 barracos que abrigavam 330 habitantes. Em 1995 havia 268 barracos e 699 habitantes e 2001, 463 habitações com uma população de 1052 habitantes (SOUZA, 2007).

Figura 11 – Rua do Pilar, início da ocupação da Favela do Rato.



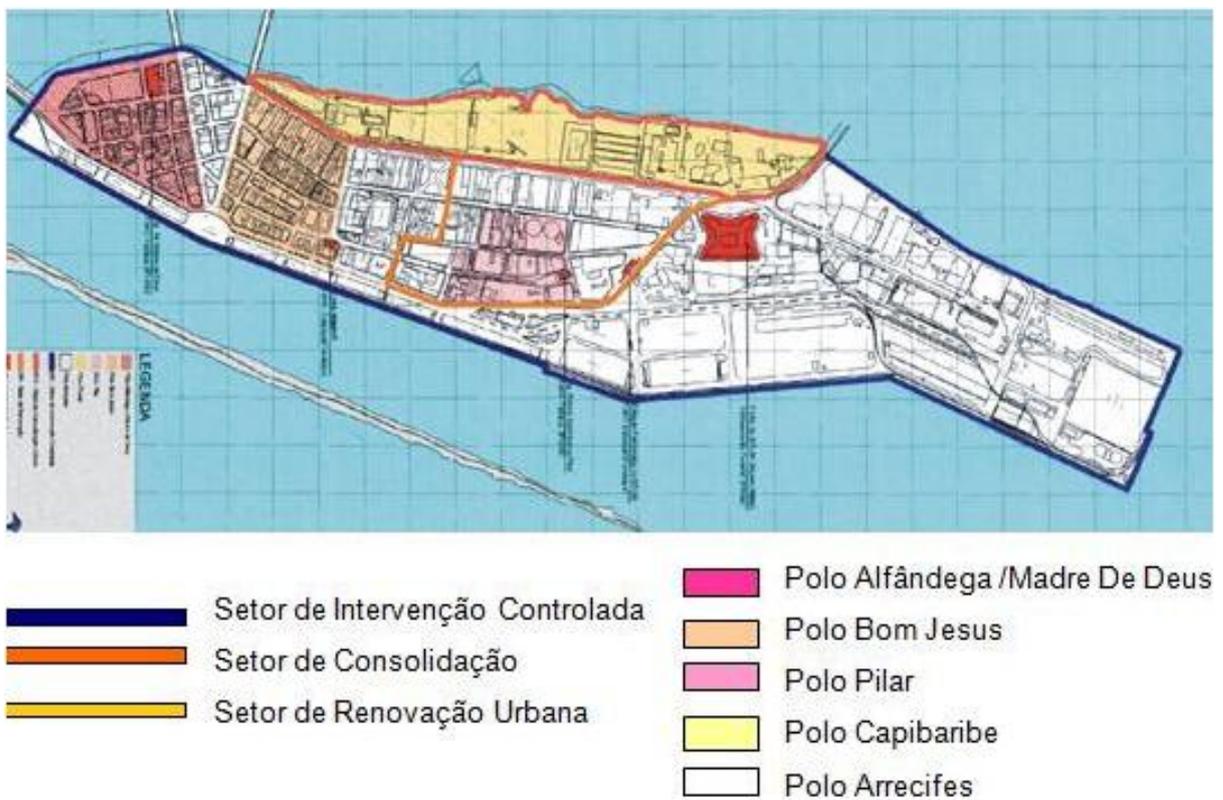
. Fonte: Prefeitura do Recife. Acervo Museu da cidade, 1980.

A Favela do Rato ou comunidade do Pilar encontra-se encravada num espaço com significativa importância histórica, entretanto, apesar da mudança do nome, está separada da dinâmica econômica e social da cidade, por sua estrutura de ocupação informal, sem nenhuma infra - estrutura urbanística, denotando sua extrema pobreza.

O bairro do Recife possui todo seu perímetro tombado, com diversos imóveis de valor histórico – cultural. Sendo área de preservação, requer a necessidade do acompanhamento arqueológico em todas as obras realizadas que exijam grandes movimentações de terra.

O bairro integra a zona especial de preservação de Sítios Históricos nº 9, instituída pelo decreto lei nº 11.962/80, onde está dividida em 4 pólos: Pólo Alfândega, Pólo Bom Jesus, Pólo Novo Recife e o Pólo Pilar.

Figura 12 – Mapa do Plano de Revitalização do Bairro do Recife, 1993



Fonte: Prefeitura da Cidade do Recife, 2008.

A área de pesquisa deste trabalho está incluída no Pólo Pilar, que inclui o perímetro urbano deste a Rua do Pilar até a rua do Moinho, como mostra a figura 13.



Esta área, abandonada por muitos anos, passou a ser alvo de projetos de requalificação pela prefeitura da cidade do Recife. Em 2002 começou a ser elaborado um plano de requalificação do espaço, denominado Projeto de Requalificação Urbanística e Inclusão Social da comunidade do Pilar, visando a reurbanização daquela área, que tem um dos menores IDHs da cidade, disponibilizando infra-estrutura física e social necessária, para a comunidade, com a construção de habitacionais, escola, posto de saúde e um mercado público.

Este projeto foi implantado numa área de 32.880 m<sup>2</sup> englobando seis quadras ( Q. 40 I e II, Q. 60, Q. 55, Q.45, Q. 25), entre as Ruas do Brum, Primavera, de São Jorge e Edgar Werneck (Figura 14).

Figura 14- Área do Projeto de Requalificação Urbanística do Pilar



Fonte: Trecho de UNIBASE modificado (PCR).

### 3.5.1 ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO NO PILAR

As atividades de acompanhamento arqueológico iniciaram quando da construção dos blocos de apartamentos destinados para a quadra 40. A referida quadra encontra-se na área que foi aterrada em meados do século XIX, havendo sido ocupada entre 1856 e 1906. (MENEZES, 1988). Na quadra 40 foram encontradas as estruturas dessas antigas residências, demolidas no início do século XX, assim como vestígios da vida cotidiana de seus moradores. Do acompanhamento e pesquisas arqueológicas ali realizadas foram elaborados trabalhos como monografias de conclusão de curso, dissertações e artigos publicados em revistas científicas, realizados pelos arqueólogos, pesquisadores e alunos do Curso de Arqueologia da UFPE<sup>13</sup>.

Este trabalho trata da pesquisa realizada na quadra 55, onde ao longo de 15 meses de escavações arqueológicas foram encontradas 14 estruturas de fundações de antigas casas. A quadra 55 está localizada na área original do istmo e foi ampliada por aterros no início do século XIX.

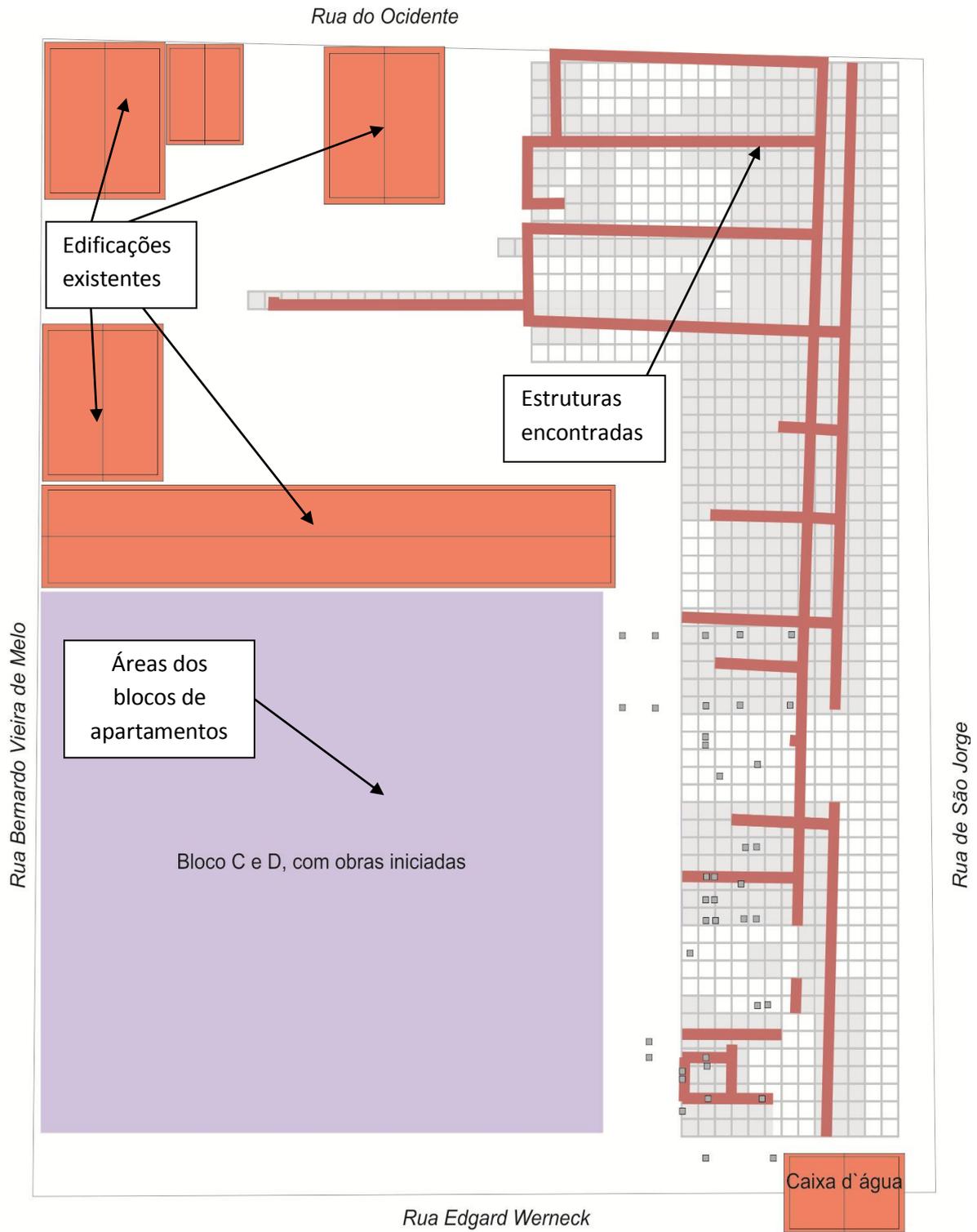
De grande potencial informativo essas estruturas materializam as ações de povos do passado que deixaram ali parte de sua cultura. O estudo dessas estruturas leva ao conhecimento da maneira de construir das comunidades, seu nível técnico-construtivo, disponibilidade do material construtivo e seus comportamentos. Utilizar essas estruturas como fonte de dados ampliará o conhecimento arqueológico e histórico do local.

A escavação foi realizada de forma sistemática, com o intuito de preservar e conhecer as estruturas, definir seus espaços, sua funcionalidade e o tipo de material arqueológico ali encontrado. A figura 15 mostra a área de realização dos trabalhos de escavação.

---

<sup>13</sup> O acompanhamento arqueológico esteve sob a responsabilidade da Fundação Seridó que mantém convênio com a UFPE. Participaram dos trabalhos de pesquisa e acompanhamento, professores, arqueólogos e estudantes do Departamento de Arqueologia da UFPE.

Figura 15 – Quadra 55



 Área escavada  
Fonte: Fundação Seridó, 2013

Na área escavada foram evidenciados diversos vestígios da vida dos antigos moradores daquela quadra (figura 16). Estrutura das habitações, vestígios de calçadas, louças, metal, vidro e cerâmica, dentre outros.

Figura 16- Artefatos encontrados durante a escavação da quadra 55.



Fonte: fundação Seridó, 2013

As estruturas encontradas foram edificadas sobre o leito arenoso do istmo original, com dimensões diferenciadas, alinhadas ao nível da atual Rua de São Jorge. A figura 17 mostra essas estruturas, com destaque individualizando-as.

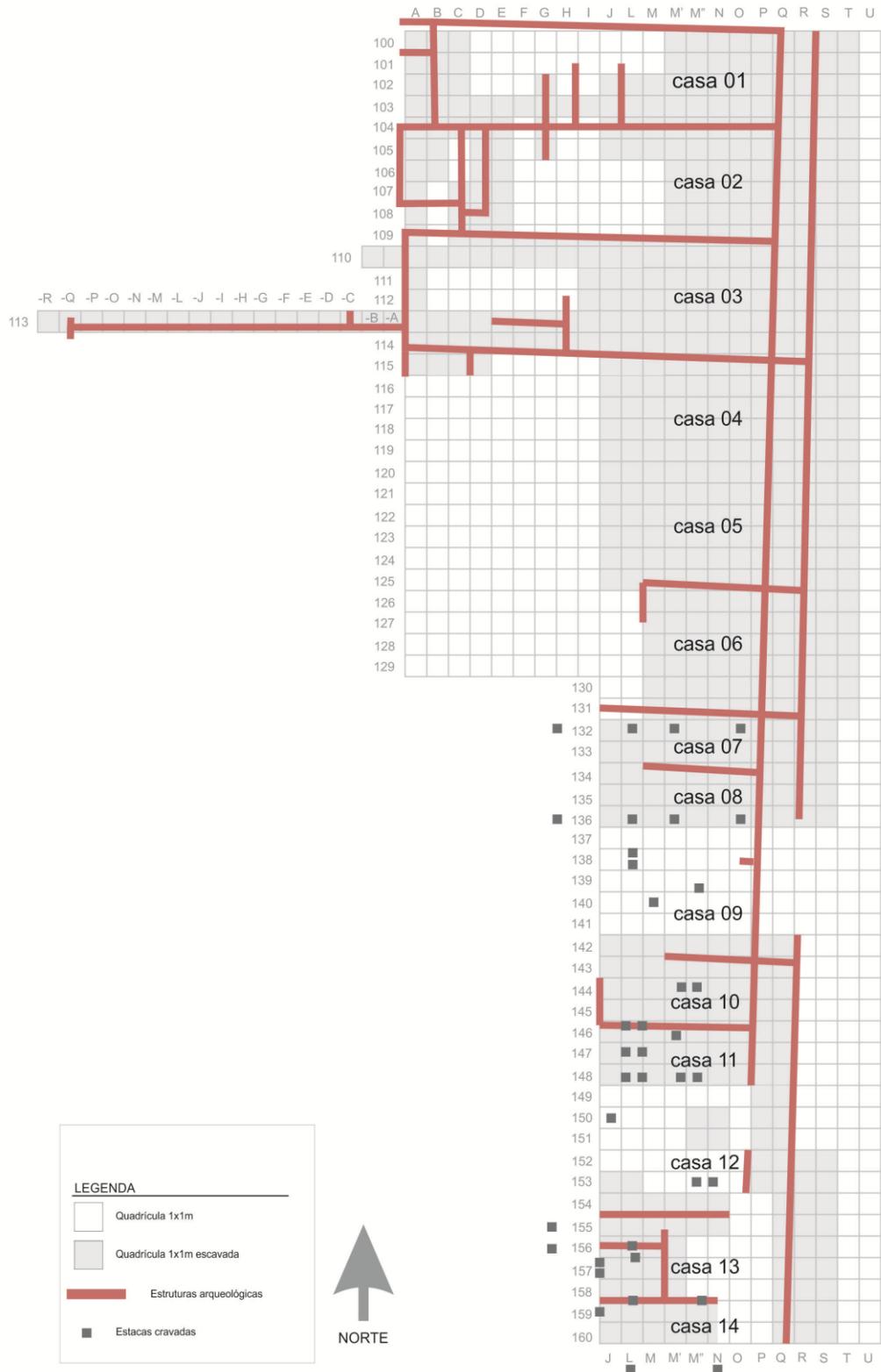
Figura 17- Panorama das estruturas das casas da quadra 55



Fonte: fundação Seridó, 2013.

A figura 18 mostra a malha da escavação arqueológica localizando as fundações das casas.

Figura 18- Malha da escavação arqueológica



Fonte: Fundação Seridó, 2013.

Abaixo das estruturas de habitação foram encontrados esqueletos humanos, num total de 64 indivíduos, até a interrupção das escavações em abril de 2014. A localização desses esqueletos deixa evidente uma definição cronológica da maior antiguidade dos mesmos em relação às estruturas de habitações encontradas.

Figura 19 – Esqueleto humano abaixo de estrutura na quadra 55.



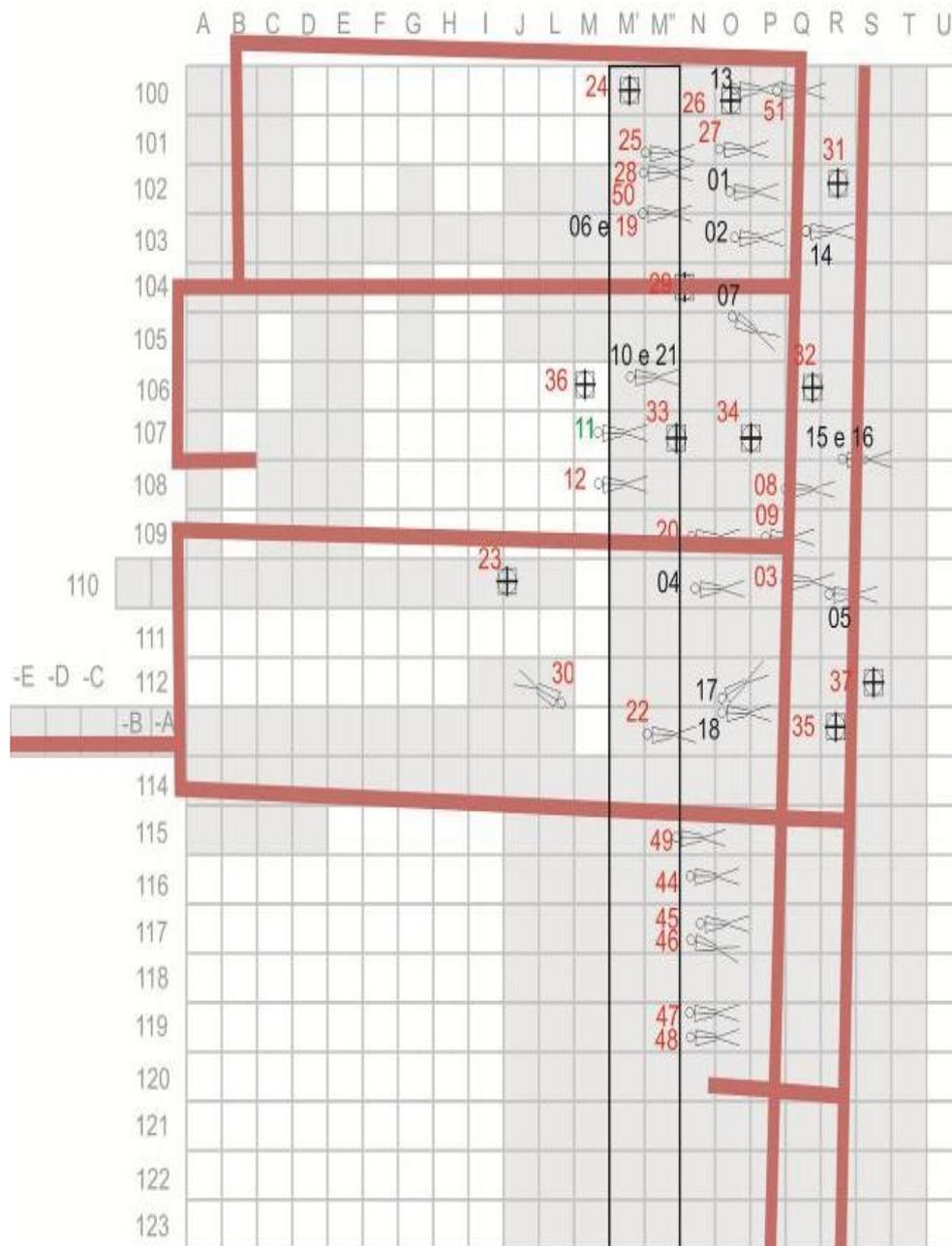
Fonte: Fundação Seridó, 2013.

Os esqueletos humanos foram encontrados no nível abaixo dessas estruturas, entre 30 e 40 cm. Foram identificados esqueletos, completos, íntegros e sem enxoval funerário, e estão todos praticamente na mesma profundidade, cerca de 1,60 m do solo atual.

Pesquisas estão em andamento para identificar o uso deste local para sepultamento humano. Acredita-se que provavelmente esteja relacionado ao hospital de campanha instalado no forte de São Jorge quando da chegada dos holandeses ao Recife.

A figura 20 apresenta detalhe da malha elaborada por arqueólogos da Fundação Seridó para localização dos sepultamentos em relação às estruturas.

Figura 20 - Malha com a localização de alguns dos sepultamentos encontrados na quadra 55.



Fonte: Fundação Seridó, 2013.

A análise das estruturas das antigas construções encontradas na Quadra 55 foi elaborada utilizando-se uma metodologia de levantamento das técnicas construtivas utilizadas entre os séculos XVII, XVIII e XIX, na cidade do Recife, quando foram identificados elementos característicos desses períodos e realizado um estudo comparativo, buscando situá-las cronológica e tecnicamente.

#### 4 TÉCNICAS CONSTRUTIVAS EM ALVENARIA NOS SÉCULOS XVII, XVIII E XIX

A Arqueologia da arquitetura se refere ao ambiente construído e consiste em todas as estruturas de edificação que possam existir em sítios arqueológicos, incluindo prédios, casas, galpões senzalas, celeiros, estradas e quaisquer outras estruturas edificadas que estejam acima e abaixo do nível do solo, ambos estudados pelos arqueólogos.

Elementos situados acima do nível do solo são as próprias edificações, os ornamentos e as ruínas. Elementos situados no subsolo incluem as fundações, buracos de esteios, valas de alicerces e porões, dentre outros.

Na história, em relação a algumas técnicas e materiais construtivos, as alterações ocorreram de forma muito lenta. Muitas dessas técnicas tradicionais ainda são largamente utilizadas em alguns locais. Como a taipa de pilão, presente ainda em locais distantes dos grandes centros, e que utiliza as mesmas ferramentas e técnica construtiva até os dias atuais. .

As edificações da cidade do Recife não seguiam nenhum padrão estilístico nem estético, o que se construía anteriormente era provisório e de informação incerta, eram realizadas dependendo dos interesses latifundiários da burguesia portuguesa e das sucessivas modificações da base econômica (açúcar, café, minerais, etc.), seguindo os interesses da metrópole. (ZORRAQUINO, 2006.)

As técnicas construtivas que os portugueses trouxeram para o Brasil não eram de nenhuma tradição bem definida ou de planejamento urbano, eram basicamente de duas vertentes: erudita e popular.

- A erudita era basicamente representada pela engenharia militar e religiosa, onde a arte da construção estava associada a instrumentos de medição e a um conhecimento, ainda que rudimentar, da química e da física. Os conhecimentos eram transmitidos através de aulas e tratados, seguindo os modelos de Lisboa;
- A popular, por sua vez, estava representada pelos mestres de ofício que transmitiam seus conhecimentos de forma oral e prática para seus aprendizes (que comumente eram familiares), o que resulta num sistema construtivo econômico. Entre elas estão: “taipa de pilão”, “taipa travada”, “pau a pique”, “alvenaria de pedra”, “alvenaria de tijolo” e os chamados sistemas mistos – alvenaria de pedra e tijolos.

Nas primeiras construções do século XVI predominou o sistema construtivo de taipa de pilão, por oferecer boa resistência e ser tecnicamente mais fácil de ser executada. Este sistema construtivo é rudimentar, com construções de caráter temporário, simplificado e econômico. As edificações dependiam de seu ocupante, de sua origem, seu nível de conhecimento e de seu status. Os materiais construtivos eram utilizados conforme as condições de oferta, para posteriormente ajustar-se socialmente.

Na maioria dos casos, importavam-se da Europa as plantas, os mestres de obras, os engenheiros militares e os arquitetos, que provinham das ordens, particularmente dos jesuítas, que eram cultos e ambiciosos. São os propagadores do sistema plástico das obras, improvisando-se também nos trabalhos de enfeites modestos, que eram apropriados a vida social, política e espiritual da economia ainda em estruturação.

Foi durante a Renascença italiana que se introduziu o costume de entregar a prática de projetar edifícios aos arquitetos – que não eram os mesmos que iriam construí-los. Até então, era da competência dos mestres de obras, projetar e executar as edificações. Quanto à estética, prevalece a da arquitetura espontânea, rústica, sem traços ou assinaturas pessoais, o que explica, portanto, o anonimato de muitas obras.

O esforço arquitetônico, como era de se esperar concentra-se nas fortalezas. Os tratados de arquitetura militar empregados pelos engenheiros militares, em suas obras são importantes fontes de estudos dos conteúdos referentes aos aspectos da defesa da capitania de Pernambuco.

Existe uma extensa bibliografia sobre as forma de construção no período colonial no Brasil, com análise da evolução histórica, social, estilística, e o modo como foi se adaptando e modificando, sob a influência do meio, das condições de vida de uma sociedade em formação e como foi se configurando um estilo brasileiro. Os estudiosos da arquitetura desse período, como Robert Smith, salientam que por mais de três séculos, o Barroco foi a principal expressão de nossa maneira de construir, e que isso teve desdobramentos posteriores. Um meio pelo qual se auto-afirmava um sentimento regional a partir da contribuição portuguesa (SMITH, 1969).

As primeiras casas eram de madeira, barro, pedras irregulares ligadas com argamassa de adobe, materiais vegetais e taipa de pilão, adaptadas ao meio, com

vãos e coberturas rudimentares. Eram geralmente circundadas por paliçadas<sup>14</sup>. Todavia trouxeram influências da metrópole, como o hábito das paredes caiadas e portas coloridas. Do Oriente trouxeram soluções das inflexões dos telhados e dos beirais alongados para o escoamento das águas das chuvas.

Após o uso da taipa de pilão ocorre, numa segunda fase, o uso da pedra nas construções. Os exemplares mais ricos apresentavam maiores dimensões e maior número de cômodos, sem caracterizar um tipo distinto de habitação (REIS FILHO, 1970).

Quando já estabelecidos, os colonizadores se permitem substituir as obras provisórias por definitivas. Em Pernambuco, foi mais utilizado o calcário, o arenito, o granito e por vezes o gnaisse (ALBUQUERQUE, 1995).

Cada região apresenta seu tipo de moradia e soluções que as circunstâncias, os materiais e o saber fazer impõem, por isso, o uso da taipa, das construções em madeira e ramagens, das cobertas de palha, persistem contemporaneamente ao uso da pedra e cal. As condições ambientais, as influências étnicas e culturais, o quadro social, bem como as limitações materiais de uma sociedade em formação, faziam com que as inovações, que circulavam na Europa e os materiais utilizados por lá, convergissem para um abraqueiramento das técnicas construtivas.

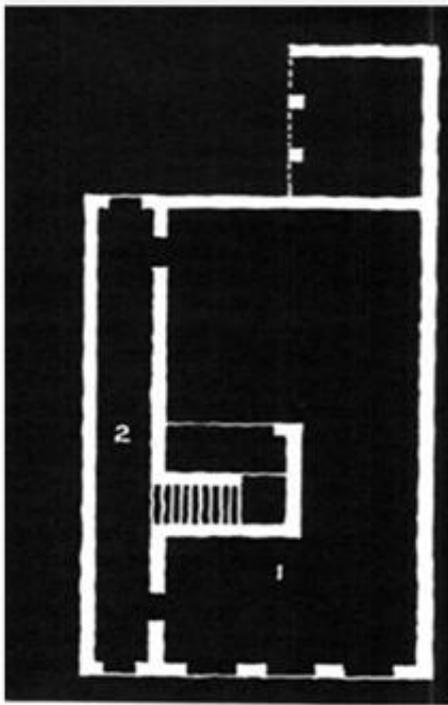
O modesto desempenho da arquitetura propriamente brasileira se caracteriza na simplicidade. As residências eram térreas, com apenas uma porta e uma janela, composta apenas de sala, quarto, varanda e cozinha, possuíam ornamentos singelos e racionais, sem utilização do supérfluo. Não se concebiam casas urbanas recuadas e com jardins (REIS FILHO, 1970 p.32).

As plantas dos sobrados segundo Robert Smith (1969) repetiam - se andar por andar. Cada um desses andares apresentava geralmente a mesma disposição de salas grandes na frente e nos fundos, ligadas entre si por um corredor, para qual davam salas menores ou os quartos.

---

<sup>14</sup> Paliçada Cerca feita com estacas de madeira fincadas verticalmente no solo, posicionadas no entorno de uma edificação ou povoado, interligadas entre si, com o intuito de proteção.

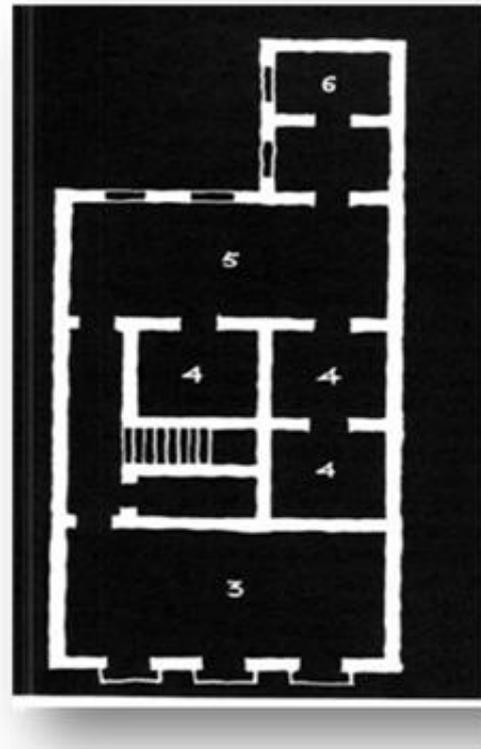
Figura 21 – Planta baixa do sobrado colonial



## Térreo

1-Loja

2-Corredor



## Pavimento Superior

3-Salão

4-Alcovas

5-Sala de Viver

6-Cozinha e Serviços

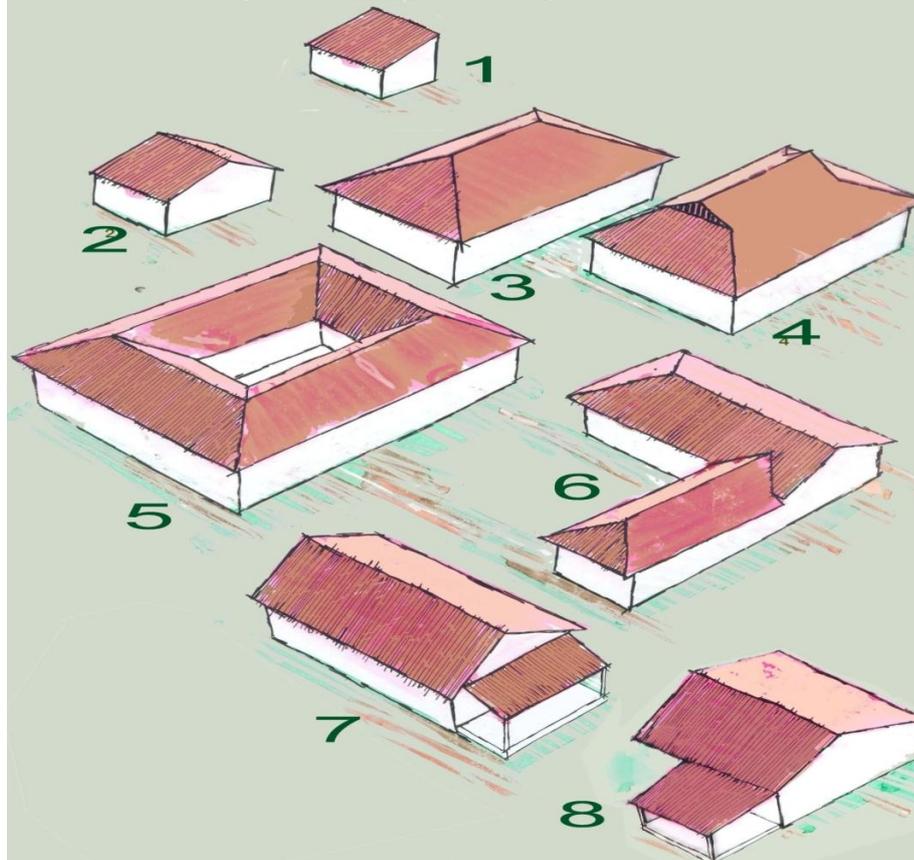
Fonte: M. H. Peclly, 2014

Segundo Robert Smith, as cozinhas e salas de jantar do Recife ficavam nos andares mais altos, o que era um hábito estranho a outras partes do país. Em outras cidades, as cozinhas ficavam no térreo e eram separadas das casas por um pátio (SMITH, 1969). É importante ressaltar que apenas famílias que possuíam escravos habitavam os sobrados, pois eram os escravos que faziam todo o transporte de alimentos e demais produtos para a residência.

Somente a partir de 1630 aproximadamente, podemos falar de algum padrão mais definitivo com relação a construção. É nessa época que a cobertura vegetal começou a ser substituída por telhas cerâmicas, exceto as mais modestas como as casas dos sertanejos e a senzala (COLIN, 2011).

No quadro abaixo (Figura 22), estão representados os tipos de construções residenciais mais utilizadas no período colonial.

Figura 22 – Tipos de edificações coloniais



Fonte: COLIN, 2011.

A uma água (1) era geralmente utilizada nas cozinhas e ranchos. O telhado de duas águas (2) era muito utilizado em construções urbanas, sobretudo em casas geminadas, nas casas de porta e janela, meia-morada, sobrados, etc. O telhado de quatro águas (3) era a cobertura mais utilizada para construções de maior porte, como as casas grandes. Uma variante destes é o telhado de quatro águas com lanternin (4), que objetivava iluminação e ventilação. O claustro (5) era a forma preferida para construções que aspiravam maior monumentalidade. Esta forma era adequada para edifícios de maior porte, como palácios, paços, etc. O pavilhão composto em formato de "L" (6) era uma solução intermediária entre o pavilhão e o claustro. Era utilizado quando se dispunha de um terreno de boa largura para casas grandes, mansões urbanas, etc. A varanda alpendrada (7) ou puxada (8) era solução comum em todos os partidos, desde a casa mais simples do sertanejo, até as mais sofisticadas.

#### 4.1 A Arquitetura de terra

A arquitetura de terra é executada com terra crua, embora o material para o cozimento do tijolo seja praticamente o mesmo que o utilizado nas construções de taipa e adobe. Quando este vai ao forno ganha características distintas, como maior durabilidade e resistência. Já o material destinado a terra crua, acaba sendo um material composto, uma mistura natural de aglomerados (argila, areia fibra vegetal e animal e fezes de animais), podia-se usar também óleo de baleia, para dar maior resistência.

A prática de se construir com terra crua existe desde que a humanidade criou o hábito de se construir cidades a milhares de anos atrás. Ela foi especialmente cultivada em regiões como a Mesopotâmia, onde, acredita-se, que era em arquitetura de terra os jardins suspensos da Babilônia. O Egito antigo chegou a construir pirâmide de terra, lado a lado com as pirâmides de pedra, cujas ruínas chegaram aos dias atuais.

No Brasil este uso foi mais difundido nos primeiros séculos da colonização, desaparecendo quase que por completo no século XVIII, com exceção de algumas regiões pobres em pedra e com dificuldade de obtenção da cal. As regiões de São Paulo e Goiás são as que mais utilizaram desse sistema (RIBEIRO, 2003).

Freyre (2003) aponta a probabilidade de que uma parcela dos primeiros colonos portugueses fosse de origem árabe, que haviam sido formados na tradição muçulmana e teria introduzido traços da arquitetura islâmica a arquitetura local.

As terras arenosas do litoral, como é o caso do istmo de Olinda, eram impróprias para a taipa de pilão, pois eram pouco argilosas e faltava a compressão necessária. Nesses locais por sua vez, abundava a cal, produzida a partir dos sambaquis, o que facilitava o sistema de cal e pedra. (RIBEIRO, 2003).

Esta prática milenar perdura até os dias de hoje, em especial em determinadas regiões do planeta, onde praticamente é o único material disponível, ou em outras onde a desigualdade social empurra as camadas menos favorecidas para esta prática construtiva – de baixo custo e fácil execução.

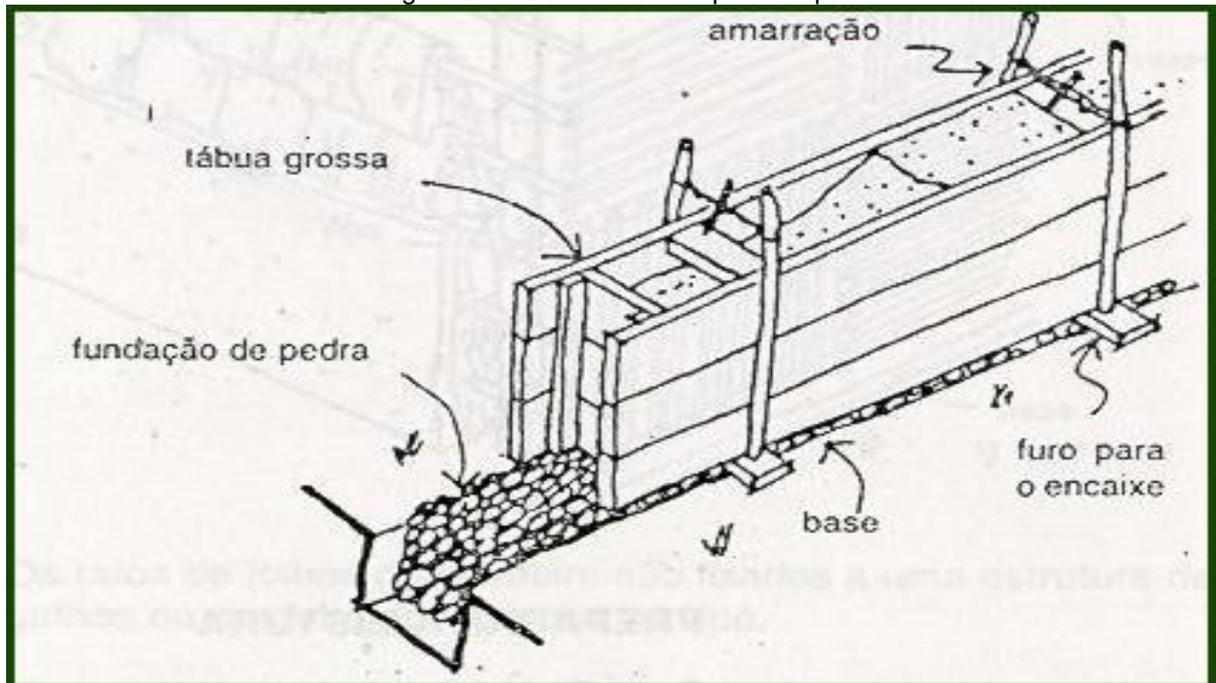
#### 4.1.1 A TAIPA

A taipa de pilão foi o material mais utilizado nas construções coloniais no Brasil, devido principalmente a abundância de matéria prima – o barro vermelho, a relativa facilidade de execução, a satisfatória durabilidade e as excelentes condições de proteção que oferece quando recebe manutenção adequada. Esta técnica é de origem árabe, e foi difundida no Brasil pelos portugueses.

Na taipa de pilão as paredes são maciças, constituídas apenas de barro socado – algumas vezes aditivado com fibras vegetais e algum tipo de aglomerante, como sangue bovino, por exemplo, com o objetivo de armar a argila com uma trama interna e raramente incluindo em sua estrutura reforços longitudinais de madeira.

A técnica de execução consiste em armar fôrmas de madeira (taipais), como se faz hoje em dia com o concreto, mantendo-as dispostas ao longo das fundações corridas. Dentro delas coloca-se o barro amassado em camadas, preenchendo toda a espessura da forma, comprimindo a seguir, com a ajuda de um pilão ou com ajuda dos pés. A espessura das paredes variava de 40 a 80 cm, podendo chegar a 1 m. tudo dependia, evidentemente da carga a suportar e da altura final da construção.

Figura 23 – Estrutura em taipa ou taipal



Fonte: Ribeiro, 2003.

A terra dificulta a aplicação de ornatos e frisos, o que fazia com que a aparência dessas construções fosse mais robusta sem requintes nem decorações. Estas construções possuíam grandes beirais<sup>15</sup> que se faziam necessários para proteger as paredes das chuvas, por serem permeáveis (PISANI, 2004 p. 10).

A taipa encontrada no período colonial brasileiro é executada com o material extraído dos arredores da edificação, devido dificuldades de transporte e ao grande volume de material. A argila utilizada era escolhida pelo próprio taapeiro, e sabe-se que deveria também incluir determinada mistura de terra com argila e areia, para se conseguir maior aglutinação e menor possibilidade de desintegração.

Figura 24 – Casa de taipa na cidade de Serra Talhada-PE



Fonte: Patrick, 2005.

Os alicerces de taipa eram em rochas e formavam uma plataforma sobre a qual se posicionavam a construção. Com largura variando entre 40 e 60 cm e profundidade média de 50 cm. Em obras executadas entre os séculos XVII e XVIII foi possível constatar que a profundidade dos alicerces era muito maior quanto mais antiguidade tivesse a construção.

O revestimento final da parede muitas vezes era também em argila, aproveitando o esterco de gado como elemento de ligação. Este revestimento só poderia ser aplicado após a secagem da taipa, o que demandava de 4 a 6 meses para paredes de 50 a 60 cm de espessura e ainda mais tempo para paredes mais espessas. Estes cuidados diferenciam a qualidade da arquitetura de terra do

---

<sup>15</sup> Beirais: parte do telhado que ultrapassa a linha da parede e evita que a água da chuva caia direto na parede.

passado da que se faz nos dias atuais, sendo esta última, muito mais frágil e erodível.

Atualmente as taipas de mão são empregadas nas zonas rurais em construções rústicas ou com técnicas alternativas, nas edificações de baixo poder aquisitivo. Normalmente não possuem as características de estabilidade, durabilidade e conforto, tal como as das elaboradas no período colonial. Estas paredes acabam apresentando muitas trincas e rachaduras, que abrigam insetos como o barbeiro, que é o responsável pela proliferação do mal de chagas (PISANI, 2004).

#### 4.1.2 O ADOBE

As construções em adobe são realizadas em várias partes do mundo desde a antiguidade. As civilizações orientais utilizaram-no especialmente na construção de cúpulas e abóbodas. Entretanto, na América portuguesa, era mais comumente utilizado enquanto sistema de fechamento de vãos em uma armação de madeira estrutural (gaiola, enquadramento, estrutura de esteios, etc.).

Os tijolos de adobe são feitos de forma bastante simplificada e econômica. Como mostra a figura 25. A mão de obra necessária não requer especialização, e também não é preciso nenhum equipamento específico, fato que torna o adobe bastante atrativo (ARAÚJO, 2009). Por ser um tijolo composto por material local, o adobe depende muito das características da localidade onde o tijolo será fabricado e executado (ARAÚJO, 2009).

São blocos com dimensões próximas a 0,20 x 0,20 x 0,40 m diferindo dos tijolos apenas por não serem cozidos em fornos. Costuma-se juntar palha a pasta como incremento aos esforços de tração. A forma deve ser salpicada de areia e água para facilitar a desforma, e a secagem deve ser feita ao sol (COLIN, 2010).

Figura 25 – Processo de produção do Adobe



Fonte: Revista Arquitetura ecológica, 2013.

#### 4.1.3 O PAU-A-PIQUE (TAIPA DE MÃO OU DE SOPAPO OU DE SEBE)

É uma técnica construtiva antiga e popular, de baixo custo por que os materiais utilizados são naturais, de grande resistência e durabilidade. Era muito utilizada pelos indígenas e negros africanos.

Na América portuguesa foi largamente utilizada na região de São Paulo Goiás e Minas. Entretanto, mesmo nas regiões onde a pedra e cal e a taipa prevaleceram, este sistema esteve presente, pois, era muito utilizado nas divisórias. Encontrava-se algumas vezes em construções sobradadas nas paredes externas e internas do segundo piso, onde as paredes do primeiro, mais pesadas e espessas eram, ou em alvenaria de pedra ou em taipa de pilão (COLIN, 2010).

Em construções mais populares, o sistema de pau-a-pique era utilizado em paredes externas de casa de um único pavimento, no entanto isso não é regra, ainda existem casas grandes de usinas na região Nordeste, dos séculos XVIII e XIX , que foram construídas com suas paredes externas em pau-a-pique.

A simplicidade rústica do método consiste basicamente num entrelaçamento de madeiras roliças, formando uma grade, onde o barro é arremessado por ambos os lados. Para que a estruturação da trama fique sólida é feito um enquadramento de peças de madeira.

Figura 26 – Casa sendo edificada em pau-a-pique



Fonte: Revista Arquitetura em construção, 2013

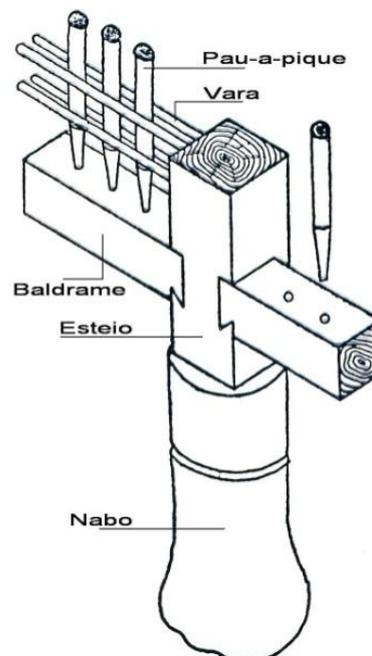
A argila é abundantemente misturada com palha e outras fibras vegetais locais. As peças horizontais, chamadas de vara, são amarradas nos paus-a-pique com corda de cipó, imbé ou embira, algumas vezes, pregadas.

Depois de argamassado e ter suas superfícies regularizadas, o pau-a-pique podia receber um revestimento final de argamassa de terra aditivada com

excremento bovino ou de argamassa de cal e areia bem fina. Este último revestimento era o mais desejável por propiciar melhor de proteção contra as intempéries.

A peça inferior do enquadramento é o baldrame e a superior o frechal, como mostra a figura 27. As peças verticais, esteios são cravadas no solo, pois este sistema dispensa fundações em valas corridas. A parte da estrutura que é encravada denomina-se nabo.

Figura 27 – Estrutura em pau-a-pique



Fonte: Revista.coisas da arquitetura, 2012

Segundo Schmidt (1946), o pau a pique entrou em decadência a partir de 1940, porque o tijolo maciço comum apresenta maior rapidez de construção e é executado a custos menores. A mão de obra formada por taapeiros começa a desaparecer, dando lugar aos pedreiros, cuja formação profissional é mais rápida.

#### 4.2 Alvenaria de pedras e tijolos

As construções de pedra, como já citado, foram usuais desde os primeiros tempos da colonização, por serem mais duráveis, embora mais difíceis de serem executadas. Em geral, no início restringiam-se apenas a área litorânea, onde o material necessário, a pedra, e especialmente a cal eram mais fáceis de obter.

As paredes dos edifícios antigos apresentam tipologias e designações diferentes, de acordo com a função e a natureza dos materiais e ligantes empregados (RODRIGUES, 2010).

Vale salientar que, durante todo o período colonial os portugueses praticamente extraíam a cal apenas de conchas marinhas, ignorando outras fontes como as pedras calcárias (SMITH, 1969). Este material conchífero, geralmente não era suficientemente bem lavado, ficando infectado de cloreto de sódio, deixando as paredes permanentemente úmidas.

#### 4.2.1 CANTARIA

A cantaria é um serviço que se utiliza da pedra lavrada de maneira precisa, de modo que as peças se encaixem perfeitamente uma sobre as outras ou com o auxílio de argamassa aglutinante (RODRIGUES, 2010). Utiliza-se grampos metálicos, quando a argamassa não tinha a capacidade necessária para garantir uma boa ligação entre os blocos (RODRIGUES, 2010), e as vezes óleo de baleia para ajudar na vedação.

No Brasil, como em Portugal, devido a dificuldade de encontrar o canteiro, que é o profissional qualificado, e aos altos custos, a cantaria não era executada na totalidade do edifício, apenas em suas partes mais importantes: frontispícios, nas soleiras, nas pilastras, nos portais, nas janelas e nos cunhais (COLIN, 2010).

Visando diminuir os custos da obra e de facilitar a execução, eram utilizadas as pedras do local onde se construía. Assim na região do Nordeste, onde abundavam calcários e arenitos, pedras brandas, mais fáceis de trabalhar, as fachadas adquiriram características artísticas próprias. Em Pernambuco, o arenito e o calcário eram basicamente utilizados nas alvenarias das paredes e alicerces. O granito e o gnasse, como se poderia esperar de uma rocha dura, eram mais trabalhados na cantaria, por serem capazes de conter as forças das águas marinhas ou ribeirinhas (ALBUQUERQUE, 1995).

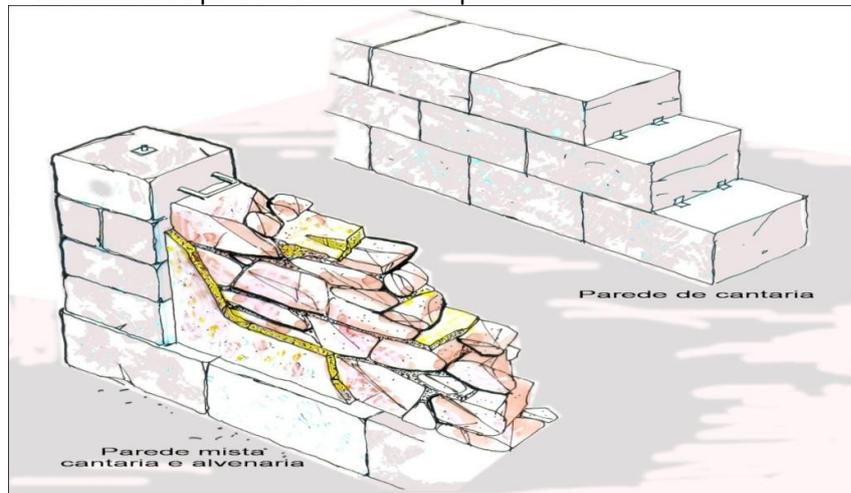
Nos primeiros séculos da colonização eram ainda usadas pedras importadas do reino, trazidas como lastros nos navios, entre as quais se salienta o lioz português, - um calcário da região de Lisboa de coloração variando entre o bege e o rosado- que foi muito empregado em ornatos, tais como ombreiras e vergas de portas, bases e capitéis de pilastras, pias batismais, etc.

#### 4.2.2 CANTARIA OU PEDRA APARELHADA

Na América portuguesa, as construções totalmente em pedra aparelhada não eram muito usuais. No nordeste eram razoavelmente comuns as fachadas em pedra aparelhada e esculpida de templos religiosos. Algumas vezes observamos também esta técnica em construções civis e militares, como no caso da casa da torre de Garcia D'Ávila, onde as pedras apresentam-se semi-aparelhadas, ou então nas muralhas e baluartes de algumas fortalezas coloniais.

A utilização da pedra aparelhada nunca era a de um simples revestimento em uma parede de pedra de mão. Tratava-se sempre de blocos maciços que eram inseridos no conjunto da alvenaria integrando-se a mesma, mesmo quando presentes apenas nas alvenarias de fachadas – embasamento, pilastras e cornijas<sup>16</sup> (RIBEIRO, 2003).

Figura 28- Detalhe de parede em cantaria e parede em cantaria mista com alvenaria



Fonte: Colin, 2010

No caso dos cunhais, as pedras aparelhadas participavam do sistema de amarração das paredes, como pode ser visto na marcação rústica da quinas de algumas igrejas da época.

Nas alvenarias de pedra em geral, a forma mais adequada de se vencer um vão é através de um arco.

<sup>16</sup> Cornija é o conjunto de molduras que serve de arremate superior as obras arquitetônicas, para acentuar as nervuras empregadas.

#### 4.2.3 ALVENARIA DE PEDRA SECA

Alvenaria que dispensa argamassa, com utilização de pedras de grandes dimensões assentes em fiadas relativamente niveladas. Nos vazios utilizam-se pedras de dimensões menores para preencher os vazios (AZEVEDO, 2010). Aparecem preferencialmente na construção de muros, divisória entre terrenos, pouco aparecendo nas habitações (COLIN, 2010). Em geral são de grandes espessuras e pouca altura, (0,60 m a 1,00 m). Em algumas regiões de Portugal, era hábito construções utilizando esse sistema e ainda hoje se fazem construções com um ou dois pavimentos.

Figura 29 – Muro em alvenaria de pedra seca



Fonte: Colin, 2010

#### 4.2.4 ALVENARIA MISTA

Este tipo de alvenaria foi muito utilizado durante o período colonial, principalmente nas áreas litorâneas, por ser muito resistente e pela abundância do material utilizado.

Sua edificação exigia uma agregação entre os tijolos e as pedras, para isso, era utilizada a cal (COLIN, 2010), e por vezes, utilizava-se também refugos construtivos, como pedaços de telhas, tijolos cerâmicos e pequenos blocos de pedra para evitar espaços vazios.

As fundações das construções eram feitas normalmente em grandes blocos de pedra, desde o fundo até a base. Em geral, o que se percebe é que as fundações eram mais largas que a alvenaria das paredes, mantendo a mesma espessura ao

longo da profundidade, para sustentar intactas edificações de dois ou mais pavimentos (RIBEIRO, 2003).

Evidentemente o conhecimento da mecânica do solo e os procedimentos adotados para as fundações no período colonial eram limitados e de base empírica. Com um processo de pesquisa tão rudimentar, era comum que após o assentamento da carga de paredes e telhados nas fundações as edificações sofressem algum recalque diferencial que causava rachaduras nas fachadas, embora esse recalque se estabilizasse ao longo do tempo.

Figura 30 – Alvenaria mista – pedra e tijolos



Fonte: ENANPARQ, 2014.

## 5 ANÁLISE DA ICONOGRAFIA E CARTOGRAFIA

As análises iconográficas e cartográficas visaram situar historicamente o surgimento dessas primeiras edificações da Rua de São Jorge. A iconografia utilizada como ferramenta de análise e interpretação torna-se bastante relevante, pois, permite o conhecimento de determinados períodos ou momentos. O contexto histórico das iconografias e cartografias são bases de informações sobre o surgimento do povoado dos arrecifes, o traçado urbano e o crescimento urbanístico do local estudado.

Uma das primeiras representações onde pode ser visto o istmo de Olinda é de autoria de Diogo de Campos Moreno, datada de 1609, conforme a figura 31.

Figura 31 – 1609 – "Perspectiva de Pernaobuco como se mostra olhado do Mar desta villa até A Barretta". [Recife] Autor: Diogo de Campos Moreno.



Fonte: Detalhe do original manuscrito, que ilustra o códice "Relação das Praças Fortes do Brasil" de Diogo de Campos Moreno, existente no Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa.

Na parte à esquerda desse desenho pode ser vista a povoação do Recife, ainda em sua fase inicial de formação. São apenas duas ruas com oito ou nove quadras, com poucas casas. Nessa época ainda não havia sido construído o Forte do Mar ou do Picão, projetado na Europa por Tiburcio Spanochi, por volta de 1606 e construído por Cristóvão Álvares, sob a direção de Francisco de Frias de Mesquita (MELLO, 1987).

Em 1626 o povoado dos arrecifes aparece cercado por uma paliçada e uma grande extensão do istmo como espaço vazio, apenas ocupado pelas fortificações, conforme mostra a figura 32. Essa condição de espaço deserto, descampado, com pouca ocupação vai perdurar por muito tempo, como caminho entre Olinda e o povoado dos arrecifes.

Figura 32 – Detalhe do mapa de 1626 – Forte de São Jorge de João Teixeira Albernaz I



Fonte: Original que ilustra o códice “Livro que dá Razão ao Estado do Brasil” (Ca. 1626) Do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro.

Após a chegada dos holandeses começa a surgir a cartografia elaborada por eles. Além das pinturas surgem os desenhos esquemáticos com muitos detalhes.

A figura 33 mostra a chegada do esquadrão holandês ao Recife, evidenciando o forte de São Jorge no istmo e o forte do Picão nos arrecifes.

Figura 33: Detalhe do mapa de Nicolaes Visscher de 1640



Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro

A figura 34 de 1637 mostra uma vista de Olinda e tem em primeiro plano o caminho pela praia onde transitam alguns escravos. Este espaço tem as mesmas características do caminho até o povoado dos arrecifes, uma área deserta de areia com o mar batendo violentamente.

Figura 34– Olinda vista do mar de 1637 . Autor: Frans Post<sup>17</sup>



Fonte: Gravura que ilustra o livro de Barlaeus (BARLAEUS – 1647) Exemplar pertencente à Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

<sup>17</sup> A estampa mostra Olinda vista do mar, tendo à direita o Colégio dos Jesuítas (A), ao centro a matriz (B) e à esquerda o Convento dos Carmelitas (D). Os conventos estão em ruínas, em consequência do incêndio de 1631 e seu abandono. O desenho é assinado "F. Post.

Na Figura 35 datada de 1644, os holandeses representam o istmo já com o forte do Brum, com uma linha central que parece ser um caminho que sai da área fortificada do Recife até a cidade de Olinda, passando pelos Fortes de São Jorge, nesse período utilizado como hospital e os do Brum e de Madame Bruyne, ou Forte do Buraco, mais próximo à Olinda. Aqui pode ser visto que a área do Fora de Portas continua abandonada sem qualquer habitação.

Figura 35 - Recife - 1644 "CAERTE VANDE HAVEN VAN Pharnambocqve met de Stadt Mouritius en Dorp Reciffo ende bijleggende forten met alle gelegenthe den van dien". Autor: do desenho, Johannes Vingboons; do original, Cornelis Golyath.<sup>18</sup>



Fonte: Original manuscrito do Algemeen Rijksarchief, Haia.

<sup>18</sup> Esse desenho foi estudado por Gonsalves de Mello em "A Cartografia Holandesa do Recife" (GONSALVES DE MELLO - 1976, cap. 3), que conclui ser um trabalho de Cornelis Bastiaensz Golyath, cartógrafo holandês que trabalhou no Brasil, provavelmente entre 1635 e 1641. A imagem mostra os projetos para aperfeiçoamento do Recife, elaborados ao tempo de Nassau. A versão original, de 1639, que integra o "Atlas Bohm" de Vingboons, pertencente ao Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano, foi estudada anteriormente (PERNAMBUCO - 75). Nesta, datada de 1644, vemos o palácio de Maurício de Nassau, com seus jardins na extremidade à direita, da Ilha de Antônio Vaz, e a parte ligando o bairro do Recife à ilha, concluída naquele ano. O plano para ampliação da Cidade Maurícia incluía um número maior de fileiras de quadras e uma praça central, dividida ao meio por um canal. (GOULART, Nestor - Vilas e cidades do Brasil colonial).

Na pesquisa cartográfica foi realizado um estudo utilizando como objeto norteador, o atlas Histórico Cartográfico do arquiteto José Luiz da Mota Menezes de 1988, onde foi possível avaliar o crescimento do espaço físico e da urbanização do Recife, através de sucessivos aterros do leito do rio e do mar, inclusive na área da Quadra 55 no pólo Pilar, objeto deste estudo, como mostra a figura 36, onde está assinalada em vermelho a área do projeto de Requalificação Urbanística do Pilar. Aqui Menezes (1988), mostra a área atual do bairro, estando assinalada em cinza a área do antigo istmo em 1631.

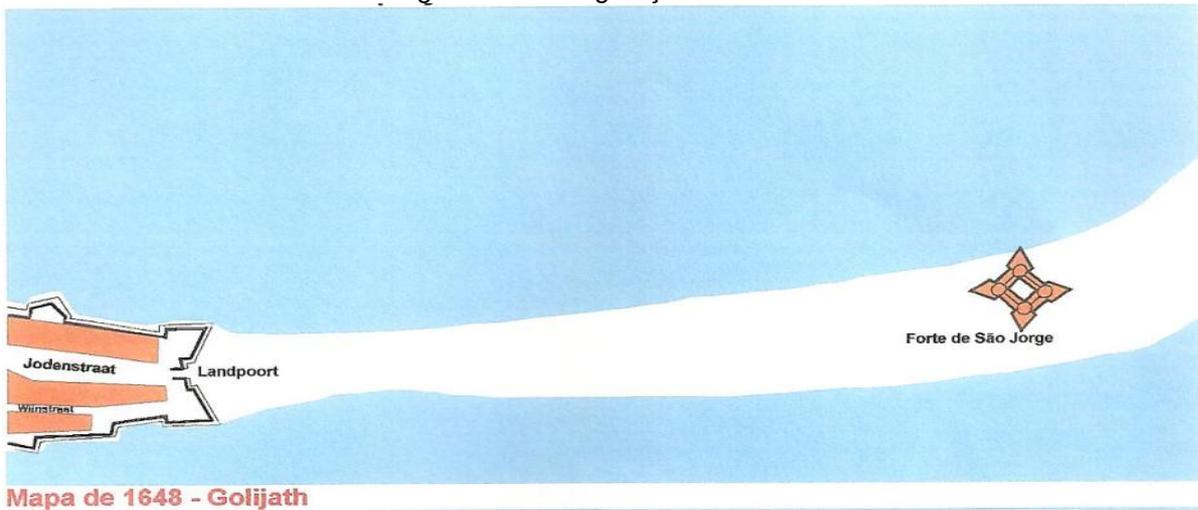
Figura 36 – Evolução Urbana no istmo – 1631



Fonte: MENEZES,1988

Em 1648 o fora de portas do Recife foi retratado por Golijath, mostrando os grandes espaços vazios nesta região (Figura. 37).

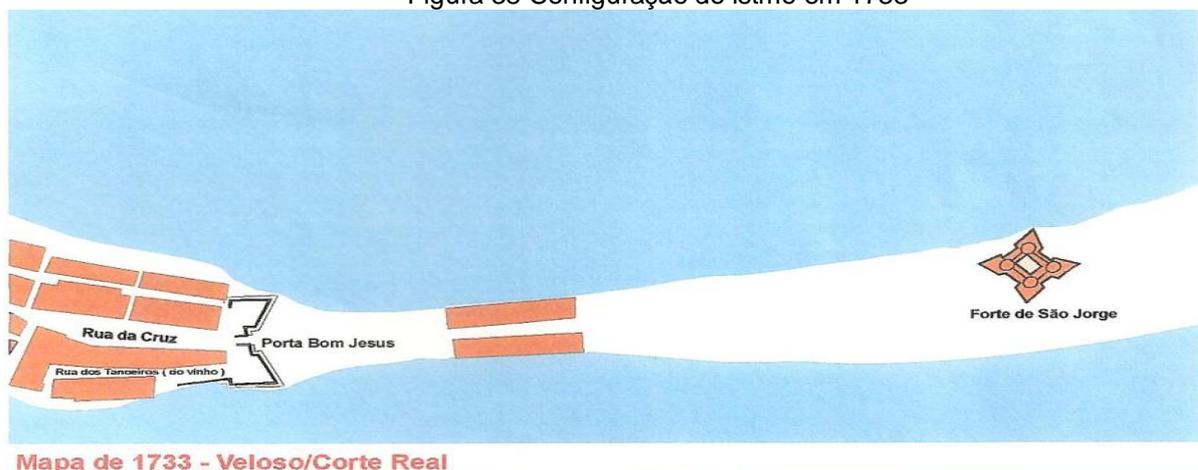
Figura 37 - Configuração do Istmo em 1648



Fonte: GOLIJATH, 1648; Arquivo Histórico Ultramarino Lisboa

Nesta mesma fonte encontrou-se um mapa de Veloso e Corte Real, datada de 1733 (Figura 38) que apresenta um equívoco por assinalar ainda o forte de São Jorge, que nesta data já havia sido demolido, não mostrando a Igreja de Nossa Senhora do Pilar- construída entre 1680 - 1683 e as primeiras casas edificadas em sua proximidade, que deram início a formação do arruado de São Jorge, conforme (MELLO,1987; CAVALCANTI,1977; COUTO,1904; COSTA,1984).

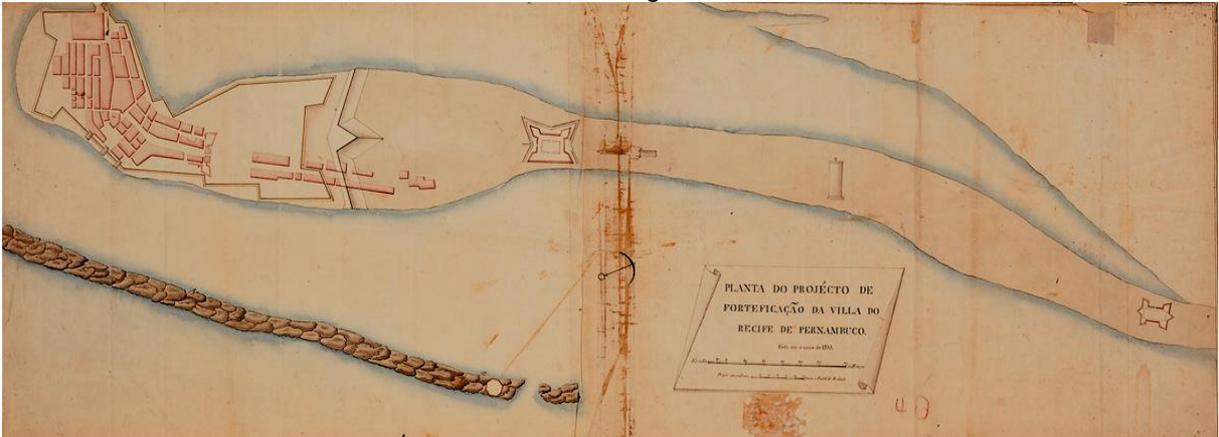
Figura 38 Configuração do istmo em 1733



Fonte: VELOSO / CORTE REAL, 1733 Arquivo Histórico Ultramarino Lisboa

A figura 39 mostra uma planta do projeto de fortificação da villa do Recife de Pernambuco datada de 1739, onde aparecem o Forte de São Jorge, a Cruz do Patrão, o Forte do Brum e a Igreja do Pilar com o casario erguido após a sua construção.

Figura 39 – Recife 1739 "PLANTA DO PROJECTO DE FORTEFICAÇÃO DA VILLA DO RECIFE DE PERNAMBUCO". Autor: Diogo da Silveira Velloso.



Fonte: Original manuscrito do Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro.

Assim como o mapa de Veloso Corte Real de 1733 (Figura38), o mapa de Diogo da Silveira Velloso de 1739 (Figura 39) apresenta erros ao assinalar o forte de São Jorge como contemporâneo a Igreja do Pilar e ao início do primeiro arruado do fora de portas, pois, conforme a historiografia pesquisada o forte de São Jorge já havia sido extinto quando da construção da igreja do Pilar e das primeiras casas do arruado (MELLO, 1987; CAVALVANTI, 1977; COUTO, 1904; COSTA, 1984).

Num ângulo de visão a partir de Olinda (Figura 40), o Padre José Caetano retrata o istmo mostrando as mesmas edificações representadas na planta anterior. Em primeiro plano o Forte do Buraco, a seguir a Cruz do Patrão, o Forte do Brum e o aglomerado de casa que pode corresponder ao núcleo residencial surgido com a igreja do Pilar.

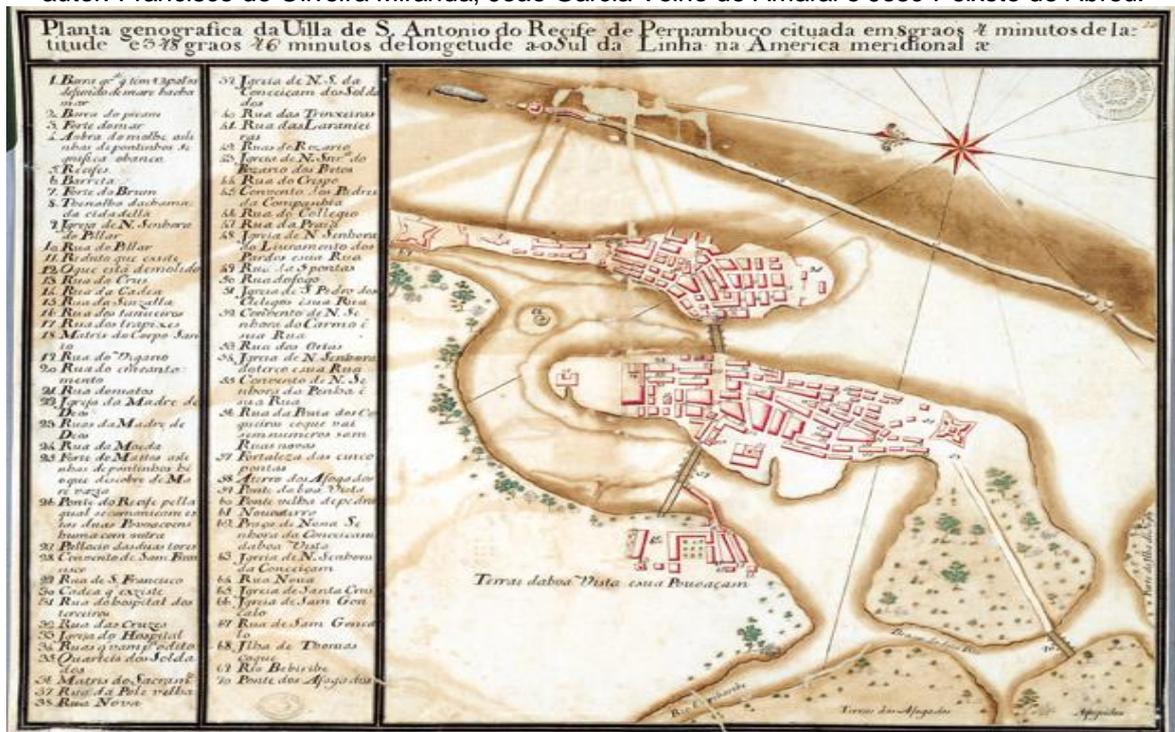
Figura 40 - Recife 1759 - "Planta e plano da Villa de Santo Antonio do Recife Pernambuco". autor: Do original, Padre José Caetano; da cópia, não identificado<sup>19</sup>.



Fonte: Original manuscrito do Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro.

Em 1763 fica registrada na planta realizada por Francisco de Oliveira Miranda (Figura 41), a existência da Igreja do Pilar e seu casario.

Figura 41 – Recife – 1763 "Planta genográfica da Villa de S. Antonio do Recife de Pernambuco cituada em 8 graus 4 minutos de latitude e 38 graus 26 minutos de longitude a o sul da Linha na America meridional e". autor: Francisco de Oliveira Miranda, João Garcia Velho do Amaral e José Peixoto de Abreu.



Fonte: Original manuscrito do Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.

<sup>19</sup> Esse desenho, do Arquivo Histórico do Exército, é importante por se tratar de um exemplar do levantamento do Pe. José Caetano, realizado em 1759, e incluído por Luís dos Santos Vilhena como ilustração de suas "Notícias Soteropolitanas e Brasíliaas", cujos originais estão na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O paradeiro do original do Pe. Caetano é desconhecido por nós, mas a existência dessa versão é uma confirmação de correção da cópia usada por Vilhena. Chama atenção a ponte coberta, ligando os bairros do Recife e Antonio Vaz (GOULART, Nestor Vilas e cidades do Brasil colonial).

A figura 42 mostra no detalhe a Igreja de Nossa Senhora do Pilar e das primeiras casas do arruado.

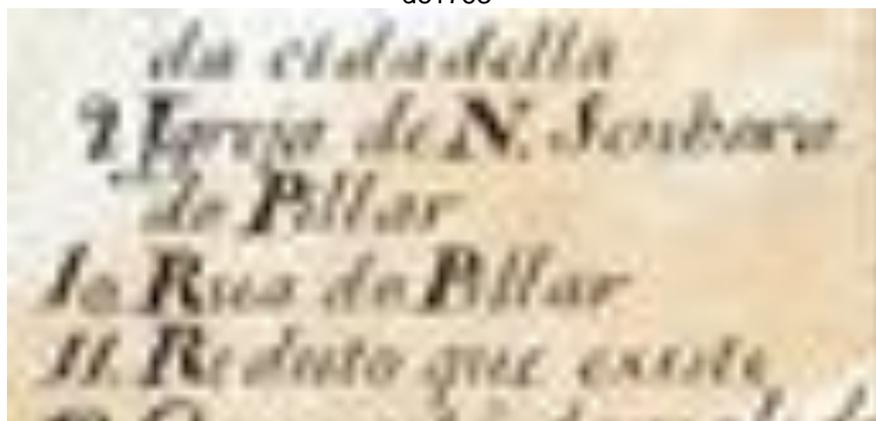
Figura 42 – Recife - 1763 - Detalhe da "Planta genográfica da Villa de S. Antonio do Recife de Pernambuco...". autor: Francisco de Oliveira Miranda, João Garcia Velho do Amaral e José Peixoto de Abreu.



Fonte: Original manuscrito do Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa

Na legenda (Figura 43), o número 9 corresponde a Igreja do Pilar e o número 10 a Rua do Pilar, como pode ser visto nos detalhes a seguir.

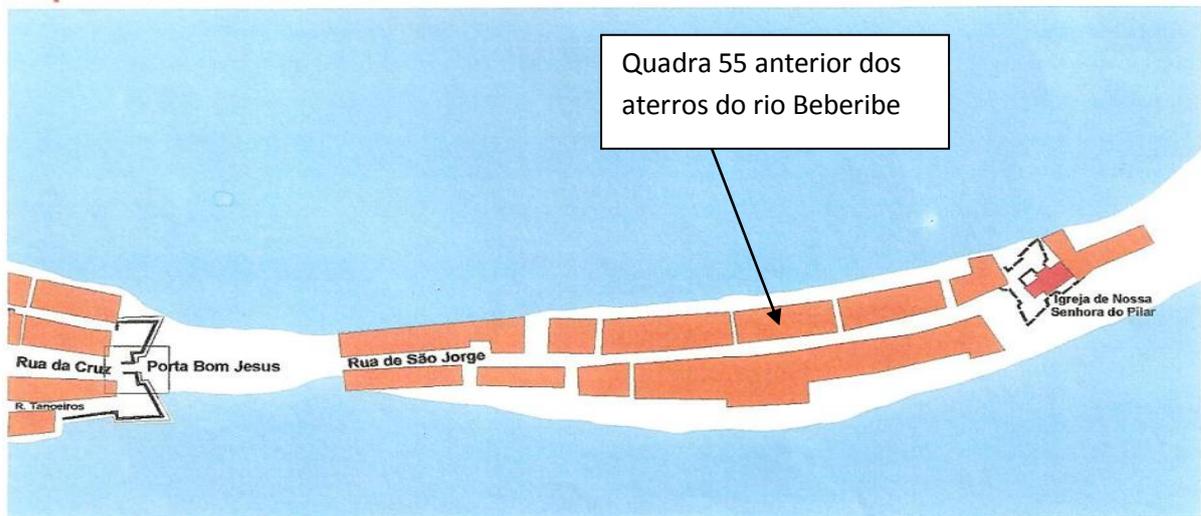
Figura 43- Detalhe da legenda da planta genográfica da Villa de Santo Antonio do Recife de 1763



Fonte: Original manuscrito do Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa

Na figura 44, encontram-se retratadas a Igreja e a Rua do Pilar já ocupada e toda sua extensão por casas e armazéns.

Figura 44 – Configuração ocupacional e urbana do istmo

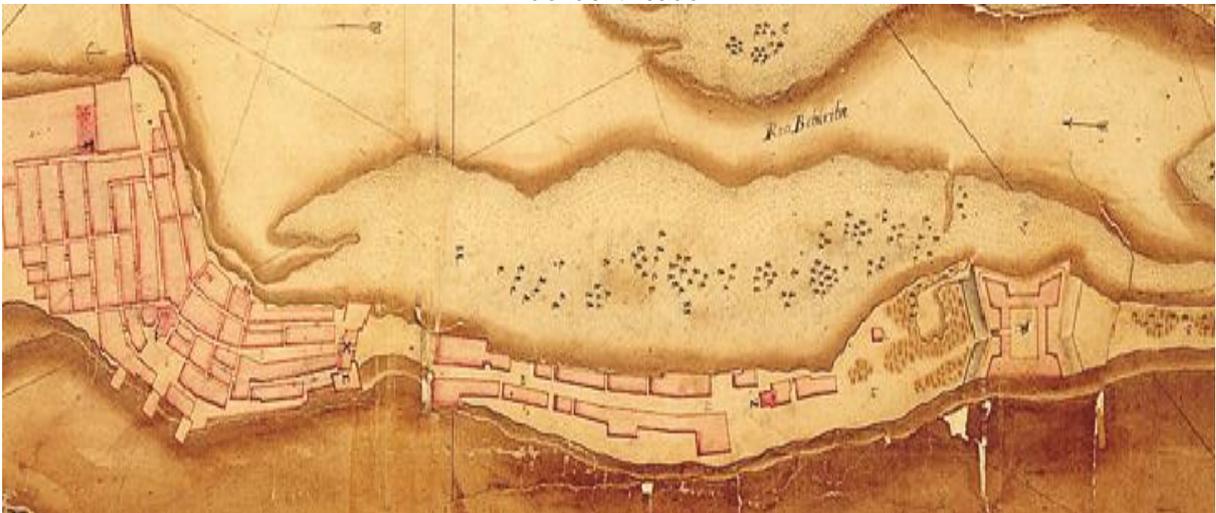


Mapa de 1766 - Évora-Portugal

Fonte: ÉVORA PORTUGAL,1766. Arquivo: Fundação Biblioteca Nacional.

Situação confirmada pelo detalhe do Plano da Villa de S. Antonio de Pernambuco de 1771, como mostra a (Figura 45).

Figura 45 – Recife – 1771 Detalhe do "Plano da Villa de S. Antonio do Recife de Pernambuco.. Autor: não identificado.



Fonte: Original manuscrito do Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro.

A figura 46 mostra que a evolução da urbanização do Recife, forma novos bairros no continente.

Figura 46 – 1808 Plano do Porto e Praça de Pernambuco. Autor: José Fernandes Portugal



Fonte: Original manuscrito do Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro.

Por essa imagem, vista no detalhe da planta de 1808 de José Fernandes Portugal (Figura 47), pode se constatar o aumento de área construída no bairro do Recife.

Figura 47 - Detalhe do Plano do Porto e Praça de Pernambuco de 1808

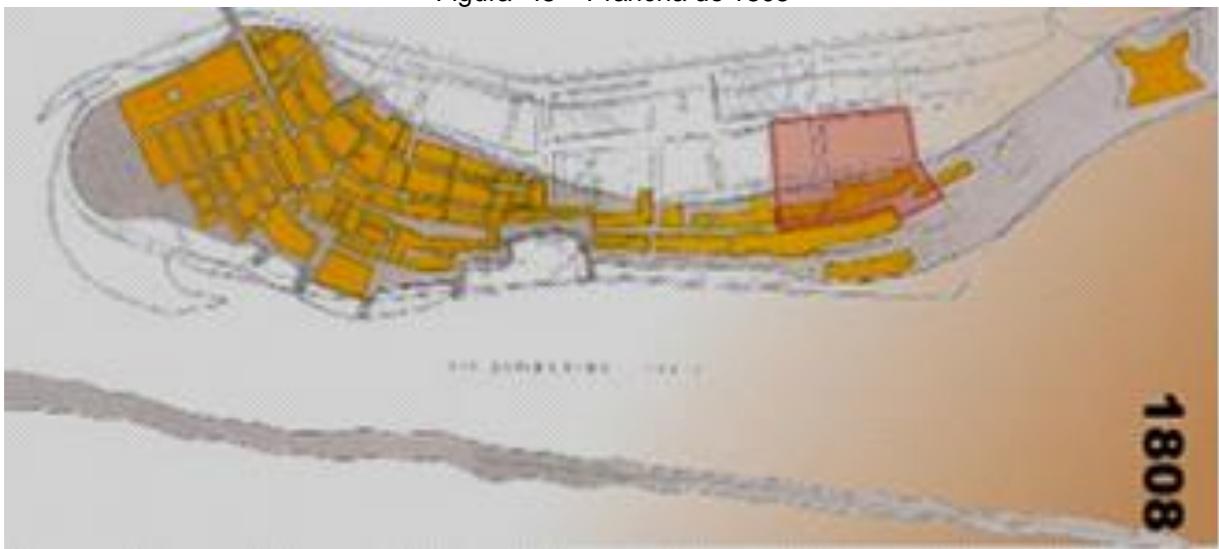


Fonte: Original manuscrito do Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro

No atlas cartográfico do Recife elaborado pelo arquiteto José Luiz da Mota Menezes, está representado o crescimento urbano ocorrido no istmo ao longo dos séculos de sua ocupação, do século XVI ao XX. (MENEZES, 1988).

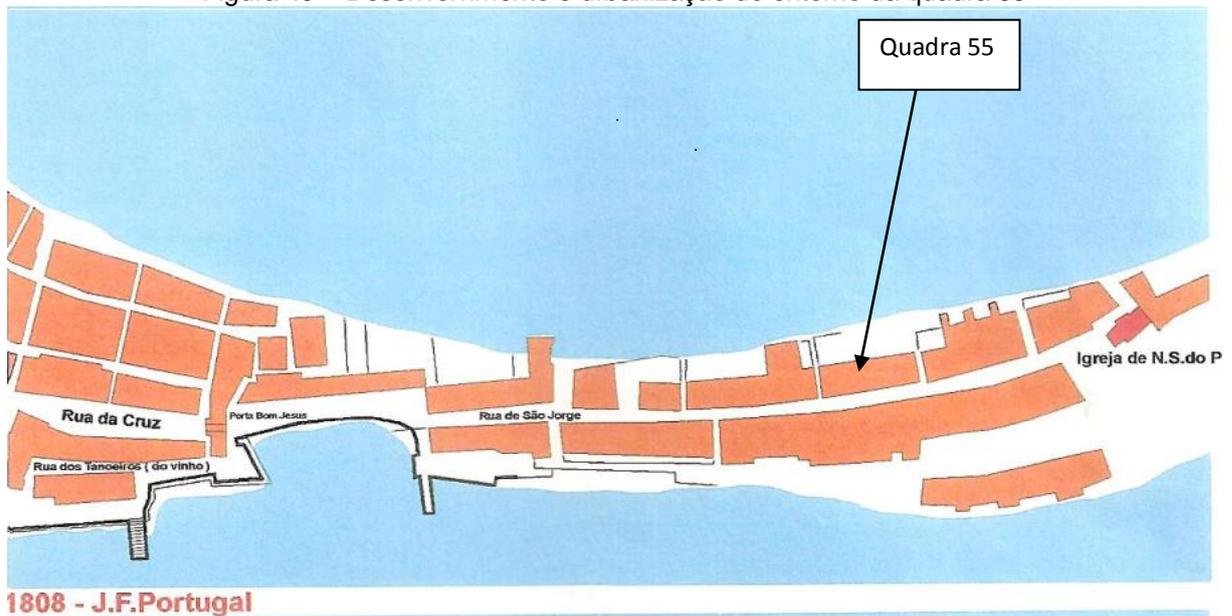
A prancha de Menezes de 1808 (1988), (Figura 48), coincide com o mapa de J. F. Portugal (1808), (Figura 49) mostrando o crescimento espacial através de aterros do mar e do rio Beberibe. Pode-se observar o crescimento e o desenvolvimento urbano do entorno da quadra 55, porém esta mantém-se ainda com as mesmas dimensões iniciais.

Figura 48 – Prancha de 1808



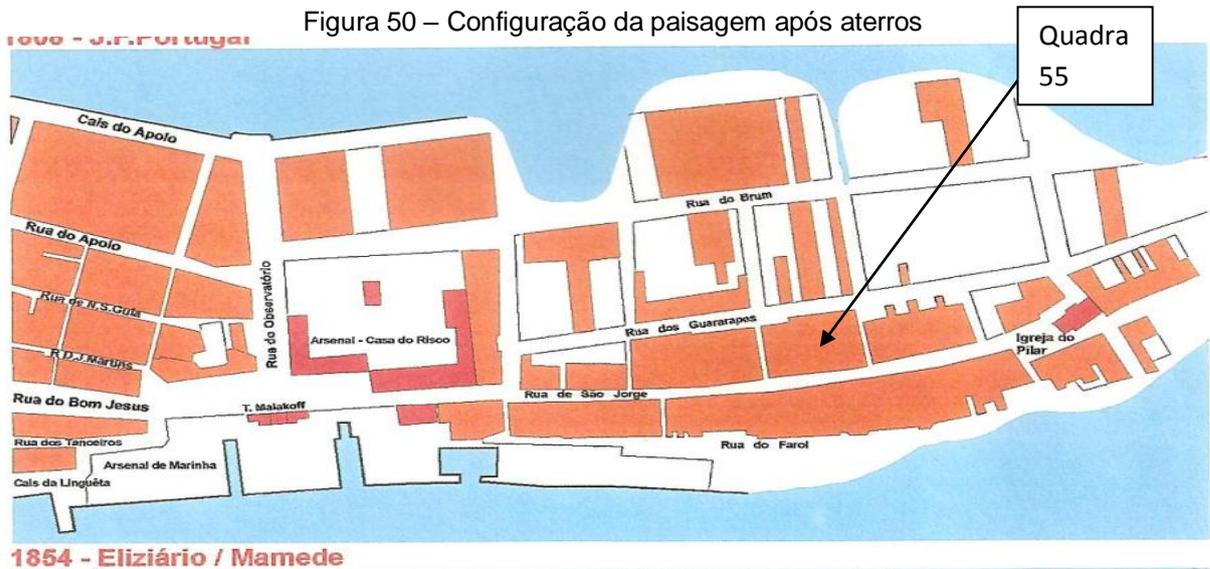
Fonte: MENEZES, 1988.

Figura 49 – Desenvolvimento e urbanização do entorno da quadra 55



Fonte: J. F. Portugal, 1808. Arquivo Fundação Biblioteca Nacional.

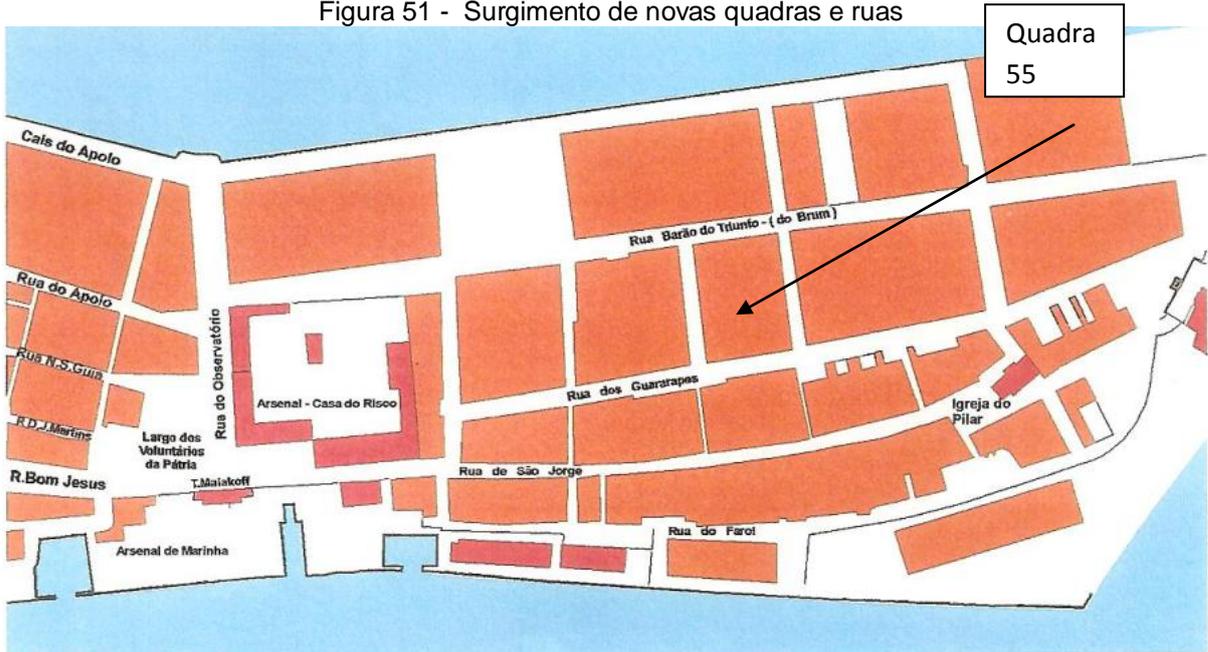
Nos mapas de Eliziário / Mamede (1854), e na prancha de Menezes de 1856 (1988), pode-se conferir, como mostra na figura 50, que os aterros foram moldando uma nova configuração urbanística na área, com o surgimento de várias quadras, que em muito ultrapassaram os limites originais do istmo.



A quadra 55 praticamente dobrou de tamanho com os aterros, o que provavelmente possibilitou o surgimento de quintais ou extensão das casas, ou com novas edificações.

No mapa de Douglas Fox (1906) (Figura 51) e na prancha de Menezes de 1906 (1988), (Figura 52), a área do istmo já está bastante modificada

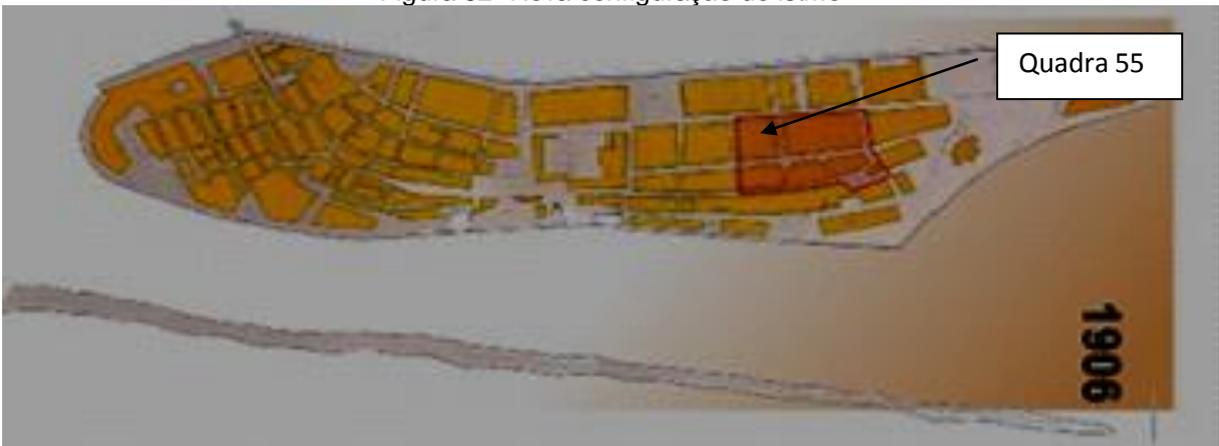
Figura 51 - Surgimento de novas quadras e ruas



1906 - Douglas Fox

Fonte: Douglas Fox, 1906 Arquivo Fundação Biblioteca Nacional

Figura 52- Nova configuração do istmo



Fonte: MENEZES, 1988

Segundo a planta de Douglas Fox (1909), a quadra 55 do Pilar, no início do século XX, estava composta por 15 edificações voltadas para a Rua de São Jorge. Cada construção ocupava o lote em sua totalidade, exceto nos fundos que sempre havia um quintal. Os lotes variavam entre 2,40 e 5,50m. de largura. Estas casas eram conjugadas e alinhadas entre si.

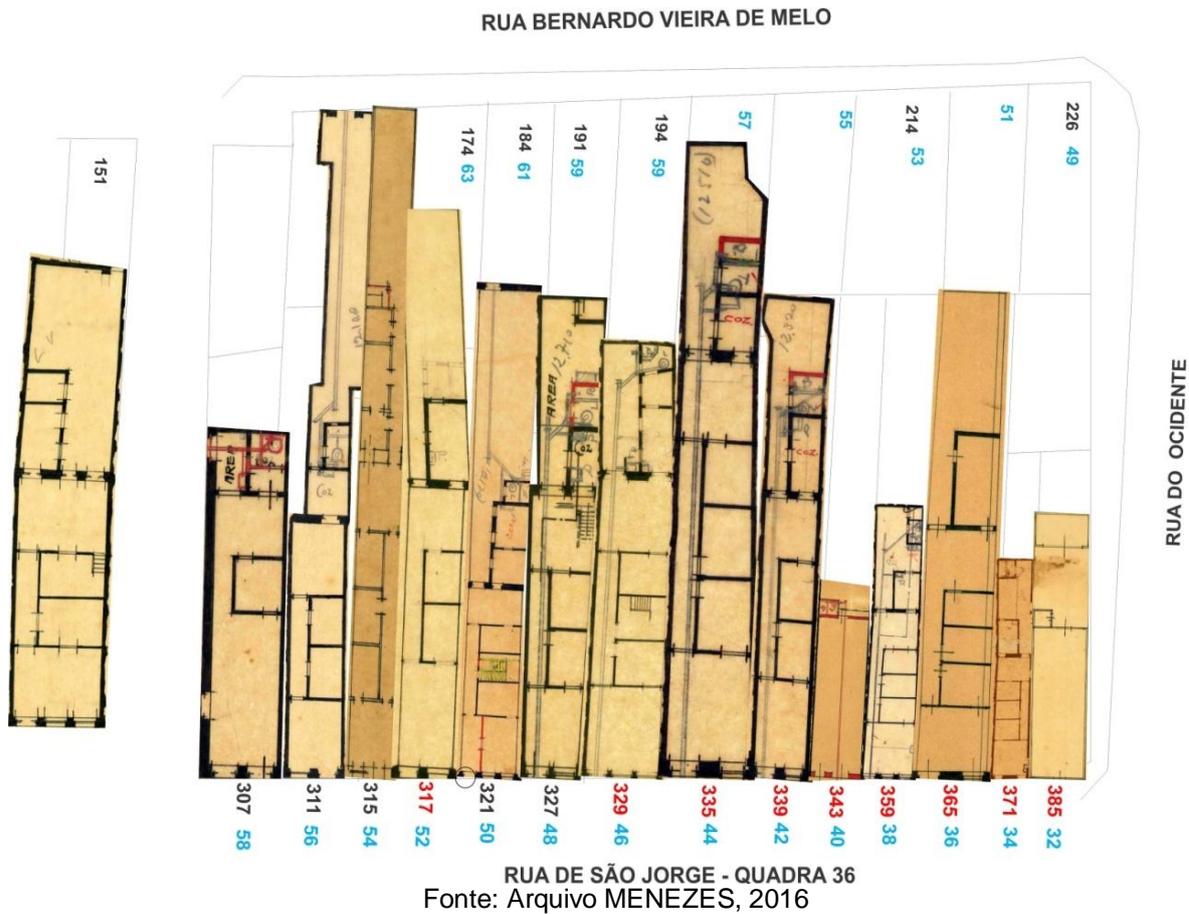
Figura 53 – Planta da quadra 55 de 1909 de Douglas Fox,



Fonte: Douglas Fox, 1909.

Ao comparar a planta de Douglas Fox de 1909, com a planta baixa da COMPESA (Companhia de Esgoto e Saneamento) (Figura 54), que foi gentilmente cedida pelo arquiteto José Luiz da Mota Menezes, identifica-se claramente que existem inúmeras variações estruturais na forma de ocupação total dos lotes.

Figura 54 – Planta baixa da COMPESA das casas da Q. 55.

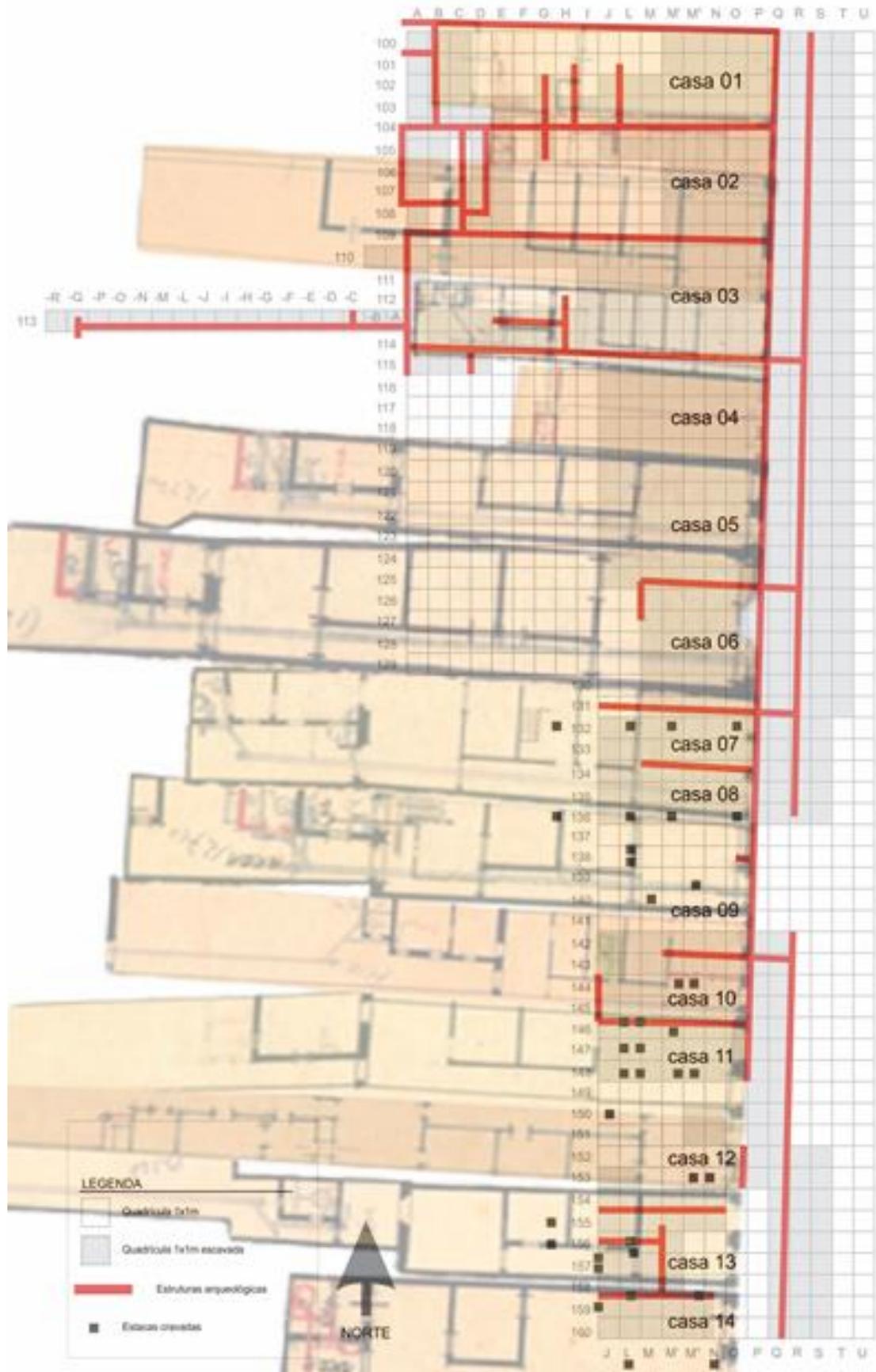


Em busca de maior respaldo para o que foi identificado, foi realizada uma sobreposição com a utilização da planta baixa da COMPESA (Figura 55) sob a malha da escavação arqueológica da Fundação Seridó (Figura 18).

Deve-se considerar que na malha da escavação arqueológica as linhas em vermelho correspondem às estruturas das fundações que foram evidenciadas até dezembro de 2013. As partes em cinza correspondem às quadrículas escavadas e as partes em branco, quadrículas que não foram escavadas.

Numa tentativa de sobreposição (Figura 55) foi seguida a risca a numeração das casas que estão assinaladas na malha da escavação arqueológica. Esta foi sobreposta sobre a planta baixa da COMPESA nas casas correspondentes, o que resultou em algumas semelhanças e desproporções na justaposição dos dados.

Figura 55 – 1ª Tentativa de superposição



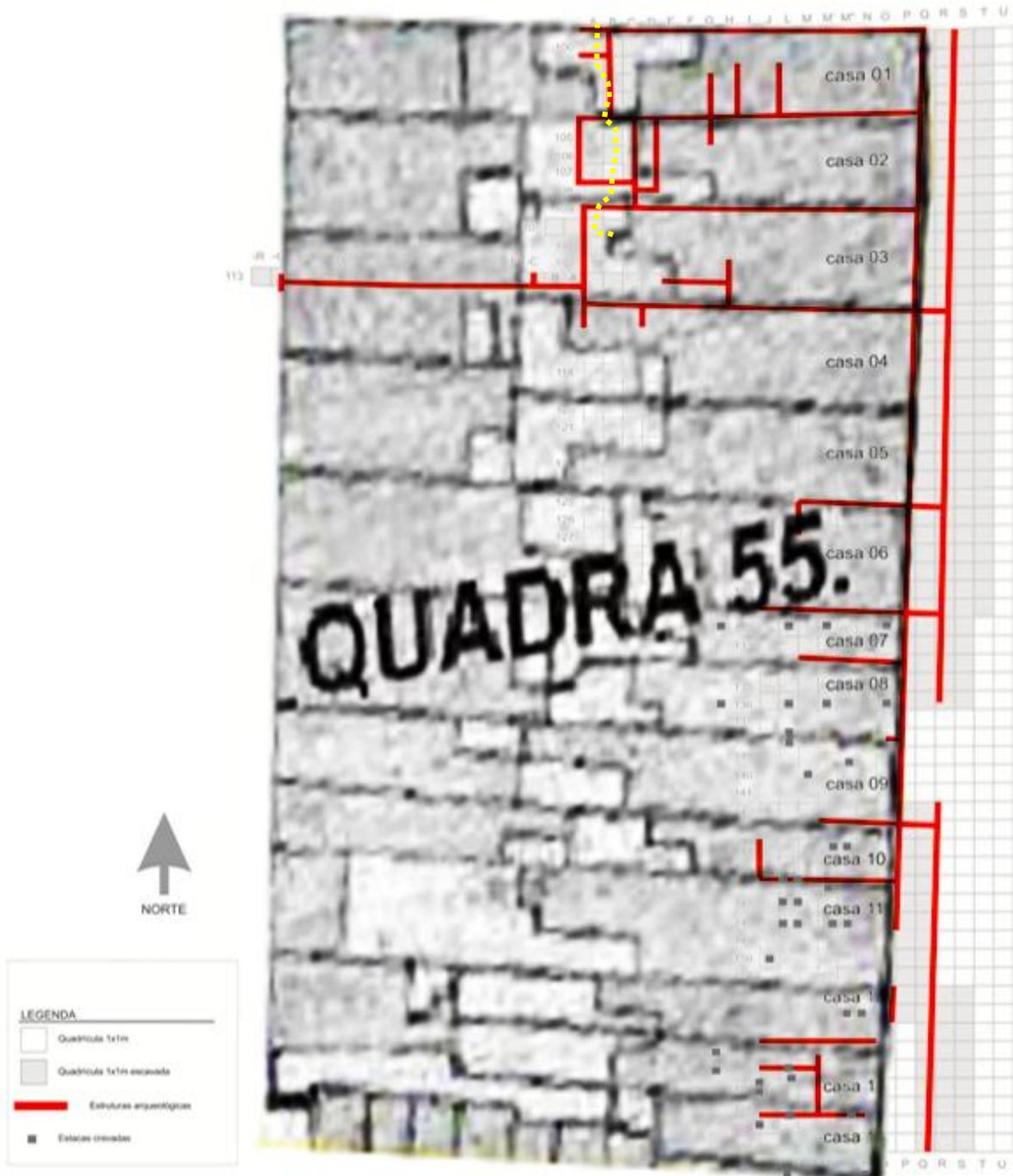
Fonte: Autoria própria, com dados do Arquivo MENEZES, 2016 e da Fundação Seridó (2013).

Nota-se que a linha da estrutura da frente das casas no sentido Norte – Sul está corretamente sobreposta em todas as casas. Entretanto as linhas das estruturas no sentido Leste – Oeste de todas as fundações divisórias entre as casas demonstram que a sobreposição da malha não se adéqua corretamente a planta baixa, ficando algumas linhas estruturais soltas em áreas referentes a espaços vazios das casas.

Deve-se levar em conta que a planta baixa da COMPESA, foi um estudo feito para a implantação do sistema sanitários nas casas no início do século XX, (1910-1930), não havendo necessidade de uma grande precisão no levantamento arquitetônico das mesmas, daí a não coincidência entre os desenhos e as estruturas encontradas nas escavações.

Usando da mesma lógica foi realizada a sobreposição da malha da escavação das estruturas encontradas sobre a planta de Douglas Fox de 1909 (Figura 56).

Figura 56 – 2ª Tentativa de sobreposição



Fonte: Autoria própria, com a planta de Douglas Fox (1909) e a malha da escavação da Fundação Seridó (2013).

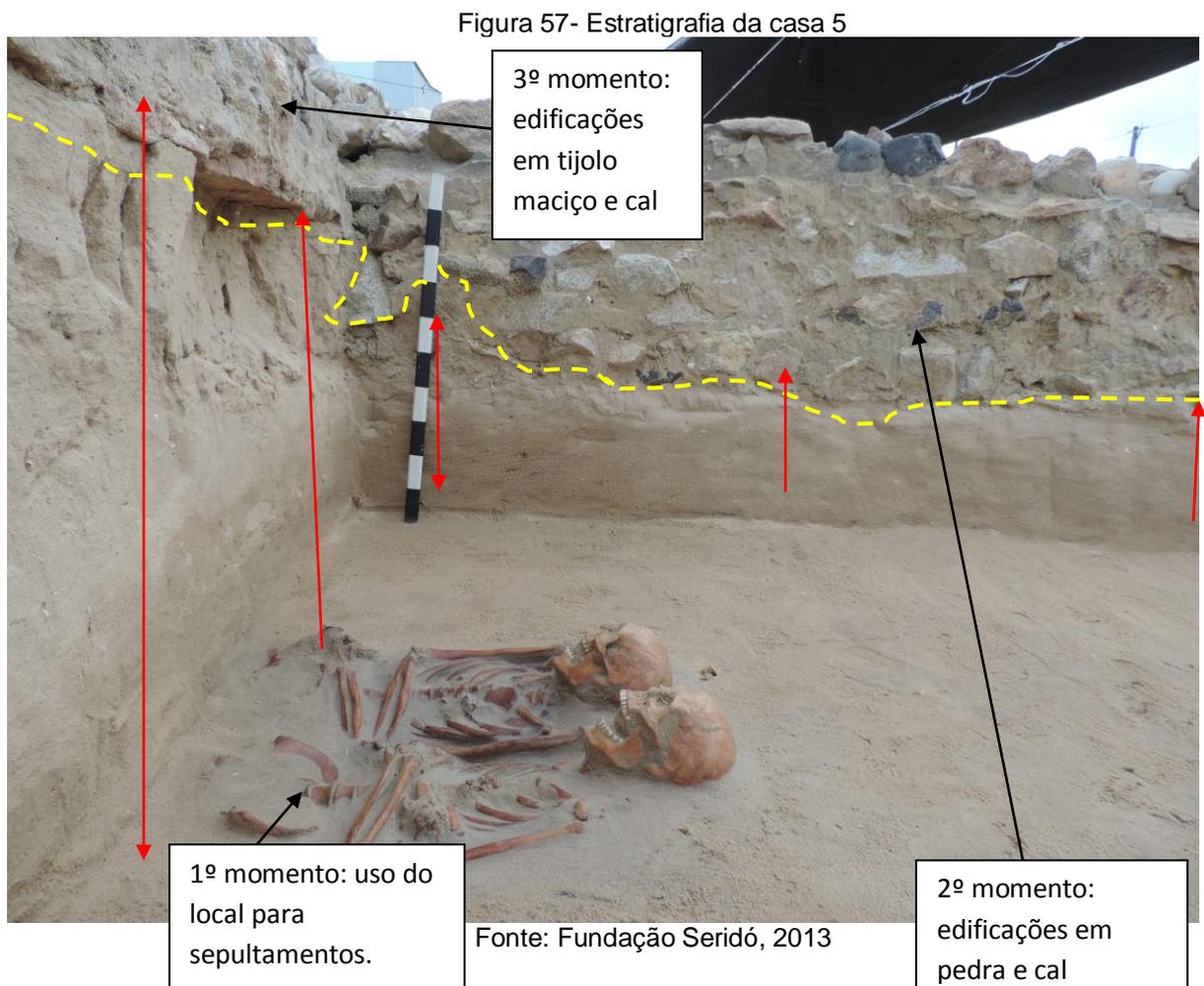
Observa-se que a linha da estrutura na parte da frente das casas, no sentido Norte – Sul está devidamente sobreposta sobre a planta. O mesmo acontece com as linhas das estruturas divisórias entre as casas no sentido Leste- Oeste, inclusive com as linhas das divisões dos cômodos.

A linha tracejada em amarelo indica o limite oeste do istmo nas casas 1, 2 e 3 até o final do século XVIII, quando houve o primeiro aterro do rio Beberibe naquele local. Não foi possível encontrar o limite leste – oeste do istmo das demais casas, devido a edificações que não haviam sido demolidas e instalações do consórcio (sanitários) que havia no local.

## 6 ANÁLISES DA ESTRATIGRAFIA E DAS ESTRUTURAS

A formação de camadas estratigráficas pode estar direta ou indiretamente ligada à atividade humana, especialmente em centros urbanos, como é o caso do sítio Pilar, onde ao longo dos anos ocorreram inúmeras modificações com aterros, demolições, construções, reconstruções e instalação de rede de esgoto e fibra ótica, que podem alterar o contexto arqueológico, formando assim a paisagem atual.

A estratigrafia encontrada na quadra 55 mostrou-se muito complexa, com camadas deposicionais, que estão relacionadas com as mudanças no uso, ocupação e urbanização da área. Durante a escavação arqueológica foram observadas algumas mudanças no uso e ocupação do istmo como mostra a figura 57. A estratigrafia da casa 5 mostra a cronologia dessas mudanças.

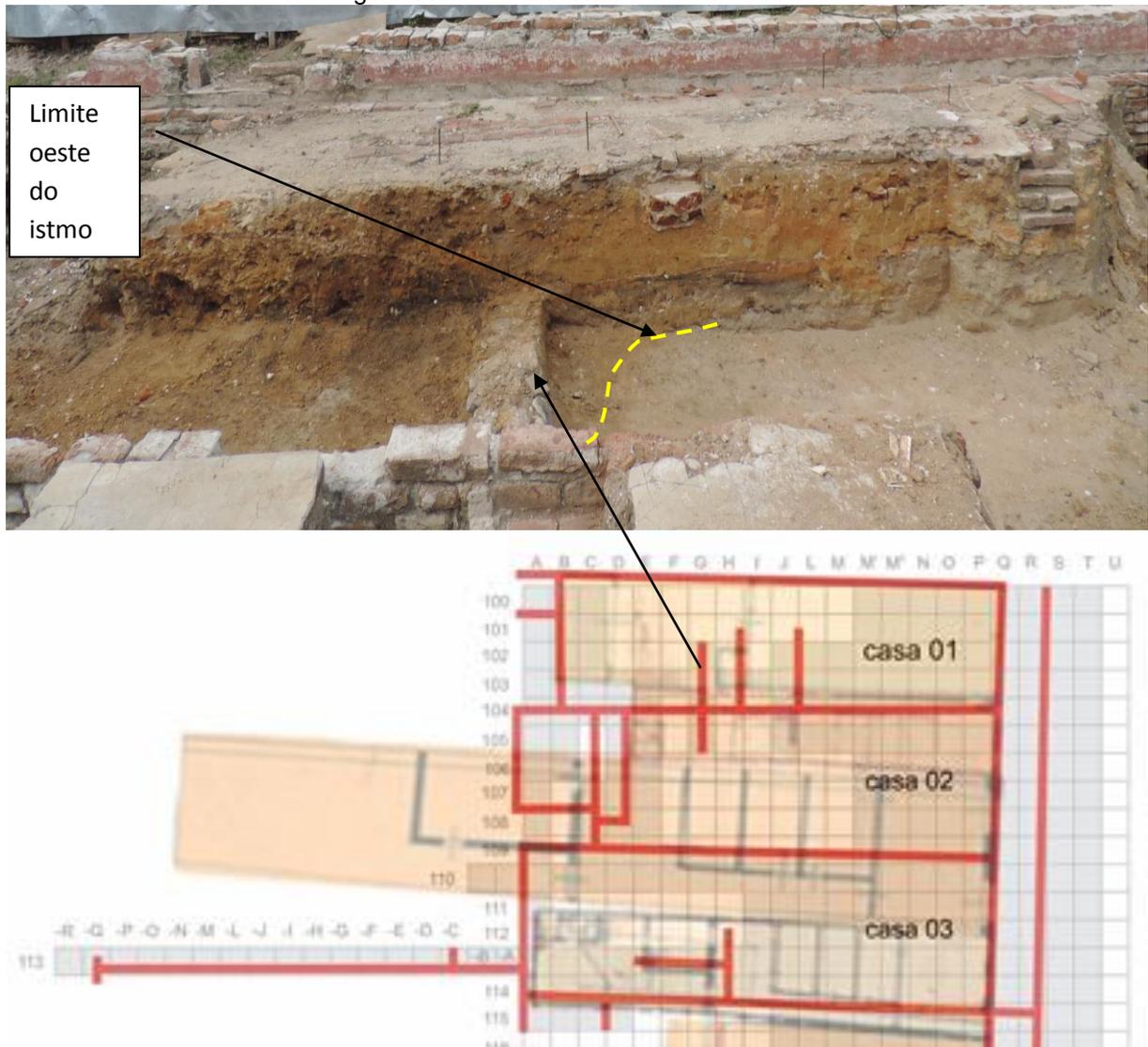


O local apresentava uma variação topográfica entre 50 e 90 cm de altura, quando foram sepultados os indivíduos encontrados, estando distantes da base das

fundações entre 90 e 10 cm, o que permitiu que estas edificações não danificassem os esqueletos.

As estruturas das fundações das primeiras casas edificadas na quadra 55, voltadas para a Rua de São Jorge foram construídas até o limite do istmo com a margem do rio Beberibe, naquele momento sem a presença dos aterros (Figura 58), que só iniciaram em meados do século XVIII, como foi visto no mapa de Évora Portugal de 1766 (Figura 44).

Figura 58 – Limite oeste do istmo na casa 1



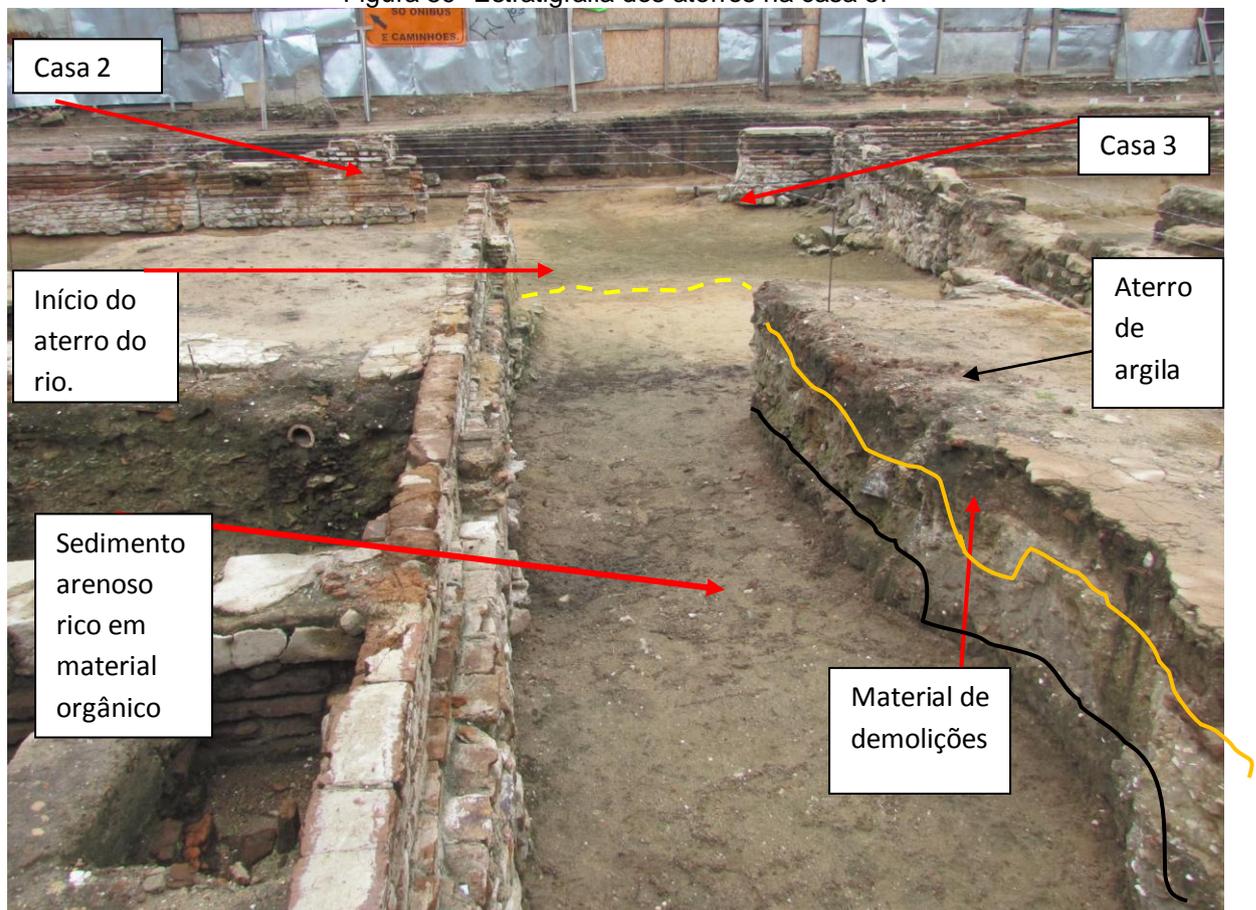
Fonte: Fundação Seridó, 2013

O primeiro aterro está localizado a uma distância de 8 m no sentido oeste a partir das fachadas das casas. Como ainda, arqueologicamente, não foi identificado

o segundo aterro, não se pode delimitar a extensão do primeiro aterro (fundação Seridó, 2013).

As partes posteriores das casas foram edificadas após os primeiros aterros nas margens do rio Beberibe, ainda na primeira década do século XIX, como mostra a prancha de Menezes de 1808, (Figura 48) e o mapa de J. F. Portugal de 1808, (Figura 49), alongando assim a área para ampliação das casas existentes, e edificação de novas casas, voltadas para a rua do Brum. Na figura 60 pode-se observar claramente o limite do istmo original e a estratigrafia do aterro sobre o rio Beberibe nas casas 2 e 3.

Figura 59- Estratigrafia dos aterros na casa 3.



Fonte: Fundação Seridó, 2013

Os dados resultantes da leitura estratigráfica podem fornecer a sequência histórica das deposições sedimentares, permitindo traçar a evolução construtiva das edificações da área estudada.

As análises direcionadas ao conhecimento dos remanescentes arqueológicos das fundações das antigas casas da quadra 55 têm como objeto central identificar

as primeiras edificações residenciais da Rua de São Jorge, sob o viés da arqueologia da arquitetura.

As estruturas encontradas na quadra 55, voltadas para a rua de São Jorge foram edificadas aos moldes construtivos dos séculos XVII, XVIII, em alvenaria mista de tijolo cerâmico maciço, pedra com argamassa de cal e barro, ou tijolo cerâmico com argamassa de cal sobre uma camada de pedras mais robustas, com exceção apenas das casas 6 e 7, (Figura 61), que apresentam em sua alvenaria, pedras de variados tamanhos e formas, com argamassa de cal e barro.

Figura 60 - Alvenaria de pedra e cal das casas 6 e 7.



Fonte: Fundação Seridó, 2013

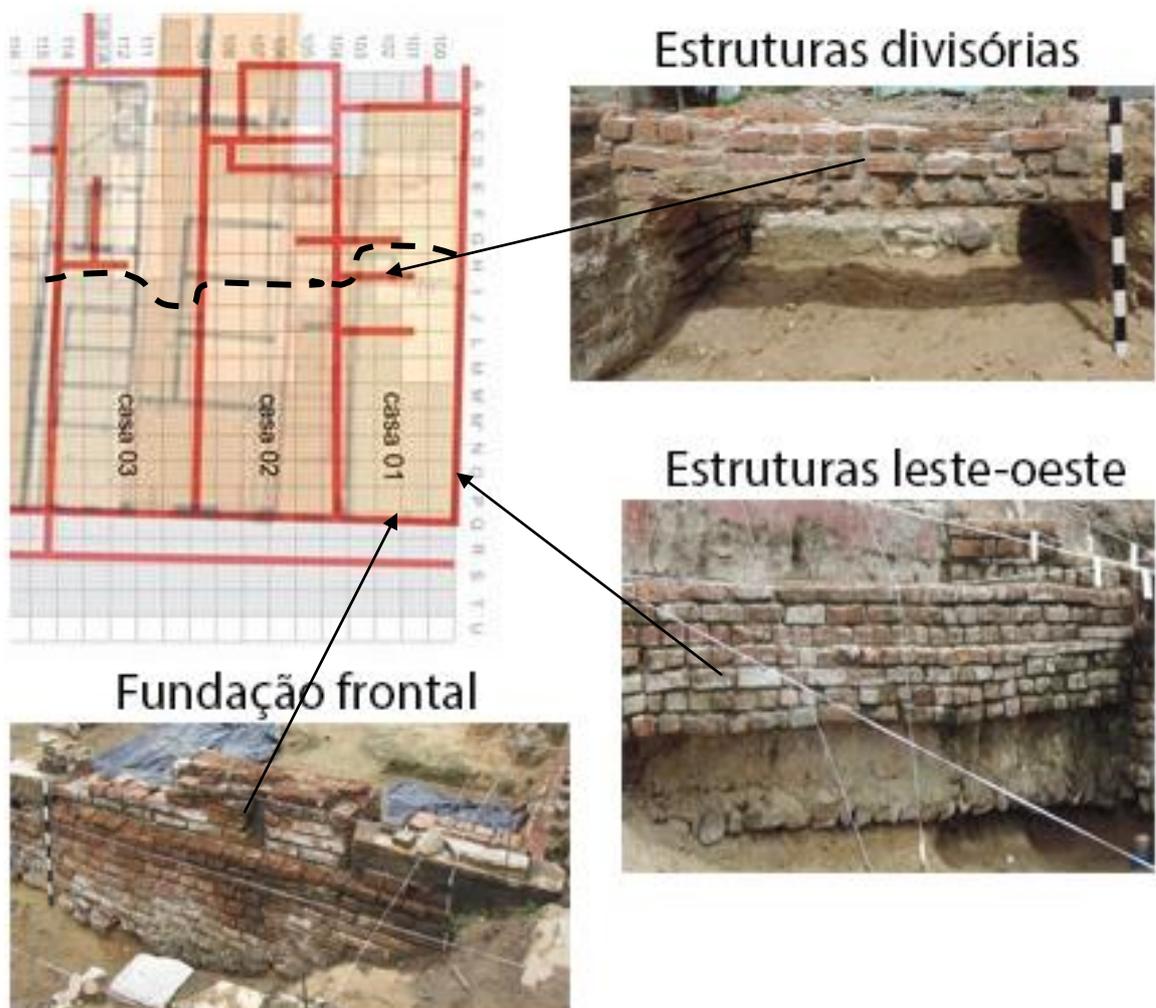
As alturas médias das fundações variam de 70 cm até mais de 1 m, com espessuras variando entre 30 e 50 cm

Dentre as 14 fundações escavadas, apenas as das casas 1, 2 e 3 tiveram suas estruturas evidenciadas de forma mais completa, devido ao empecilho de outras edificações de ocupações modernas que ainda não haviam sido desativadas e demolidas, e também pela descoberta do cemitério, que tornou-se daí então o alvo principal da pesquisa realizada pelos arqueólogos da fundação Seridó.

## Casa 1-

Verificou-se nesta casa, na área do istmo original, a ausência de algumas divisões de cômodos, onde deveria haver a sala de estar, alcovas, área de estar íntimo e cozinha. As fundações desta área frontal apresentam-se estruturadas em alvenaria de pedra e cal com presença de conchas bivalves, com grande variação na dimensão das pedras utilizadas, o que caracteriza uma maior antiguidade dessa estrutura em relação a outras encontradas na área dos aterros.

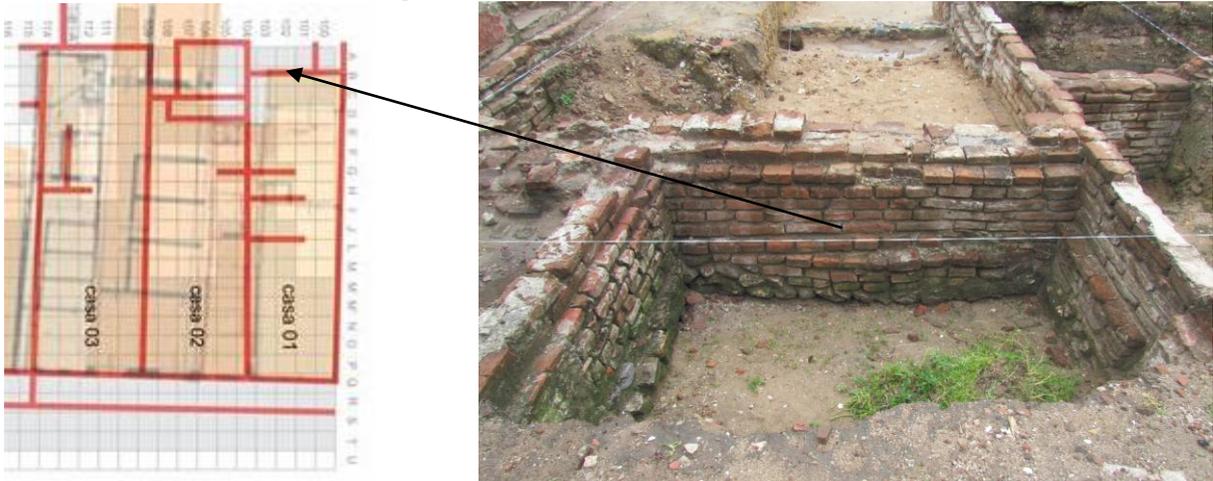
Figura 61 - Estruturas da casa 1



Fonte: Fundação Seridó, 2013

As estruturas dos cômodos posteriores foram edificadas após o primeiro aterro em alvenaria de tijolo maciço e argamassa de cal e barro, com algumas pedras relativamente uniformes e de pequenas dimensões.

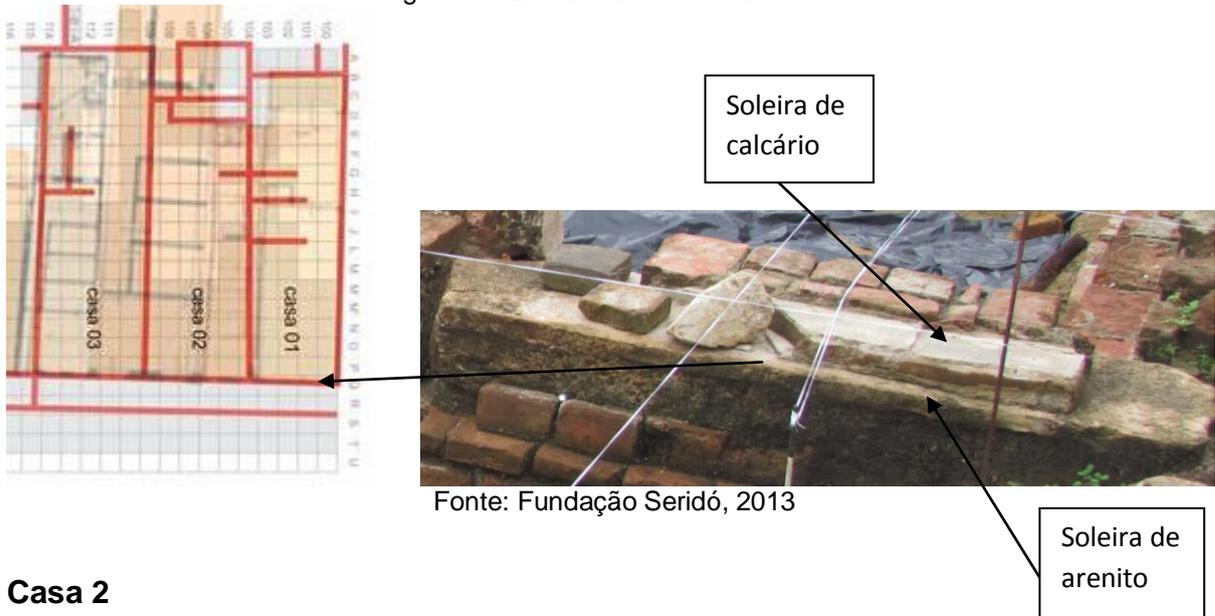
Figura 62 - Cômado do fundo da casa 1



Fonte: Fundação Seridó, 2013

Na Casa 1, na porta de entrada, uma antiga soleira de arenito provavelmente proveniente dos arrecifes, foi encoberta por outra de calcário, hoje, desgastada pela ação do uso e do tempo. Esta sobreposição denota uma modernização da edificação, justificando uma estrutura de alvenaria de parede mais recente, do século XIX, conforme fotografias do início do século XX, (Figura 10).

Figura 63- Detalhe da soleira da casa 1



Fonte: Fundação Seridó, 2013

## Casa 2

A exemplo da casa 1, a casa 2, também tem sua estrutura frontal voltada para a Rua de São Jorge e segue os mesmos padrões construtivos dos séculos XVII e XVIII. Foi edificada em alvenaria mista de pedra e tijolos cerâmicos com

argamassa de cal com presença de conchas bivalves, com grande variação na dimensão das pedras utilizadas. As estruturas das divisões internas, na área original do istmo praticamente não perduraram. As escavações mostraram estruturas de fundações de cômodos internos que foram edificadas na área do aterro, já no século XIX.

Figura 64 – Vista da divisão de cômodos da casa 2.

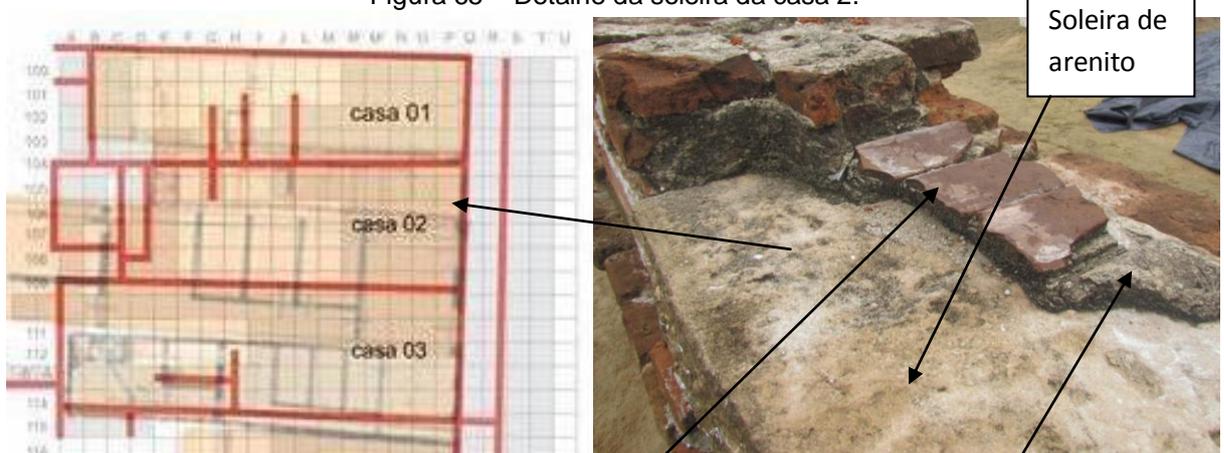


Fonte: Fundação Seridó, 2013

Casa 2

Na casa 2 foi identificadas uma soleira em arenito na entrada, onde pode se observar um assentamento de lajotas de cerâmica, sobre uma camada de cimento *portland* (Figura 66), evidenciando a sua reutilização durante as ocupações moderna.

Figura 65 – Detalhe da soleira da casa 2.



Fonte: Fundação Seridó, 2013

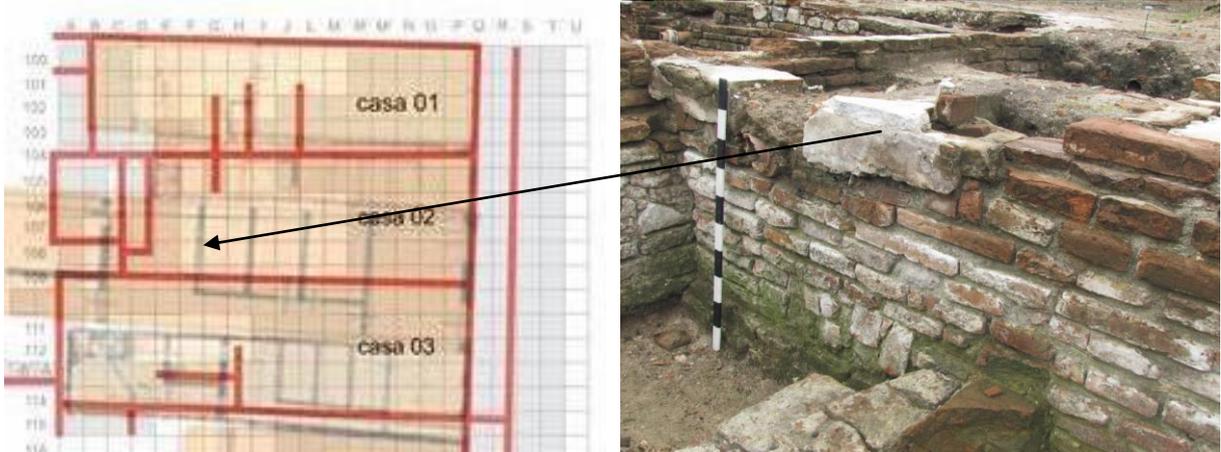
Lajotas de  
cerâmica

Cimento  
*portland*

Soleira de  
arenito

Numa das divisões internas desta casa foi identificada a implantação de uma soleira, que foi assentada sobre os tijolos cerâmicos da fundação, denotando modificações posteriores a edificação.

Figura 66- Soleira divisória de cômodos, casa 2



Fonte: Fundação Seridó, 2013

### Casa 3

A casa 3 também tem sua estrutura frontal voltada para a Rua de São Jorge, e segue o mesmo padrão construtivo, edificada com uma camada de alvenaria com grandes blocos de rocha e cal. Uma parte desta estrutura ruiu durante os trabalhos arqueológicos, restando apenas uma pequena parte com uma soleira de arenito.

Figura 67– Remanescente da fundação da parede frontal da Casa 3



Fonte: Fundação Seridó (2013).

A fundação da parede divisória com a casa 2 em toda sua extensão, apresenta alvenaria mista de tijolo cerâmico de diversas pedras de variadas dimensões e formas, e argamassa de cal, com grande utilização de refugos construtivos como fragmentos de telha cerâmica para preencher os espaços vazios.

Foi identificado um acúmulo de argamassa, sobre a estrutura, com uma marca quadrangular, provavelmente feita por algum tipo de madeira que tenha sido ali fincada.

Figura 68 – Fundação da parede divisória entre as casas 2 e 3



Fonte: Fundação Seridó (2013).

A estrutura da fundação da parte posterior da casa apresenta-se com uma forma mais ordenada. Acima destas estruturas e ao nível do piso encontram-se duas soleiras de arenito, com cerca de 1m. de comprimento.



Fonte: Fundação Seridó (2013).

Vale salientar que esta parte posterior não corresponde ao perímetro original do istmo

A estrutura da fundação da parede divisória entre as casas 3 e 4 apresenta-se com o mesmo sistema construtivo de alvenaria mista, de pedra e cal, com pedras de variados tamanhos e formas.

Figura 70- Fundação da parede divisória entre as casas 3 e 4



Fonte: Fundação Seridó, 2013

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as fontes pesquisadas para este trabalho, em termos de iconografia, foram usadas imagens que possibilitaram uma leitura e compreensão da evolução e da dinâmica do espaço urbano no bairro do Recife, com foco na área do istmo correspondente a Rua de São Jorge, que era predominantemente residencial e de seu entorno.

A respeito da historiografia, o estudo fortaleceu o entendimento de que a igreja de Nossa Senhora do Pilar possui um inegável valor histórico por ser a propulsora do desenvolvimento urbanístico do fora de portas.

Considerando a existência de sepultamentos no istmo que podem estar relacionados com o hospital de campanha do extinto forte de São Jorge, nenhum outro tipo de ocupação abaixo das fundações foi verificado.

Em termos de técnicas construtivas as estruturas das fundações estudadas, deram as diretrizes das configurações espaciais, dos vários momentos construtivos, do dimensionamento e distribuição interna das casas, do material utilizado na edificação e da maneira de construir dos séculos XVII e XVIII.

A análise cartográfica mostrou que o istmo permaneceu sem ocupações residenciais até o início do século XVIII, quando da extinção do Forte de São Jorge. Em 1763 aparece pela primeira a representação das casas da Rua de São Jorge segundo a cartografia pesquisada.

No âmbito da arqueologia da arquitetura, análises laboratoriais do material construtivo das fundações deverão ser realizadas futuramente. Apesar de se ter tomado uma postura da arqueologia da arquitetura, tais análises não foram ainda realizadas.

As análises da iconografia, cartografia, estratigrafia, das características construtivas e da distribuição interna das estruturas das fundações das casas pesquisadas, sugerem que parte das estruturas de fundação evidenciadas correspondam àquelas das primeiras casas na Rua de São Jorge, erguidas no século XVIII. As fotografias realizadas no início do século XX mostram fachadas mais recentes, do século XIX, denotando um processo de modernização das mesmas. Os aterros que aconteceram na área aumentaram o espaço disponível para a ampliação das casas já existentes e a construção de novas residências voltadas para a Rua Bernardo Vieira de Melo.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. **Jesuítas em Olinda: Igreja de Nossa Senhora da Graça, Herança e Testemunho.** 470 fl. Tese (Doutorado), Programa de Pós- Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1995.
- \_\_\_\_\_. Arqueologia Histórica, Arquitetura e Restauração. **CLIO ARQUEOLÓGICA** Recife V.1, N. 8, 1992, PP. 131-151.
- ALBUQUERQUE, P. T. S. **A práxis Arqueologia em cotas Positivas e negativas do conjunto do Carmo Olinda:** Suporte para a Implantação de um Programa de Restauração e Conservação, IPHAN, 2007.
- ANDROVANDI, V. C; BORBA, F. M. B. in VELOSO, H. E. (org.). **Arqueologia do Ambiente Construído:** Uma incursão pelos fundamentos teóricos metodológicos. Estudos sobre a cidade antiga. São Paulo: Edusp, 2009.
- ARAÚJO, R. A. D. **Identidade e Autenticidade dos Restos de um Baluarte.** Textos para Discussão – Gestão de conservação urbana; Editora: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada. Olinda, 2007.
- ARAÚJO, H. G. **Manualização de Construções em Adobe.** Monografia. Universidade Federal do Ceará; Centro de Tecnologia. Departamento de Engenharia Estrutural e Construção Civil. Fortaleza, 2009.
- ARRAIS, R. **O pântano e o riacho,** A formação do Espaço Público no Recife do Século XIX. 552 p. USP, 2004. (série teses).
- AZEVEDO, H. D. S. **Reforço de Estruturas em Alvenaria de Pedra, Taipa e Adobe com Elementos de Madeira Maçica.** Dissertação de mestrado FEUP- Faculdade de Engenharia Universidade do Porto. Porto, jul 2010.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço.** São Paulo, Nova Cultura, 1988.
- BARBOSA, J. L. As favelas como território de reinvenção das cidades. **Cadernos do Desenvolvimento Fluminense.** Rio de Janeiro n. 1, fev. 2013.
- BARLEUS, G. **História dos Feitos Recentemente Praticados Durante oito anos no Brasil – 1584-1648.** Prefeitura da cidade do Recife- Secretaria de Educação e Cultura- Fundação de Cultura cidade do Recife. Recife 1980.
- BARTHEL, S. G. A. **Vestígios da Art. Deco na cidade do Recife (1919-1961):** Abordagem Arqueológica de um estilo Arquitetônico. 342 f.il. Tese de Doutorado Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2015.
- BARRETO, A. (Cel.). **Fortificações do Brasil** (Resumo Histórico). Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército, Editora. 1958.
- BENEVOLO, L. **Introdução a Arquitetura.** Ed Mestre Jou. São Paulo, 1972.
- BENEVOLO, L. in ALBRECHT, B. **As Origens da Arquitetura.** Edições 70. Lisboa, 2002
- BINFORD, L. Organization and Formation Process. Looking and curated Technologies. **Jornal of Antropological Research,** v 35, n 3 University of New Mexico, 1979.
- BONDUKI, N. **Habitação no Brasil:** uma história em construção. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Escola de Engenharia de São Carlos. Universidade de São Carlos, 2013.
- BURY, J.; Oliveira, M. R. (org.). **Arquitetura e arte no Brasil Colônia.** Ed. Nobel. São Paulo, 1991.

BRANCHELLI, F. A. **Vida Material e Econômica da Porto Alegre Oitocentista**. Dissertação (mestrado) Programa de Pós- graduação em História - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2007.

CABALLERO, Z. L. Arqueologia e Arquitetura: Análises arqueológicas e intervencion em edifícios históricos, in curso as compostela: **Xinta de Galícia**, PP. 131-158 e 457-469, 1997.

\_\_\_\_\_. Arqueologia de La Arquitetura: conocimiento e intervencion, in estudos, patrimônio, Ed nove, Lisboa; **Ministério da Cultura e IPPAR**, PP.33-43, 2006.

CAMPOS, I. M. Alvenaria com tijolos comuns. **Fórum da Construção**. Jan 2007.

CARDOSO, L. **Crônica da casa assassinada 2**. Editora Civilizações Brasileiras. São Bernardo do Campo, 2005.

CASTELMOU NETO, A. M. A intervenção arquitetônica em obras existentes. **Seminário: Ciências. Exatas/ Tecnologia**. Londrina, vol. 13, n. 4 p. 265-268, dez 1992.

CASTRO, J. **Fatores da localização da cidade do Recife**. Um ensaio de geografia urbana. Imprensa Nacional Brasil, 1958.

CARRERA, M; SURYA, L.- A Arqueologia da Arquitetura: Contribuição nos Projetos de Restauro e Preservação. ARIC- Faculdade Damas de Instrução Cristã. **ARCHITETON - Revista de Arquitetura e Urbanismo**. Vol. 2 N. 1. 2012.

CARVALHO, M. R; Moreira, F. D; MENEZES, J. L. M. **Um Recife Saturnino**: Arquitetura, Urbanismo e Saneamento. Néctar, Recife, 2010.

CAVALCANTI, C. B. **O Recife e seus Bairros**. Edição 6. CCS gráfica e Editora Camaragibe, 2013.

CAVALCANTI, V. B. **Recife do Corpo Santo**, Ed. CEPE. 326p Recife, 1977.

COELHO, M. M. **Introdução ao estudo dos Instrumentos Teóricos sobre a Intervenção no Patrimônio Edificado**. Primeira parte do Programa de Estágio: IPPAR/DRL. 2002/2003.

COLIN, S. **Coisas da Arquitetura**: tipos e padrões da arquitetura civil colonial- I. 28/02/2011.

COUTO, D. D. L. **Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco**. Oficina typographica da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 1904.

COSTA, F. A.P. **Anais Pernambucanos**. Recife: Governo do Estado de Pernambuco. Arquivo Público Estadual de Pernambuco. 1984 v. 2. V. 7

**Diário de Pernambuco**, 11 de outubro de 1987. P. A- 21.

\_\_\_\_\_. 21 de março de 1993. P. C- 3.

**Dictionary Architecture Vortaro**, Arkiteturo S/D.

DINIZ, M. Sesmarias e posses de terras política fundiária para assegurar a colonização brasileira. História. **Revista eletrônica do arquivo do Estado**. Ed. 2, jun/ 2005.

DYSON, S. From New To New Age Archaeology: Arcaelological Theory and Classical Arcaelogy- A 1993. **Perspective American Journal of Arcaelogy**.97:2 p. 195-206.

ENGELS, F. **A questão da Habitação**. Acadêmica, São Paulo, 1988.

FONSECA, A. C. M. **Fachadas Azulejadas na Arquitetura Civil de Recife e Olinda- século XIX e início do século XX**: Inventário e Plano de Conservação. Dissertação (Mestrado) em Metodologia de

Intervenção no patrimônio Arquitetônico. Universidade do Porto Faculdade de Arquitetura. Porto, 2009.

FUNARI, P. P. A. **Arqueologia**. São Paulo, contexto 2003.

\_\_\_\_\_. Teoria e Métodos na Arqueologia contemporânea: O contexto da Arqueologia Histórica.

**MNEME- Revista de Humanidades**. Dossiê Arqueologias Brasileiras. V. 6 N.13; dez 2004/ jan 2005.

FUNDAÇÃO SERIDÓ. **II Relatório do Acompanhamento Arqueológico para as obras de Implantação do Projeto do Habitacional Pilar**. Fundação Seridó. Recife, 2013.

\_\_\_\_\_. **IV Relatório do Acompanhamento Arqueológico para as obras de Implantação do Projeto do Habitacional Pilar**. Fundação Seridó. Recife, 2013.

\_\_\_\_\_. **X Relatório do Acompanhamento Arqueológico para as obras de Implantação do Projeto do Habitacional Pilar**. Fundação Seridó. Recife, 2013.

\_\_\_\_\_. **XII Relatório do Acompanhamento Arqueológico para as obras de Implantação do Projeto do Habitacional Pilar**. Fundação Seridó. Recife, 2013.

\_\_\_\_\_. **XIV Relatório do Acompanhamento Arqueológico para as obras de Implantação do Projeto do Habitacional Pilar**. Fundação Seridó. Recife, 2013.

FREYRE, G. **Assombrações do Recife Velho**. Ed. Topbooks Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. **Casa grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48 ed. Re. São Paulo.Global, 2003 375 p.

GARRIDO, C. M. **Fortificações do Brasil**: Subsídios para a história marítima do Brasil. Separata Vol. III; Imprensa Naval Rio de Janeiro 1940.

GIEDEON, S. **Espaço, tempo e Arquitetura**: o desenvolvimento de uma nova tradição. Tradução de Alvamar Lamparelli. São Paulo, 2004.

GESTEIRA, H. M. O Recife Holandês: História Natural e Colonização Neerlandesa (1624-1654) **Revista da SBHC**. Rio de Janeiro V.2, n.1 pp. 6-21, Jan/Jun 2004.

GIUSTINA, L. B. D. **O pilar que ficou**: um estudo de conservação em bens patrimoniais a partir do conceito de valor: o caso da Igreja do pilar do Recife. . Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Desenvolvimento Urbano, Arquitetura conservação e Restauração. 218 folhas: Il. 218. Recife, 2010.

GUERRA, F. A Euforia das Reconstruções após 1654. **Clio Arqueológica** n. 19, VOL. 2, PP 104-111,2005,

GUERRA, F. **Velhas Igrejas e Subúrbios Históricos**. Série evocações histórica do Recife (II). Departamento de documentação e cultura. Prefeitura municipal do Recife, Recife, 1959.

HODDER, I. **Interpretacion em Arqueologia**: corrientes actuales. Barcelona, 1994.

\_\_\_\_\_. **Architecture and Meaning**: The Example of Neolithic Houses and Tombs. In: PEARSON, M. P.; RICHARDS, C. (eds). *Archetecture and Order. Approaches to Social Space*. New York, 1994 P. 73-86.

\_\_\_\_\_. **Symbols in Action**: Ethnoarchaeological studies of Material Culture. Cambridge,1982

HODDER, I.; HUDSON, S. (eds). *Arqueologia como Arqueologia. Rieding the Past. Current Approaches to Interpretation in Arcaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. P. 236-243.

ICOMOS. **Cartas de Veneza**, 1964

KERN, A. A. A importância da pesquisa arqueológica na Universidade **Revista do CEPA**, 1985.p. 10.

KUHL, B. M. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização**: Problemas teóricos de restauro. Cotia são Paulo, 2008. Ateliê Editorial

LEITE, J. R. **Arte & Arquitetura no Brasil holandês**. CEPE, Recife, 2014.356 p. II.

LEROI-GOUHAM, A. **Evolução e técnicas**. Edições 70. Lisboa, 1984.

LIMA, T. A. Arqueologia Histórica Algumas considerações Teóricas. **I Seminário de Arqueologia Histórica SPHAN/FNPM**. Rio de Janeiro, Out 1985.

LINS, A. G. S. B. **Representações de Identidades da Cidade Necessária ( modelos e configurações urbanas distintas) na iconografia do Recife colonial: Planos de Phernam-buquo do ante-bellum à Restauração** – Tese( doutorado- Área de concentração: história e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo)- FAUUSP. São Paulo, 2011 p. 343.

LOURENÇO, P. B; OLIVEIRA, D. V. **Recomendações Para Análise, conservação e Restauro Estrutural do Patrimônio Arquitetônico**. Universidade do Minho, Departamento de Engenharia Civil. ICOMOS – Comitê Científico Internacional Para Análise e Restauro de Estruturas do Patrimônio Arquitetônico.

LUBAMBO,C. W. **O Bairro do Recife**: entre o corpo santo e o marco zero. Editora CEPE, Recife, 1991.

MATOS, M. X. G. **Análise de Estruturas em Alvenaria**: modelo para análise e identificação dos processos construtivos e das etapas de execução de uma edificação de valor histórico/cultural. Dissertação (Mestrado). 241 p. II. UFPE Recife, 2009

MELLO, E. C. **A fronda dos mozambos- nobres contra mascates, Pernambuco 1666-1715**. Editora 34, Ed.2. São Paulo, 2003;

MELLO, J. A. G. **Tempo dos Flamengos**: Influência da Ocupação Holandesa na vida e na Cultura do Norte do Brasil. Ed. Topbooks 3 edição Rio de Janeiro, 1987.

MENEZES, J. L. M. **Atlas Histórico e Cartográfico do Recife**, 1988

\_\_\_\_\_. O urbanismo holandês no Recife: Permanências no urbanismo brasileiro. **URBAN ismo 4** de origem portuguesa. Lisboa 2000.

MERTINS, G. La Renovación de los Centros históricos em Latinoamérica: Fases, Conceptos y Estratégias. **Memórias: Revista digital de história y arqueologia desde El caribe** – Colômbia, 2006.

MIRANDA, B. R. F. Fortificações da Barra e do porto do Recife- século XVII. ANPUH-XXII Simpósio Nacional em História. João Pessoa 2003.

MONTANER, J. M. **As formas do século XX**. Barcelona, 2002.

MORAIS, D. **Arqueologia da arquitetura**: Estação Ferroviária do Piraju: Ensaio de arqueologia da arquitetura de Ramos de Azevedo. 164 p. Habilis. Erechin- RS, 2007.

M. H. S. P. **A casa Brasileira do Período colonial à Arquitetura moderna**. Perspectivas online. Ciências Humanas e sociais Aplicadas. Rio de Janeiro, 2014.

NASCIMENTO, E. M. V. **Olinda**: Uma leitura histórica e Psicanalística da memória sobre a cidade. 388 p. II. Tese ( doutorado) Universidade Federal da Bahia Salvador, 2008.

NERY, N. S. **Inclusão Sócio-espaical de Comunidades Pobres**: programa de requalificação urbanística e inclusão social da comunidade do Pilar, Bairro do Recife-PE. 122f. II.. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Pernambuco. CFCH Programa de pós-graduação em Geografia Recife, 2012.

OLIVEIRA, A. M. V. **A casa como Universo de Fronteira**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas, 2004.

ORLANDO, A. **O porto e a cidade do Recife**. Typografia do jornal do Recife- Recife, 1908.

ORSER, C. **Introducción a La Arqueologia Histórica**. Buenos Aires: Asociación Amigos Del Instituto Nacional de Antropologia, 2000.

\_\_\_\_\_. **Beneath the Material Surface of things**: Commodities, artefacts, and Slave Planta-tions. *Historical Archaeology*. 26:3, 95-103. 1992

PEREIRA FILHO, A. M. **Análise do Art Nouveau no Estado de Pernambuco (1870-1939)**. 235 fl. II. Dissertação ( Mestrado) UFPE. Recife, 2007.

PEREIRA, J. N. A. **Renovar Preservando**: Os imóveis Especiais de Preservação no Recife. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Desenvolvimento Urbano, Recife, 2009. 361 fl. II. fig. Tab. Quadros.

PISANI, M. A. J. **Taipais. A arquitetura de terra**. Sinergia, São Paulo, V. 5, N. 1 p. 9-15. Jan/jun 2004.

PONCIONI, C. O Brasil Visto por Louis Léger Vauthier (Pernambuco, 1840-1846)- Diários e Cartas. **Ensaio; Navegações**. V. 3 N. 2, p. 121-129. Porto Alegre, jul/dez 2010.

PONTUAL, V. Tempos do Recife: Representações Culturais e configurações Urbanas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo: Vol.21, n.42, p. 417-434. 2001.

RAMALHO, M. D. M. **Arqueologia da Arquitetura**: O método arqueológico aplicado ao estudo e intervenção em patrimônio arquitetônico. *Estudos / Patrimônio*, 3:19-29. 2002

RAMOS, A. C. P. T. Além dos Mortos a Cruz do Patrão: Simbolismo e Tradição no Uso do Espaço no Recife. **Revista CLIO Série Arqueológica** Universidade Federal de Pernambuco. V2, p1-12, 2008.

RAPOPORT, Amos. **House Form and Culture**. Prantice-Hall, inc. New Jersey, 1969.

\_\_\_\_\_. **The Meaning of Bult Environment**. Arizona University os Arizona,1982.

\_\_\_\_\_. **Systems os Activities and Systems of Settings**. Domestic Architecture and the Use of Space. Cambridge: Cambridge University Press. 1990.

REIS FILHO, N. G. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. Perspectiva São Paulo 1970

RENFREW, C; BAHN, P. **Arqueologia, Teorias, Métodos y Prática**. Madrid: Akal, 1993

REYNALDO, A. **Origem da Expansão do Recife**: Divisão do Solo e Configuração da Trama Urbana. 2013.

- RIBEIRO, C. R. V. **A Dimensão simbólica da Arquitetura**: Considerações a Respeito do Habitante, do Lugar e do Espaço Habitado. EAUFMG/NPGAU. Belo Horizonte, 1999.
- RIBEIRO, N. P. **Técnicas Construtivas Tradicionais das Alvenarias no Brasil**: Conservação e Restauro Arquitetura brasileira. Ed. Rio. Rio de Janeiro, 2003.
- RIBEIRO, P. A. M. **Manual de Introdução a Arqueologia**. Porto Alegre: sulina, 1977.
- RIBEIRO, R. T. M. **Patologias nas Construções Históricas**. IN. Conservação e Restauro: Arquitetura, Márcia Braga (org). Rio de Janeiro, 2004.
- RICSOFFER, A. **Diário de um soldado (1629-1632)**. Organização e Estudo introdutório Leonardo Dantas Silva. Tradução de Alfredo de Carvalho. Recife, CEPE, 2004. P. 175.
- RODRIGUES, A. M. **Moradia nas cidades Brasileiras**. Ed. 2, Contexto. São Paulo, 1989.
- RODRIGUES, J. M. V. **Principais Técnicas de Consolidação e Reforço de Paredes de Edifícios Antigos**. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil na Especialidade de Revitalização d Edifícios. FCT- Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Nova de Lisboa. Departamento de Engenharia civil. Lisboa, 2010.
- SANTOS, G. A. R. Propostas de Musealização de Sítios Arqueológicos Urbanos em Laranjeiras- SE. **Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH**. 2012
- SANTOS, M. A. **Recife: entre a sujeira e a falta de (com)postura 1831- 1845**. 147 fl. II. Dissertação (mestrado) em Historia social da Cultura Regional. Universidade Federal Rural de Pernambuco Recife, 2009.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado, Fundamentos Teórico e Metodológico da Geografia**. Hucitec, São Paulo, 1988.
- \_\_\_\_\_ **Metamorfoses do Espaço Habitado**. Hucitec, São Paulo, 1994.
- SANTOS, P. F. Formação de Cidades no Brasil Colônia. **V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros**. Coimbra, 1968
- SANTOS, R. Arqueologia da Arquitetura: Olhar Paredes, Ver Vivências; **Revista da Arqueologia publica** v.9 n. 11 2015
- SETTE, M. **Arruar, História pitoresca do Recife Antigo**. Livraria-Editora da casa do estudante do Brasil. 368 p. Recife,1978.
- SILVA, A. F. **Proposta de delimitação da área do entorno e perspectiva de revisão do tombamento do conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico do antigo bairro do Recife. Patrimônio: práticas e reflexões** - Rio de Janeiro: IPHAN/ COPEDOC, 2007. P.45-80 (Edições do programa de especialização em patrimônio do IPHAN 1).
- SILVA, L. D. **Holandeses em Pernambuco 1630-1654**. 368 p. II. 2 ed.rev. e ampl. caleidoscópio, Recife, 2011
- SOUSA, A. **O Ensino da Arquitetura no Brasil Imperial**. Universidade Federal da Paraíba João Pessoa, 1951.
- SOUZA, E. C. M. **Cenário da Exclusão e Enobrecimento Urbano: a Favela do Rato (Recife)**. Monografia Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Sergipe. Centro de Educação e Ciências Humanas. Departamento de Educação. São Cristóvão, 2007.
- SCHIFFER, M. B. **Formation Process of the Archaeological**. Record. Salt Lake City. University of Utah Press, 1996.

\_\_\_\_\_. **Formation Process of the Archaeological.** Record. Albuquerque University of New Mexico, 1987.

SCHMIDT, C. B. **Construções de Taipa:** alguns aspectos de seu emprego e de sua técnica. São Paulo. Secretaria de Agricultura, 1946

SMITH, R. C. **Arquitetura Civil no Período Colonial.** Ministério da Educação e Cultura, 1969. 254p.

SYMANSKI, L. Grupos Domésticos, Comportamento de Consumo e Louças: O caso do Solar Lopo Gonçalves. **Revista de História Regional,** América do Norte, 2007.

TIRELLO, R. A. **Um trabalho arqueológico:** A descoberta dos Murais Artísticos e a Estratigrafia Arquitetônica de uma Velha Casa no Bexiga. In: COMISSÃO de Patrimônio Cultural da USP. A casa de Dona Yaya. 2 ed. São Paulo: Edusp; Imesp, 2001 p. 100-135.

\_\_\_\_\_. A arqueologia da arquitetura: um modo de entender e conservar edifícios históricos. **Revista CPC,** n.3 p. 145-165 São Paulo, Nov. 2006/ Abr. 2007.

TUAN, Yi Fu. (1930). Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VALADARES, P. **Implicações no Sistema Defensivo na Organização Espacial Urbana no Recife Nassoviano:** Uma análise sobre Princípios da Sintaxe Espacial. Caderno de pós- graduação em Arquitetura e Urbanismo. Mackenzie 2002.2.

VALTIER, I. I. – Casas de Residências no Brasil. In. Arquitetura Civil I. Textos escolhidos da **Revista do IPHAN.** São Paulo: FAUUSP e MEC IPHAN, 1975.

VASCONCELOS, T. L. MARQUES DE SÁ, L. A. C. A cartografia histórica da Região metropolitana do Recife. **1º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica.** Passado Presente nos Velhos Mapas: conhecimento e poder. 10 a 14 mai Paraty, 2011.

VITRUVIO. **Da Arquitetura.** São Paulo: Hucitec: Annablume, 2002.

ZANCHETI, S. M. **O Recife do Século XVIII como cidade Barroca.** Centro de Conservação Integrada Urbana e Territorial- CECI. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2012.

ZÁRATE, D. L.; MOREIRA, F. D. **Conservação da Autenticidade em Centros Históricos:** Um Estudo Sobre o Polo Alfândega no Recife. Textos para discussão- Série 2 Gestão de Restauo. Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada. Olinda, 2010.

ZARANKIN, A. **Paredes que Domesticam:** Arqueologia da Arquitetura Escolar Capitalista. Tese de Doutorado. UNICAMP. São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. Leituras da sociedade Moderna: Cultura Material, Discursos e Práticas. Arqueologia da Sociedade Moderna da América do Sul. Del Tridente. Bueno Aires, 2002.

\_\_\_\_\_. Arqueologia de La Arquitetura, Modelando al Individuo Disciplinado em La Sociedade Capitalista. Revista de La Arqueologia Americana. N. 22 Instituto Panamericano de Geografia e História, 2003.

ZORRAQUINO, L. D. **A Evolução da Casa no Brasil.** Programa para Revalidação de Diplomas- Universidade Federal do Rio de Janeiro Departamento de História e Teoria. Rio de Janeiro- Julho, 2006.